



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**SATISFAÇÃO EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS: O PAPEL DAS
ESTRATÉGIAS DE COMPORTAMENTO, DA PERSONALIDADE E DOS
VALORES HUMANOS**

Olindina Fernandes da Silva Neta

JOÃO PESSOA
FEVEREIRO - 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**SATISFAÇÃO EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS: O PAPEL DAS
ESTRATÉGIAS DE COMPORTAMENTO, DA PERSONALIDADE E DOS
VALORES HUMANOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, por Olindina Fernandes da Silva Neta, sob a orientação do Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

JOÃO PESSOA
FEVEREIRO – 2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N469s Silva Neta, Olindina Fernandes da.

Satisfação em Relacionamentos Amorosos: o papel das estratégias de comportamento, da personalidade e dos valores humanos / Olindina Fernandes da Silva Neta. - João Pessoa, 2019.

171 f.

Orientação: Valdiney Veloso Gouveia.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Satisfação em relacionamentos amorosos; valores. I. Gouveia, Valdiney Veloso. II. Título.

UFPB/CCHLA



ATA DE DEFESA DE TESE

Aos vinte dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove, na Sala 404-B, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social para o exame de Defesa de Dissertação da discente **Olindina Fernandes da Silva Neta** (orientanda, UFPB, CPF: 050.449.243-85). Foram componentes da banca examinadora os professores: Dr. Valdiney Veloso Gouveia (UFPB, Orientador, CPF: 442.051.554-68), Dr^a Patricia Nunes da Fonseca (UFPB, Membro interno, CPF: 675.852.564-34), Dr^a Karen Guedes Oliveira (F.M.Nassau, Membro externo ao programa, CPF: 076.687.004-98) e Dr^a Estefânea Élide da Silva Gusmão (UFC – Membro Externo ao programa, CPF: 007.386.414-56). Na cerimônia compareceram, além do examinado, alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o presidente da banca, Prof. Dr. Valdiney Gouveia, após declarar o objetivo da reunião, apresentou a examinada **Olindina Fernandes da Silva Neta** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que apresentasse sua dissertação, intitulada: “**Satisfação em relacionamentos amorosos: o papel das estratégias de comportamento, da personalidade e dos valores humanos**”. Passando então ao aludido tema, a candidata foi, a seguir, arguida pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe a avaliação “**APROVADO**” na defesa de trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, nível Mestrado. Nada mais havendo a tratar, eu, Julio Rique Neto, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos, assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 20 de fevereiro de 2019.

Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia

Prof. Dr. Patricia Nunes da Fonseca

Prof. Dr. Karen Guedes Oliveira

Prof. Dr. Estefânea Élide da Silva Gusmão

Prof. Dr. Julio Rique Neto
Coordenador

À minha família
Ao meu tio Anastácio Holanda Costa (*in memoriam*)

Agradecimentos

Há dois anos vim morar em João Pessoa para fazer o mestrado em Psicologia Social. Foi um passo desafiador. Muitas mudanças, abandono da zona de conforto, despedidas, encontros, começos, recomeços... Foi um período de muito aprendizado acadêmico e pessoal. Dos momentos mais difíceis aos mais felizes, tive pessoas muito queridas ao meu lado. Jamais teria chegado até aqui sozinha. Nessa dissertação tem um pedacinho de cada um que foi fundamental nessa caminhada, dos presentes que Deus sempre coloca em minha vida. E o sentimento é de Gratidão. Gratidão a Deus por me abençoar tanto, por me dar forças e por sempre iluminar meu caminho.

Ao meu orientador, *Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia*, por quem nutro uma enorme admiração e respeito. Muito obrigada, professor, por ter me recebido em seu núcleo de pesquisa, por todo incentivo, confiança, acolhimento, conhecimentos compartilhados, conhecimentos não apenas acadêmicos, mas também de vida, pelas oportunidades, por sempre ressaltar o valor da amizade, do respeito e da gratidão. É uma honra para mim conviver com o senhor, que é exemplo de profissionalismo, caráter, competência e dedicação.

À *profa. Dra. Patrícia Nunes da Fonseca*, pela leitura cuidadosa desde a jornada, por todas as contribuições valiosas, disponibilidade e carinho com que sempre me recebeu! A senhora é exemplo de profissional ética e competente! Obrigada por aceitar participar deste momento! À *profa. Dra. Karen Guedes Oliveira*, por todo carinho, conhecimentos compartilhados e disponibilidade! Aprendo muito com você! Você é uma inspiração! Obrigada por aceitar participar desse momento! À *profa. Dra. Estefânea Élide da Silva Gusmão*, quem me apresentou este mundo, por todo incentivo, apoio, amizade, carinho, ensinamentos, por acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditava! A senhora é uma referência, enquanto pessoa e profissional! Obrigada por aceitar participar deste momento!

À minha amada família, avós, tios, primos. Por todo amor e torcida! Os grandes responsáveis por tudo isso, sem dúvidas, são vocês! À minha mãezinha *Cleide*, sinônimo de força, garra, amor, serenidade. O seu caráter é inspirador! Muito obrigada por sempre me apoiar em tudo, por me incentivar, por todo amor e cuidado! Fico emocionada só em pensar na senhora, em tudo que a senhora é e significa para mim. Ao meu pai *José Maria*, por todo apoio, suporte e amor. O meu amor por vocês é imensurável!

O meu eterno amor e gratidão a *Anastácio Holanda Costa (in memorian)*, meu tio, padrinho e pai. O senhor estaria tão feliz com mais esse passo alcançado em minha formação. Sempre acreditou em mim, mais que eu mesma! Me acolheu como filha, me deu todo amor, suporte, colo, incentivo! *Tia Maria*, palavra nenhuma é suficiente para expressar o meu amor e minha gratidão pela senhora... Deus sempre tão maravilhoso me presenteou com a senhora, que é uma inspiração para mim! Sem a senhora, eu com certeza não teria chegado até aqui. Muito obrigada por tanto amor, tanta dedicação, tanto cuidado... muito obrigada por TUDO e por TANTO! *Tia Cida*, você é muito especial! Desde muito cedo sempre fui muito próxima a você e sentia em você um porto seguro, quantas vezes recorri a você nos mais diversos momentos? Inúmeras! Doação, dedicação, amor e bondade palavras que lhe definem bem! Muito obrigada por estar presente em todos os momentos!

Às minhas amadas e lindas irmãs *Holayna*, *Lara* e *Kyara*. Vocês são fundamentais em minha vida! Não há como mensurar a importância de vocês, o amor que sinto por cada uma! Obrigada por todo amor, por todos os momentos de leveza e paz, por todo cuidado e parceria... A firmeza, a coragem e a fé de vocês me inspiram. Vocês me inspiram a ser uma pessoa melhor! Deus me deu ainda dois primos que os considero mais irmãos. *Vantuir* e *Wantuil*. Vocês que sempre estiveram comigo. Muito obrigada por todo cuidado, parceira e amor! Vocês são muito importantes para mim! Vocês dois me deram três amores, os

melhores presentes! *Victor Matheus, Maria Sophia e Elysa Victória*. Palavra nenhuma seria suficiente para descrever o amor que sinto por eles, a paz e a leveza que eles me trazem!

Aos meus amigos do Núcleo de Pesquisa Bases Normativas do Comportamento Social (BNCS). Sem dúvidas pessoas que levarei sempre comigo! Tenho a honra de conviver e aprender diariamente com cada um! *Thiago Cavalcanti*, meu amigo querido! Que felicidade a minha ter sua amizade! Muito obrigada por todo cuidado, preocupação e sorrisos compartilhados! Em meio a tantos medos e insegurança, você trouxe paz e leveza! Você é um exemplo para mim! *Bárbara Cunha*, não sei se você tem ideia do meu carinho por você! Você é uma pessoa que só cresce. Competente, dedicada, amiga, sempre disposta a ajudar e aprender. *Nájilla Bianca*, uma pessoa de fé, linda, de bom coração, divertidíssima. Sou muito feliz por ter você pertinho, você é uma benção! *Karen Guedes*, uma inspiração! Sempre linda e elegante! Competente, ética, uma excelente profissional! Obrigada por seu carinho e sua linda amizade! *Isabel Oliveira*, princesa linda! Lembro-me que logo que passei na seleção você me mandou uma mensagem parabenizando e desejando boas-vindas. Isso significou tanto para mim! Você é uma pessoa muito especial! Uma pessoa inteligentíssima, ética, comprometida e amiga! *Bruna Lopes*, muito obrigada pelo acolhimento, incentivo e carinho. *Aline Almeida*, uma pessoa que conheço a pouco tempo, mas que já nutro grande carinho, uma pessoa competente, dedicada e que está sempre em busca dos seus sonhos. *Francicléia*, uma pessoa divertidíssima, esforçada, comprometida e muito querida.

Alessandro Teixeira, Diego Loureto e Maria Gabriela Ribeiro. Sou muito feliz e grata por ter tido vocês três como companheiros nessa caminhada. Vocês são exemplos de dedicação, competência, esforço, inteligência. *Alessandro*, muito obrigada por todo incentivo, conhecimentos compartilhados, momentos de descontração, por sua amizade, por estar sempre disponível a ajudar. *Diego*, muito obrigada por todo cuidado, acolhimento, carinho, amizade, apoio. *Gabi*, você é sinônimo de luz e alegria! Não tenho palavras para agradecer a

você por TUDO! Por estar sempre tão disponível, não importava o que estivesse fazendo, sempre prontamente me ajudou! Muito obrigada por sua amizade, carinho e força! Sou muito grata a vocês! A amizade de vocês três é muito valiosa para mim!

Estendo meus agradecimentos a Bruna Falcão, Marina Tavares, Lucas Bacalhau, Maria Aparecida Trindade, Naíla Lopes, Bruna Nascimento, Layrthton Carlos, Renan Pereira. Agradeço ainda aos professores Emerson Diógenes de Medeiros, Viviany Silva Pessoa e Sandra Elisa de Assis Freire.

Anderson Mesquita e *Jéssica Bruna*. Foi muito bom me aproximar mais de vocês aqui em João Pessoa, vocês são muito importantes para mim! Muito obrigada pelo suporte, amizade, carinho e alegrias compartilhadas! *Hemerson Fillipy*, por ser essa pessoa querida, sempre trazendo muitos sorrisos! *Camilla Figueiredo*, por sua amizade e apoio! *Flávia Marcelly*, a pessoa que mais convivia comigo. Sempre foi muito receptiva, desde que vim fazer a seleção! Muito obrigada por sempre estar perto, por ter sido uma verdadeira parceira todo esse tempo, por sempre se preocupar e desejar o meu bem! Você é muito importante e já sinto falta da nossa convivência diária!

Tátila Rayane, minha irmã querida! Como sou feliz por sua amizade! Não tenho palavras para agradecer tudo que fez e faz por mim. O seu coração é lindo, você transmite paz e amor, me sinto muito abençoada por ter você pertinho. Sua inteligência, caráter, zelo, dedicação são admiráveis! *Gabriel Fernandes*, um cunhado, que virou amigo e irmão! Você é uma das pessoas mais inteligentes e comprometidas que conheço. Além disso, tem um enorme coração. Vocês são importantíssimos em minha vida, foram fundamentais em todo esse processo e tornaram esta caminhada mais feliz! Muito obrigada por TUDO!

Ana Clara Cavalcante, sua forma alegre de levar a vida, sua dedicação, humildade e prontidão em ajudar são inspiradores. Obrigada por sempre me acolher em seu apartamento, nessas idas e vindas a João Pessoa, sobretudo por me acolher nos momentos difíceis e por

dividir momentos felizes! *Maria Cândido*, desde sempre você me ensina muito! Ensina que para alcançar os nossos sonhos temos que nos dedicar, correr atrás, sempre com muita dedicação e comprometimento. *Yuri Viana*, não tem medo de voar! Você voa e nunca esquece as raízes. Encara a vida de maneira leve e divertida! É exemplo de coragem, humildade e caráter! Vocês três são pessoas com que sei que posso sempre contar, não importa a distância, nada muda a sintonia e o amor.

Andréa Nara, minha amiga, irmã, mãe. Que presente de Deus! Você é um anjo lindo em minha vida. Sei que posso sempre contar com você. Você torna tudo mais claro, menos complicado... Aprendo tanto com você! Obrigada por sempre me acolher! Estendo meus agradecimentos à sua linda família, pessoas muito especiais pra mim: *D. Remédios, André Igor, Celine Maria e João Esmeraldo. Rafael Pereira*, por todo carinho, apoio, torcida e amizade! Você é muito querido e especial! *Ellen Andrade*, minha amiga-irmã. Obrigada por ser uma amiga tão querida, tão presente! Mesmo distante, você me ajudou muito e acolheu em diversos momentos. A sua amizade é muito valiosa para mim! *Katrine Carvalho*, obrigada por sua linda e preciosa amizade!

A todos os participantes dos estudos realizados nesta dissertação, pela disponibilidade em colaborar com a pesquisa.

À *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)* pelo apoio financeiro, concedendo durante esses dois anos bolsa de estudos para cursar o mestrado.

SATISFAÇÃO EM RELACIONAMENTOS AMOROSOS: O PAPEL DAS ESTRATÉGIAS DE COMPORTAMENTO, DA PERSONALIDADE E DOS VALORES HUMANOS

Resumo: Buscou-se investigar como os traços de personalidade sombrios, os valores humanos e as estratégias de comportamento nas relações (uso de engano, engano percebido, busca de verdade e entusiasmo) podem explicar a satisfação em relacionamentos amorosos. Para tanto, foram realizados três estudos. O *Estudo 1* contou com a participação de 223 pessoas e objetivou adaptar três escalas para o contexto brasileiro: Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos (EBVRA), Uso de Engano (UE) e a Engano Percebido pelo Parceiro (EPP). Sobre a escala EBVRA foi realizada uma Análise dos Componentes Principais - ACP, com rotação oblíqua, fixando-se em dois fatores. O primeiro fator, *Entusiasmo* ($\alpha = 0,75$) foi composto por 6 itens; o segundo, *Busca de Verdade* ($\alpha = 0,73$), foi composto por 5 itens. Quanto aos indicadores psicométricos das medidas UE e EPP, também realizou-se uma ACP, com rotação oblíqua, que indicou a unifatorialidade das medidas. A primeira composta por 9 itens ($\alpha = 0,82$) e a segunda composta por 4 itens ($\alpha = 0,78$). O *Estudo 2*, contou com a participação de 300 pessoas e objetivou confirmar as estruturas encontradas, buscando verificar evidências de validade fatorial e consistência interna. Os participantes responderam as três medidas do estudo anterior. Os resultados indicaram um ajuste satisfatório das medidas, confirmando um ajuste bidimensional da EBVRA e unidimensionais da UE e da EPP. O *Estudo 3* objetivou verificar a relação entre traços sombrios, valores humanos, estratégias de comportamento (uso de engano, engano percebido, busca de verdade e entusiasmo) e satisfação em relacionamentos amorosos. Participaram 300 pessoas, as quais responderam além das medidas mencionadas previamente, à *Dark Triad Dirty Dozen*, à Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamentos de Casais e ao Questionário dos Valores Básicos. Os resultados demonstraram que essas variáveis se relacionaram com a satisfação em relacionamentos amorosos, evidenciando que uma percepção positiva acerca do parceiro/relação aumenta os níveis de satisfação, enquanto o engano diminui esses níveis. Ademais, demonstrou como as prioridades valorativas e a personalidade sombria podem contribuir no entendimento da satisfação em relacionamentos amorosos. Confia-se que os objetivos foram alcançados e que a presente dissertação traz contribuições para o entendimento da satisfação em relacionamentos amorosos.

Palavras-Chave: Personalidade; Satisfação em relacionamentos amorosos; Engano; Entusiasmo; Valores Humanos.

SATISFACTION IN LOVING RELATIONSHIPS: THE ROLE OF BEHAVIORAL STRATEGIES, OF PERSONALITY AND OF HUMAN VALUES

Abstract: We sought to investigate how dark personality traits, human values, and behavioral strategies in relationships (use of deception, perceived deception, truth-seeking, and enthusiasm) may explain satisfaction in loving relationships. Therefore, three studies were carried out. Study 1 was attended by 223 people and aimed to adapt three scales to the Brazilian context: Enthusiasm and Truth-Seeking in Loving Relationships (ETSLR), Use of Deceit (UD) and Partner Perceived Deceit (PPD). On the ETSLR scale, a Principal Axis Factoring was performed, with an oblique rotation, with two factors. The first factor, Enthusiasm ($\alpha = 0.75$) was composed of 6 items; the second, Truth-Seeking ($\alpha = 0.73$), was composed of 5 items. As for the psychometric indicators of the ED and PPD measures, an PCA was also performed, with oblique rotation, which indicated the uniformity of the measures. The first one consists of 9 items ($\alpha = 0.82$) and the second one composed of 4 items ($\alpha = 0.78$). Study 2 counted on the participation of 300 people and aimed to confirm the found structures, seeking to verify evidence of factorial validity and internal consistency. Participants responded to the three measures of the previous study. The results indicated a satisfactory adjustment of the measurements, confirming a two-dimensional adjustment of the ETSLR and one-dimensional adjustment of the UD and the PPD. Study 3 aimed to verify the relationship between dark traits, human values, behavioral strategies (use of deception, perceived deception, truth-seeking and enthusiasm) and satisfaction in loving relationships. Participated 300 people, who responded in addition to the measures previously mentioned, the Dark Triad Dirty Dozen, the Factorial Scale of Satisfaction in Relationships of Couples and the Questionnaire of Basic Values. The results showed that these variables were related to satisfaction in love relationships, showing that a positive perception about the partner / relationship increases the levels of satisfaction, while the deception decreases those levels. In addition, he demonstrated how value priorities and dark personality can contribute to the understanding of satisfaction in loving relationships. It is hoped that the objectives were reached and that the present dissertation brings contributions to the understanding of the satisfaction in loving relationships.

Keywords: Personality; Satisfaction in loving relationships; Deception; Enthusiasm; Human values.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
PARTE I – MARCO TEÓRICO	24
CAPÍTULO 1. SATISFAÇÃO COM RELACIONAMENTOS AMOROSOS E ESTRATÉGIAS DE COMPORTAMENTO DOS CASAIS.....	25
1.1. Amor.....	26
1.2. Satisfação com relacionamentos de casais	28
1.3.1. Medidas de Satisfação com Relacionamentos de Casal.....	33
1.4.2. Correlatos de satisfação com relacionamentos amorosos	37
1.5. Estratégias de comportamento nos relacionamentos amorosos	38
1.5.1. Engano	40
1.5.2. Entusiasmo e Busca de Verdade	48
CAPÍTULO 2. PERSONALIDADE SOMBRIA.....	51
2.1. Definindo o termo personalidade	52
2.2. Breve histórico.....	54
2.3. Correlatos da Personalidade.....	57
2.4. Tríade Sombria da Personalidade.....	59
2.4.1. Instrumentos que mensuram a Tríade Sombria	65
2.4.2. Tríade sombria e relacionamentos amorosos	68
CAPÍTULO 3. VALORES HUMANOS	73
3.1. Definição	74
3.2. Breve histórico.....	75
3.3. Perspectivas cultural e individual dos valores.....	76
3.3.1. Perspectiva cultural	76
3.3.2. Perspectiva individual	79
3.4. Teoria Funcionalista dos Valores Humanos.....	83
3.4.1. Funções dos Valores.....	85
3.4.2. Subfunções Valorativas	87
3.4.3 Hipótese de Congruência dos Valores.....	90
3.5. Valores Humanos e outras variáveis	91
PARTE II – ESTUDOS EMPÍRICOS	94
CAPÍTULO 4. PARÂMETROS PSICOMÉTRICOS DAS MEDIDAS: ENTUSIASMO E BUSCA DE VERDADE NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS, USO DE ENGANO E ENGANO PERCEBIDO PELO PARCEIRO.....	95

4.1. Método	96
4.1.1. Participantes.....	96
4.1.2. Instrumentos.....	96
4.1.3. Procedimento.....	97
4.1.4. Análise de dados.....	98
4.2. Resultados.....	98
4.2.1. Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos.....	98
4.2.2. Uso de Engano	101
4.2.3. Engano Percebido pelo Parceiro.....	103
4.3. Discussão Parcial.....	105
CAPÍTULO 5. CONFIRMAÇÃO DA ESTRUTURA FATORIAL DAS ESCALAS	
EBVRA, UE E EPP	109
5.1. Método	110
5.1.1. Participantes.....	110
5.1.2. Instrumentos.....	110
5.1.3. Procedimento.....	110
5.1.4. Análise de dados.....	111
5.2. Resultados.....	112
5.2.1. Entusiasmo e Busca de Verdade em Relacionamentos Amorosos.....	112
5.2.2. Uso de Engano	113
5.2.3. Engano Percebido pelo Parceiro.....	115
5.3 Discussão Parcial.....	116
CAPÍTULO 6. SATISFAÇÃO NO RELACIONAMENTO AMOROSO E SUA	
RELAÇÃO COM ESTRATÉGIAS DE COMPORTAMENTO, TRAÇOS SOMBRIOS	
DA PERSONALIDADE E SUBFUNÇÕES DOS VALORES HUMANOS	118
6.1. Método	119
6.1.1. Participantes.....	121
6.1.2. Instrumentos.....	121
6.1.3. Procedimento.....	123
6.1.4. Análise de dados.....	123
6.2. Resultados.....	124
6.3. Discussão Parcial.....	128
CAPÍTULO 7. DISCUSSÃO GERAL	133
Referências.....	139
Anexos	163

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Estrutura fatorial da medida Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos.....	100
Tabela 02. Estrutura fatorial da medida Uso de Engano.....	103
Tabela 03. Estrutura fatorial da medida Engano Percebido pelo Parceiro.....	104
Tabela 04. Correlatos.....	126
Tabela 05. Coeficientes de regressão múltipla hierárquica da satisfação em relacionamentos amorosos.....	128

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Funções, subfunções e valores específicos.....	87
Figura 02. Congruência das subfunções valorativas.....	90
Figura 03. Distribuição gráfica dos dados da medida Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos.....	99
Figura 04. Figura 4. Distribuição gráfica dos dados da medida Uso de Engano.....	102
Figura 05: Distribuição gráfica dos dados da medida Engano Percebido.....	104
Figura 06. Estrutura fatorial da medida Entusiasmo e Busca de Verdade em Relacionamentos Amorosos.....	114
Figura 07: Estrutura fatorial da medida Uso de Engano.....	115
Figura 08. Estrutura fatorial da medida Engano Percebido.....	116

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016 foram registrados 1.095.535 casamentos civis no país, em comparação com o ano de 2015, houve uma queda de -3,7%. O número de divórcios, por sua vez, foi de 344.526, neste caso, verificou-se um aumento de 4,7% em relação ao ano de 2015 (IBGE, 2017). Com base nisso, pode-se considerar a satisfação em relacionamentos amorosos como um dos fatores que contribuem para estes dados? Quais variáveis que contribuem para satisfação com relacionamentos amorosos?

Tendo em conta o atual panorama da sociedade, no qual é possível observar pessoas cada vez mais individualistas, em uma busca constante por realizações pessoais e profissionais, constitui-se como desafio o estabelecimento de vínculos mais duradouros (Alves-Silva, Scorsolini-Comin, & Santos, 2017). Nesta direção, um estudo realizado por Milfont, Gouveia e Costa (2005) com 658 universitários com idade média de 19,9 anos, verificou uma baixa intenção dos participantes em constituir família nos próximos dez anos. Ademais, observa-se que a realidade dos relacionamentos românticos distancia-se um pouco dos ideais que são propostos nos filmes, os quais propõem a ideia do “felizes para sempre”; no mundo real este aspecto da vida das pessoas pode acontecer de forma mais difícil e, por vezes, confusa (Gaule, 2015).

O tema relações interpessoais possui relevância e tem despertado o interesse dos estudiosos da Psicologia (Magalhães & Brito, 2015), sobretudo a área dos relacionamentos amorosos, sendo este um assunto que é discutido em diferentes cenários por apresentar implicações em muitas áreas da vida das pessoas (Schlösser, Camargo, & Teixeira, 2014). Segundo Gala e Kapadia (2013) estas implicações podem ser positivas ou negativas. Dentre os resultados positivos, os autores destacam a possibilidade de se encontrar sentido e propósito de vida, melhora no temperamento, aumento de habilidades pró-sociais e aceitação de mais responsabilidades no trabalho e na vida. Os resultados negativos decorrentes, por sua

vez, podem compreender preocupação entre as pessoas que estão envolvidas, emoções avassaladoras, as quais podem impossibilitar os pares de fazerem determinadas atividades, assim como um término conturbado.

Ainda no que concerne às consequências que podem ser observadas, consistente com o exposto acima, Nogren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004) afirmam que a qualidade dos relacionamentos íntimos apresenta implicações tanto na saúde mental, como na saúde física e vida profissional dos indivíduos. Ademais, Russel e Wells (1994) destacam, em seu estudo, que o mais forte preditor de felicidade entre casais casados foi a qualidade do casamento. Por sua vez, Wang, Xie, Wang, Wang e Lei (2017) verificaram que a satisfação no relacionamento foi negativamente relacionada à depressão.

Russel e Wells (1994) afirmam que Maslow em 1954 demonstrou uma visão negativa com o fato de a psicologia focar seus estudos apenas nos aspectos negativos, sendo ausentes os estudos que abordassem emoções como felicidade, contentamento, diversão e alegria; para o autor, a literatura científica psicológica tinha que iniciar pesquisas sobre o amor, o casamento e as amizades (Russel & Wells, 1994). Diante do interesse no estudo dos aspectos positivos que permeiam as relações humanas, destaca-se a Psicologia Positiva. Esta área apresenta o objetivo de complementar e ampliar o foco da Psicologia que desde o seu surgimento centrava-se no sofrimento humano e nos problemas que as pessoas pudessem vivenciar (Pacico & Bastianello, 2014). A Psicologia Positiva propõe que sejam consideradas as qualidades das pessoas, não apenas suas dificuldades (Snyder & Lopes, 2009).

Verifica-se o esforço de estudiosos e pesquisadores, nas últimas décadas, na busca de conceituar e explicar variáveis relacionadas, como o amor, a fim de oferecer subsídios para uma melhor compreensão na área dos relacionamentos amorosos (Andrade, Garcia, & Cassep-Borges, 2013), buscando-se compreender o que promove relações de casal bem-sucedidas, sendo este tema de interesse em diversos contextos, seja em conversas de amigos,

revistas, jornais, seja no âmbito científico (Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006; Barbosa, 2008). Nesta direção, Cassepp-Borges (2010) afirma que o estudo da satisfação em relacionamentos amorosos é de grande relevância, sendo tão importante quanto estudar o amor, uma vez que ao se mensurar o amor, investiga-se o tamanho do sentimento, enquanto a satisfação indica se o relacionamento é bom ou não.

Considera-se importante também conhecer variáveis que auxiliem na compreensão da satisfação com relacionamentos amorosos. Inicialmente, destaca-se algumas estratégias de comportamento que são utilizadas pelos casais, a exemplo do engano, do entusiasmo e da busca de verdade nas relações. Nesta ocasião, será considerado o engano de duas maneiras, a saber: uso de engano e engano percebido pelo parceiro. Cole (2001) afirma que a comunicação enganosa em relacionamentos de casal está relacionada com os custos e recompensas de dizer a verdade, de maneira que quando esta pode trazer custos para a relação, o parceiro tende a fazer uso do engano. Guthrie e Kunkel (2013) realizaram um estudo, com o propósito de conhecer as motivações das pessoas para utilizarem o engano nas relações amorosas e, observaram que, por vezes, o engano é utilizado como uma maneira de evitar conflitos. Contudo, estes autores também destacam o seu lado negativo para o relacionamento.

Os parceiros românticos podem ainda ignorar as evidências de engano em suas relações, buscando um olhar mais positivo desta (Roggensack & Sillars, 2014), o que é contemplado em uma das dimensões propostas por Murray (2014). Esta autora elenca dois outros tipos de estratégias de comportamento que podem ser observadas entre os casais: entusiasmo e busca de verdade. Estas estratégias estão relacionadas à percepção dos parceiros e/ou de seus relacionamentos. O entusiasmo relaciona-se a pessoas que apresentam uma tendência positiva ao pensar sobre seu par e sua relação. Por outro lado, a busca de verdade

refere-se a pessoas que estão em constante avaliação de seus parceiros e de seus relacionamentos.

Como mencionado anteriormente, a presente dissertação buscará conhecer também o papel dos traços de personalidade, especificamente, os sombrios. As características dos traços de personalidade e suas formas de expressão parecem estar associadas às relações românticas (Malouff, Thorsteinsson, Schutte, Bhullar, & Rooke, 2010). Verifica-se na literatura científica, no decorrer de muitas décadas, um elevado número de pesquisas que buscam investigar o papel que a semelhança e a complementaridade na personalidade entre casais exercem na previsão da atração interpessoal e satisfação no relacionamento (Kardum, Hudek-Knezevic, Mehic, & Pilek, 2018; Lester, Haig, & Monello, 1989; Richard, Wakefield, & Lewak, 1990; Russel & Wells, 1991). No que se refere ao lado sombrio da personalidade, verificam-se estudos relacionando-o a comportamentos de atração de parceiros (Monteiro, Lopes, Nascimento, Gouveia, Shackelford, & Zeigler-Hill, 2017), uso de engano (Jonason, Lyons, Baughman, & Vernon, 2014) e qualidade no relacionamento (Kardum, Hudek-Knezevic, Mehic, & Pilek, 2018).

Acerca dos valores humanos, frisa-se que estes consistem em um tema inerente à vida das pessoas (Gouveia, 2013). A presente dissertação tem como base a Teoria Funcionalista do Valores Humanos. Esta assume alguns pressupostos, a saber: (I) *admite a natureza benevolente ou positiva dos indivíduos*, (II) *os valores são princípios-guia individuais*, (III) *considera os valores como representações cognitivas das necessidades individuais, bem como de demandas da sociedade e institucionais, promovendo um ambiente estável e seguro*, (IV) *considera o caráter terminal dos valores e, por fim* (V) *assegura a condição perene dos valores* (Gouveia, 2013).

Ademais, esta teoria considera os valores humanos a partir de duas funções básicas: a primeira, tipo de orientação, representada pelos valores sociais, centrais e pessoais, tem por

função guiar as ações; a segunda, tipo de motivador, representada por valores materialistas ou humanitários, tem por função expressar as necessidades humanas (Gouveia, Milfont, Fischer, & Coelho, 2009; Souza, Gouveia, Lima, & Santos, 2016). Na literatura, é possível encontrar estudos envolvendo valores humanos e personalidade para o entendimento de outras variáveis. A esse respeito, Monteiro (2014) investigou as contribuições dos traços de personalidade e dos valores humanos no entendimento da psicopatia, enquanto Gomes, Gouveia, Silva Júnior, Coutinho e Campos (2013) verificaram a relação entre valores, traços de personalidade e escolha do parceiro ideal.

Nesta direção, o objetivo da presente dissertação consiste em verificar como os traços de personalidade sombrios, os valores humanos e as estratégias de comportamento nas relações (uso de engano, engano percebido, busca de verdade e entusiasmo) podem explicar a satisfação com relacionamentos amorosos. A mesma se encontra estruturada em duas partes, uma teórica e uma empírica. A parte teórica é composta por três capítulos: capítulo 1 - Satisfação com relacionamentos amorosos e estratégias de comportamento dos casais. Este capítulo inicia com uma breve explanação acerca do amor, em seguida são apresentadas algumas definições do construto satisfação com relacionamentos amorosos, instrumentos que mensuram esta variável, correlatos de satisfação com relacionamentos amorosos e, por fim, o subtópico estratégias de comportamentos de casal, o qual contempla alguns aspectos do engano, do entusiasmo e da busca de verdade no relacionamentos amorosos.

O capítulo 2 – Personalidade Sombria, inicia com um tópico buscando conceituar o termo personalidade, seguido por breve histórico acerca da personalidade, são apresentados a personalidade e seus correlatos, em seguida a tríade sombria, instrumentos que mensuram este constructo e, finaliza com estudos que apresentem relação da tríade sombria e relacionamentos amorosos. O capítulo 3 – Valores Humanos, inicia com um tópico que busca conceituar os valores, posteriormente é apresentado um breve histórico dos estudos dos

valores, em seguida são apresentadas as perspectivas sociológica e individual, bem como os principais teóricos. Neste capítulo é apresentada ainda Teoria Funcionalista do Valores Humanos, teoria esta que fundamenta a presente dissertação, e finaliza com a apresentação de estudos que relacionam valores humanos e outras variáveis.

A parte empírica é composta por três estudos, especificamente no capítulo 4 são apresentadas as propriedades psicométricas das medidas Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos (EBVRA), Uso de Engano (UE) e Engano Percebido pelo Parceiro (EPP). O capítulo 5, contempla a confirmação da estrutura fatorial das escalas EBVRI, UE E EPP. O capítulo 6, por sua vez, apresenta os correlatos de Satisfação com relacionamento amoroso e estratégias de comportamento, traços sombrios da personalidade e as subfunções dos valores humanos. Por fim, no capítulo 7, intitulado Discussão Geral, são apresentados os resultados principais, as potenciais limitações do estudo, assim como direcionamentos futuros.

PARTE I – MARCO TEÓRICO

**CAPÍTULO 1. SATISFAÇÃO COM RELACIONAMENTOS AMOROSOS E
ESTRATÉGIAS DE COMPORTAMENTO DOS CASAIS**

O interesse dos estudiosos no campo do sucesso conjugal decorre do fato deste fenômeno ser considerado de grande relevância nas relações interpessoais (Richard, Wakefield Junior, & Lewak, 1990). A propósito, ter um relacionamento romântico é algo que está presente na vida de praticamente todas as pessoas nas mais diversas culturas (Andrade, 2011), constituindo-se como um componente central e estrutural (Andrade & Garcia, 2012). Nesta direção, destaca-se um constructo relacionado, o amor. Deste modo, será destinado um breve subtópico acerca do amor, em seguida será abordada a satisfação em relacionamentos de casais, serão elencadas algumas medidas que mensuram este constructo, inclusive as bases teóricas da Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamentos de Casal (medida utilizada nesta dissertação). Ademais, serão apresentados correlatos de satisfação em relacionamentos de casal. Por fim, serão apresentadas as estratégias de comportamento utilizadas pelos casais, especificamente, engano, entusiasmo e busca de verdade.

1.1. Amor

Gala e Kapadia (2013) afirmam que embora seja comum a associação do termo amor romântico à cultura ocidental, tendo em conta que na cultura oriental, são verificados casamentos arranjados, implicando ausência de relacionamento romântico ou amor romântico, muitos teóricos consideram o apego romântico como universal e fundamental para a sobrevivência da espécie humana. Nesta direção, é possível observar que o amor é compreendido como contribuinte para a felicidade, sendo comum em novelas, filmes, música, obras de arte, livros e outros, a associação deste fenômeno a variáveis como: felicidade, qualidade de vida, bem-estar, paixão e outros constructos positivos da vida (Schlösser, 2014). Na literatura, observa-se o interesse de diferentes áreas na compreensão deste fenômeno, a exemplo da filosofia, antropologia, psicologia, investigando, por exemplo, a origem, a manutenção e o término de relacionamentos íntimos (Schlösser & Camargo, 2014).

O amor, dentro da perspectiva romântica, relaciona-se a uma ligação entre pessoas que não possuem vínculo sanguíneo, as quais podem escolher estarem envolvidas ou não, e que apresentam além de sentimentos intensos, envolvimento sexual (Andrade, 2011). Freire (2013) destaca que o amor refere-se a um fenômeno que está presente na vida das pessoas, sendo considerado tanto como fonte de felicidade e, por isso, muito almejado por algumas pessoas, e por outras, como responsável pela infelicidade. A propósito, Nogren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004) identificaram em seu estudo que o amor foi considerado o motivo para se permanecer em um relacionamento, estando os casais satisfeitos ou não com suas relações.

Nas últimas décadas, verifica-se o interesse de psicólogos e pesquisadores sociais no estudo do amor (Andrade, 2011). Ademais, Schlösser e Camargo (2014) destacam que a partir da década de 1970 foram desenvolvidos diversos modelos teóricos acerca do amor na literatura científica, assim como a elaboração de instrumentos psicométricos com o propósito de fornecer suporte empírico. Isso passou a auxiliar na compreensão deste cosntructo. Dentre estes modelos, destacam-se a Teoria Triangular do Amor e o modelo As Cores do Amor.

Na teoria triangular do amor de Sternberg são apresentados três componentes do amor, a saber: intimidade, paixão e decisão/compromisso. Especificamente, a intimidade está relacionada a sentimentos de proximidade, conexão e união nos relacionamentos amorosos. Por sua vez, a paixão compreende os impulsos que propiciam o romance, referindo-se à atração física, envolvimento sexual e outros fenômenos relacionados. E, por fim, decisão/compromisso refere-se, a curto prazo, à decisão de amar o outro e, a longo prazo, ao compromisso de manter este sentimento. Estes componentes, embora manifestem aspectos diferentes do amor, apresentam interação (Sternberg, 1997).

Conforme este modelo, os aspectos do amor constituem um triângulo, podendo se estruturarem em sete tipos de expressão do amor, de acordo com a combinação dos

sentimentos (Andrade, 2011). Sternberg (1997) afirma que a geometria do triângulo depende de dois aspectos: a qualidade do amor e o equilíbrio do amor. Nesse sentido, a quantidade de amor está relacionada ao tamanho do triângulo, enquanto o equilíbrio do amor interfere na forma que o triângulo pode se apresentar.

O modelo denominado As Cores do Amor constitui-se como a teoria mais conhecida no mundo e considera o amor como sendo um fenômeno plural (Coutinho, 2013). John Lee (1973) não buscou definir o amor, mas fazer uma distinção entre as expressões pessoais e sociais das concepções de amor, desse modo o autor propôs seis estilos de amor: eros, ludus, storge, pragma, ágape e mania. O autor fez uma analogia entre os estilos de amor e a relação cores primárias e secundárias, de tal modo que do mesmo modo que as cores secundárias são formadas a partir de uma combinação entre cores primárias, os tipos de amor também se combinam, dando origem a outras formas de amor.

O próximo subtópico está destinado a uma variável relacionada aos aspectos positivos do amor, a satisfação com relacionamentos de casais.

1.2. Satisfação com relacionamentos de casais

A satisfação com relacionamentos amorosos tornou-se uma temática central na pesquisa básica e nos estudos sobre intervenções conjugais, possibilitando subsídios para o entendimento acerca de como funcionam os relacionamentos (Funk & Rogge, 2007). É possível observar na atualidade, uma diversidade de definições e delimitações no que concerne às múltiplas formas de se relacionar (Scorsolini-Comin, Fontaine, & Santos, 2016).

Freire, Freires, Monteiro e Nascimento (2017) afirmam que as relações familiares e amorosas passaram por mudanças significativas desde a revolução sexual, a qual teve início entre os anos de 1960 e 1970; de modo que o uso de métodos contraceptivos seguros pode ser considerado como um dos contribuintes para esta mudança, por ter permitido às mulheres tornar a prática sexual como fonte de prazer e não apenas com a finalidade reprodutiva.

Somado a isto, Gala e Kapadia (2013) destacam outros fatores que contribuíram para o adiamento do casamento e da paternidade, como a busca pelo sucesso financeiro, foco na educação e a múltiplas opções de carreira que podem ser seguidas por homens e mulheres.

Milfont, Gouveia e Costa (2006) afirmam que anteriormente a dinâmica dos casamentos distanciava-se dos dias atuais, uma vez que eram “arranjados” pelos pais, o que implicava em relações mais contratuais que afetivas. Neste sentido, Campos, Scorsolini-Comin e Santos (2017) destacam que, a partir do século XX, pôde-se observar uma transição de uma estrutura patriarcal para um modelo individualista, de maneira que, embora alguns costumes e ritos continuassem, mudanças estruturais foram implementadas. Estes autores afirmam que foi nesse cenário que o amor, o prazer e a felicidade passaram a ocupar um papel de destaque no casamento, tanto para o seu início como para sua manutenção.

Em meio à diversidade de modelos de conjugalidade que surgiram no século XXI, implicações nos relacionamentos conjugais são observadas, verifica-se que não há a obrigatoriedade da formalização da união, e quando formalizadas, há uma facilidade para se conseguir o divórcio; além da igualdade de direitos entre o casal, a qual distancia-se dos modelos tradicionais, nos quais havia uma definição de papel rígida, sendo o papel masculino superior (Alves-Silva, Scorsolini-Comin, & Santos, 2016).

Nesta direção, Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani e Natividade (2004) consideram relacionamento de casal toda forma de se relacionar, amorosa e/ou sexualmente, com outra pessoa, que apresenta determinado grau de estabilidade. Estes autores destacam ainda que além de namoros, noivados e casamentos, também são considerados relacionamentos de casal, as formas de se relacionar mais informais, a exemplo de casamentos não-oficiais, bem como namoros sem compromisso (“ficar”).

As pessoas que se envolvem em relacionamentos românticos e esforçam-se para manterem a relação apresentam algumas motivações que podem influenciar este

comportamento, a exemplo da satisfação que a relação proporciona (Andrade, Garcia, & Cano, 2009). Neste sentido, Nogren et al. (2004) destacam a importância de se investir na relação para que a satisfação com os relacionamentos conjugais permaneçam ao longo do tempo. Segundo os autores é necessário que se encontre um equilíbrio entre a conjugalidade e a individualidade, que o casal compartilhe interesses e relacionamento afetivo-sexual, evitando o tédio e a repetição.

Conceitualmente, satisfação com relacionamentos de casal refere-se ao grau em que as pessoas estão contentes e satisfeitas em seus relacionamentos, sendo considerada um aspecto importante nas relações, tanto no que concerne à estabilidade, quanto ao sucesso (Anderson & Emmers-Sommer, 2006). É válido destacar que a satisfação com relacionamentos de casal pode ser considerada uma das principais áreas no âmbito da avaliação de relacionamentos, de maneira que é possível verificar muitos instrumentos que buscam avaliar sentimentos, pensamentos e comportamentos nas relações amorosas (Hendrick, 1988).

Nesta direção, Wachelke et al. (2004) afirmam que a satisfação em relacionamentos de casal está no cenário das pesquisas sobre a qualidade dos relacionamentos amorosos. Todavia, estes autores, destacam que a qualidade de relacionamentos é mais abrangente, considerando, na avaliação da relação, se esta é boa, ruim, razoável etc. Andrade (2011) considera satisfação como uma avaliação global e geral da relação, na qual o indivíduo faz uma análise do grau de positividade desta. Por sua vez, o termo qualidade, ainda segundo o autor, é mais amplo e complexo, pois além de apresentar diferentes dimensões, considera, na avaliação, aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais.

A satisfação com relacionamento consiste em uma avaliação cognitiva positiva, a nível individual, da relação quando comparada com relação de outras pessoas, considerada aceitável ou boa (Wachelke et al., 2004). Pode ser compreendida também como uma disposição psicológica regulada por mecanismos que avaliam os benefícios e os custos da

relação para determinada pessoa (Shackelford & Buss, 2000). Wilhelm e Oliveira (2011) destacam que há uma maior satisfação quando existe um maior envolvimento entre o casal tanto no que concerne a maior confiança, abertura para comunicação e interdependência, como com aspectos referentes a fidelidade, carinho, paixão.

A satisfação acontece quando a avaliação da relação contempla as expectativas e desejos que uma pessoa tem sobre o seu companheiro (Andrade, Garcia, & Cano, 2009). As relações entre os casais podem ser satisfatórias se os mesmos souberem conviver com as diferenças, bem como solucionar possíveis conflitos que podem resultar de tais diferenças, de tal modo que a manutenção da harmonia entre os casais possibilita o crescimento pessoal dos cônjuges, contudo é possível que a percepção do relacionamento seja diferente tanto entre os casais, como entre cada membro de um mesmo casal (Alves-Silva, Scorsolini-Comin, & Santos, 2017). Nesta direção, Weiser e Weigel (2016) afirmam que as diferentes maneiras como as pessoas se percebem podem apresentar implicações na maneira em que elas se comportam em suas relações de casal, bem como em sua satisfação.

Perlin e Diniz (2005) em uma pesquisa realizada com casais, sendo 222 homens e 222 mulheres, verificaram que a maioria dos participantes estavam felizes em seus casamentos e que se mostraram disponíveis para fazerem o que podiam para a manutenção do casamento. Não obstante, destaca-se que os achados também demonstraram que as mulheres apresentaram um grau de satisfação inferior à dos homens. Diante deste cenário, as autoras destacam que isso pode ocorrer pelo fato de que as mulheres estão mais exigentes, tanto ao que se refere ao seu relacionamento, como também aos comportamentos do companheiro, nas áreas sexual, afetiva e profissional.

Quando duas pessoas se envolvem romanticamente alguns fatores, sejam estes referentes aos ganhos (e.g. momentos prazerosos com o parceiro) ou aos custos (e.g. participar de alguma atividade que não lhe provoca interesse), podem influenciar o bem-estar

e a felicidade do casal (Rodrigues, 2011). Neste sentido, as pessoas que apresentam maior satisfação em seus relacionamentos românticos comumente vivenciam de maneira mais positivas os outros âmbitos de sua vida, como trabalho, grupo de amigos e outros (Haack & Falcke, 2014).

A satisfação com relacionamentos amorosos, segundo o modelo de investimento de Rusbult, é um dos aspectos que contribuem para o sentimento de comprometimento, de tal modo que quanto maior a satisfação, maior o nível de comprometimento. Conforme este modelo, as pessoas apresentam maiores níveis de satisfação quando as recompensas no relacionamento são maiores que os custos envolvidos (Rusbult, 1983).

Simpson, Fletcher e Campbell (2001) afirmam que a tentativa de compreender a avaliação que as pessoas fazem de seus parceiros e relacionamentos conforme a compatibilidade entre suas expectativas estabelecidas a priori e as percepções do parceiro/relacionamento atual não é recente. Estes autores destacam que os primeiros estudiosos abordarem esta temática foram Thibaut e Kelley, quando em 1959, desenvolveram a Teoria da Interdependência. Esta teoria sugere que as pessoas que consideram estar recebendo menos do que merecem tendem a sentirem-se insatisfeitas com seus parceiros/relacionamento, bem como pessoas que apresentam expectativas elevadas frequentemente não permanecem por muito tempo na relação (Simpson, Fletcher, & Campbell, 2001).

Simpson, Fletcher e Campbell (2001) destacam também outra perspectiva teórica, a Teoria da Auto Discrepância, tendo Higgins como um grande influente. Este teórico considera que o eu apresenta três domínios básicos, a saber: o eu real, o eu ideal e o eu deveria, os quais podem ser avaliados a partir de duas perspectivas: o ponto de vista da própria pessoa e o ponto de vista inferido de um outro significado. Nesta direção, as emoções das pessoas estão relacionadas à natureza e à magnitude de diferentes tipos de discrepâncias,

de modo que é dada atenção especial a quatro destas: o eu real *versus* o ideal (aquilo que o eu aspira), o eu real *versus* o outro ideal (o que penso que os outros idealmente querem que eu seja), o eu real *versus* o outro deveria (como eu acredito que os outros pensam que devo me comportar, em sentido moral) e o eu real *versus* o eu deveria (como o eu considero que o outro deve se comportar moralmente) (Simpson, Fletcher, & Campbell, 2001).

Os ideais são considerados um modelo de estruturas de conhecimento do nível de relacionamento que representam sobreposição, mas que não são redundantes e envolvem a idealização de princípios abrangentes do eu, do parceiro potencial e do relacionamento potencial (Fletcher, Simpson, Thomas, & Giles, 1999). Neste sentido, o Modelo de Padrões Ideais propõe que os ideais de parceiro e relacionamentos apresentam três funções: (a) avaliam a qualidade de seus parceiros e seus relacionamentos, (b) explicam e compreendem melhor o que está acontecendo em seu relacionamento e (c) regulam e fazem ajustes em seus relacionamentos (Simpson, Fletcher, & Campbell, 2001).

A flexibilidade dos padrões ideais compreende ao grau em que os parceiros baixam seu padrão ideal e este continua aceitável, podendo apresentar implicações no modo como relacionamentos e parceiros são avaliados, explicados e regulados (Simpson, Fletcher, & Campbell, 2001). Nesta perspectiva, estes autores destacam sua relação com as experiências românticas de uma pessoa, de maneira que, se uma pessoa foi rejeitada pelo parceiro, seus padrões ideais podem diminuir.

Diante das definições apresentadas e das implicações da satisfação com relacionamentos amorosos, serão apresentadas em seguida instrumentos que mensuram este fenômeno.

1.3.1. Medidas de Satisfação com Relacionamentos de Casal

Diante das muitas delimitações observadas no que se refere aos relacionamentos, constitui-se um desafio a mensuração deste constructo (Scorsolini-Comin, Fontaine, &

Santos, 2016). Os instrumentos utilizados para mensuração dos relacionamentos de casal são respondidos através de escalas do tipo Likert, são apresentadas sentenças afirmativas ou negativas acerca de diferentes aspectos dos relacionamentos (Andrade, Garcia, & Cano, 2009), podendo apresentar-se de modo a avaliar aspectos gerais do relacionamento, investigando-o como um todo, ou de maneira mais específica, se detendo a pontos particulares da relação (Andrade & Garcia, 2012; Andrade, Garcia, & Cano, 2009).

Cassepp-Borges e Andrade (2013) reuniram instrumentos no cenário brasileiro que mensuram atributos de relacionamentos amorosos com dados empíricos. Estes autores afirmam que o número de estudos voltados para instrumentos de relacionamentos tem crescido no âmbito internacional, de modo que se tem dada atenção a sua sistematização; sendo muitos os instrumentos que mensuram o amor e variáveis relacionadas às relações amorosas. No Brasil, muitas destas medidas foram traduzidas, adaptadas e validadas, bem como estudos que criaram suas próprias medidas.

Hendrick (1988) desenvolveu a Escala de Avaliação em Relacionamentos (RAS), baseado no Questionário de Avaliação Conjugal (Hendrick, 1981). A RAS, por sua vez, consiste em uma medida com o foco nos relacionamentos amorosos em geral, não apenas para relacionamentos conjugais. Composta por sete itens e respondida em uma escala Likert. O autor realizou uma Análise de Componentes Principais, indicando a unidimensionalidade da escala, a qual explicou 46% da variância e apresentou alfa de Cronbach no valor de 0,86.

A Escala de Avaliação da Qualidade dos Relacionamentos Amorosos – AQUARELA-R. foi desenvolvida por Andrade (2011) para avaliação multidimensional em relacionamentos românticos. Participaram do estudo, 388 pessoas que estavam em um relacionamento romântico, com média de idade de 28,2 anos. A versão final da medida é composta por 46 itens, que avaliam cinco dimensões do relacionamento romântico: comunicação ($\alpha = 0,94$),

relacionamento sexual ($\alpha = 0,90$), intimidade ($\alpha = 0,96$), comprometimento ($\alpha = 0,93$) e amor ($\alpha = 0,95$).

A Escala de Ajustamento Diádico (EAD) – Construída por Spanier (1976) e adaptada para o cenário brasileiro por Hernandez (2008), avalia a qualidade do relacionamento conjugal. Participaram do estudo 542 pessoas que estavam em um relacionamento amoroso heterossexual. Uma Análise de Componentes Principais indicou quatro fatores: Consenso diádico ($\alpha = 0,86$), Satisfação diádica ($\alpha = 0,86$), Coesão diádica ($\alpha = 0,76$) e Expressão de afeto ($\alpha = 0,62$).

1.3.1.1.1. Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento de Casal

Desenvolvida por Wachelke et al. (2004), considera a satisfação como um componente da qualidade da relação e que o relacionamento pode ser dividido em diferentes aspectos, estes, por sua vez, podem satisfazer ou não as pessoas, conforme o modelo teórico proposto por Fletcher, Simpson e Thomas (2000). Somado a isto, destaca-se que a própria satisfação interage com outras variáveis para dar origem a um fator mais abrangente, a qualidade de relacionamento. Nesta direção, os autores desenvolveram uma medida bifatorial de satisfação em relacionamentos de casal, considerando componentes desse constructo, e não aspectos globais da relação.

O estudo foi dividido em duas etapas. Inicialmente, fora realizado um levantamento de indicadores de satisfação em relacionamentos de casal que possibilitassem nortear o conteúdo dos itens a serem submetidos a análise fatorial para determinação da dimensionalidade da escala. Para o levantamento inicial de conteúdo da escala participaram 10 pessoas de ambos os sexos que estavam namorando. Em seguida, 44 estudantes de psicologia responderam ao questionário destinado a selecionar o conteúdo dos itens. O questionário inicial continha uma pergunta aberta: “o que você considera importante para que um namoro seja satisfatório?”, o que possibilitou quatro indicadores que poderiam constituir

fatores da escala, tendo em conta que expressavam satisfação com diferentes aspectos do relacionamento, a saber: satisfação em relação às afinidades de ideias e comportamentos entre os companheiros de relacionamento, satisfação em relação à atração física, satisfação com relação ao envolvimento emocional existente no relacionamento e satisfação com o tempo disponível para o relacionamento.

Posteriormente, os autores elaboraram oito itens no formato de escala Likert de 10 pontos, os quais foram respondidos por outros 44 participantes. Tendo em consideração que os itens estariam mensurando os indicadores resultantes do levantamento inicial com os 10 participantes, os autores calcularam a média aritmética para cada indicador. O indicador tempo disponível não foi considerado no desenvolvimento posterior da escala, uma vez que apresentou correlação inferior a 0,30. Em seguida, foram construídos itens relacionados semanticamente aos indicadores atração física e afinidades de ideias e comportamentos entre as pessoas que se relacionam. O indicador envolvimento emocional, embora tenha apresentado a maior correlação com satisfação global, foi considerado vago e pode estar relacionado à satisfação em outros aspectos do relacionamento, desse modo, não foi considerado na construção dos itens.

Na segunda etapa do estudo, referente ao desenvolvimento da escala, participaram 364 pessoas, da população geral, que estavam em algum tipo de relacionamento amoroso, com média de idade de 25 anos e 11 meses. Os participantes responderam a um questionário que continha, além de perguntas sociodemográficas, uma medida de nove itens, respondidos em uma escala do tipo Likert de 5 pontos. Foi realizada uma análise de componentes principais. O gráfico de sedimentação indicou dois fatores com valores próprios superiores a 1, os quais explicavam um total de 51,5% a variância dos dados. Os autores optaram, desse modo, pela extração de dois fatores. Em seguida, realizou-se uma extração dos fatores principais, com rotação varimax e cálculos de confiabilidade. Os dois fatores foram

denominados: Fator 1 – Satisfação com Atração Física e Sexualidade (SAFS), composto por cinco itens e alfa de Cronbach com valor de 0,76, explicou 24,5% da variância; e Fator 2 – Satisfação com Afinidades de Interesses e Comportamentos (SAIC), composto por quatro itens, alfa de Cronbach com valor de 0,61, explicou 14,03% da variância.

Um estudo complementar desta escala foi realizado por Wachelke, Andrade, Souza e Cruz (2007). O objetivo do estudo foi verificar se a estrutura fatorial da escala, assim como a confiabilidade relacionavam-se com as características demográficas da amostra. Deste modo, participaram apenas estudantes universitários que estavam namorando ou casados. A amostra foi composta por 342 estudantes universitários, com média de idade de 21 anos e 11 meses. Os participantes responderam, além de dados sociodemográficos, a Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento de Casal – EFCRC (com uma alteração no item “Engajar-me em situações de contato físico” que passou a “Envolver-me em situações de contato físico”).

Foi realizada uma Análise de Componentes Principais, como no estudo original, o gráfico de sedimentação sugeriu extração de dois fatores, os quais explicavam 53% da variância. Realizou-se análise fatorial com rotação varimax, com extração de dois fatores. Um item não obteve carga mínima em nenhum dos fatores, sendo excluído. O fator SAFS, foi composto por cinco itens, alfa de Cronbach no valor de 0,80, enquanto o fator SAIC, foi composto por três itens, alfa de Cronbach no valor de 0,68, sendo valores superiores aos encontrados no estudo original.

1.4.2. Correlatos de satisfação com relacionamentos amorosos

Scorsolini-Comin, Fontaine e Santos (2016) investigaram a relação entre satisfação no namoro, bem-estar subjetivo e percepção de conjugalidade dos pais. Os achados demonstraram uma relação positiva entre os fatores do bem-estar subjetivo afetos positivos e satisfação com a vida e satisfação no relacionamento, enquanto o fator afetos negativos apresentou relação negativa com satisfação no relacionamento. Por sua vez, a percepção de

conjugalidade dos pais não apresentou relação com nenhum dos constructos mencionados acima.

Schaffhuser, Wagner, Lüdtke e Allemand (2014) encontraram relação positiva entre autoestima e satisfação em relacionamentos, em contrapartida, verificaram relação negativa entre neuroticismo e satisfação em relacionamentos. Estes autores destacam ainda que o neuroticismo apresenta-se como preditor da satisfação em relacionamentos. Por sua vez, Dainton e Gross (2008) verificaram que comportamento negativos como infidelidade, controle, ciúmes apresentaram relação negativa com a satisfação em relacionamentos, enquanto comportamentos positivos como positividade e gestão de conflitos, apresentaram relação positiva com o mesmo constructo.

Uma avaliação ampla acerca das crenças individuais no que concerne à formação e manutenção de relações satisfatórias, pode contribuir para a compreensão dos comportamentos individuais recorrentes em diferentes relacionamentos que estão relacionados tanto a sentimento de ansiedade dentro das relações, como nos resultados positivos nos relacionamentos felizes e duradouros (Riggio, Weiser, Valenzuela, Lui, Montes, & Heuer, 2013). Deste modo, o próximo subtópico será destinado às estratégias de comportamentos utilizados nas relações amorosas, como engano, busca de verdade e entusiasmo.

1.5. Estratégias de comportamento nos relacionamentos amorosos

Embora o compromisso em uma relação monogâmica seja desejável, tendo em conta os efeitos negativos que a traição promove, a infidelidade é algo habitual (Freire, Freires, Monteiro, & Nascimento, 2017). É possível observar, na atualidade, que a infidelidade é algo cada vez mais comum, não sendo mais considerada apenas como um rompimento de normas sociais, mas sim uma problemática que persiste entre os casais (Coutinho, 2013). A

infidelidade é considerada por Gunderson e Ferrari (2008) como uma das formas mais comuns de engano nos relacionamentos amorosos.

O conflito conjugal resulta de desavenças ou divergências em alguns aspectos, como objetivos pessoais, intenções, valores, interesses ou prioridades comportamentais, de maneira que a maioria dos casais se deparam com conflitos no casamento (Zeidner & Kloda, 2013). Contudo, as pessoas que acreditam que o seu modo de se comportar terá um papel na manutenção da satisfação do relacionamento têm eficácia em suas relações, tendo em conta que elas se dispõem a persistir em seus relacionamentos mesmo diante de dificuldades (Riggio et al., 2013).

A comunicação é um fator importante entre os casais, de tal modo que pode facilitar ou impedir a intimidade nos relacionamentos amorosos (Yoo et al., 2014). As experiências positivas na comunicação entre os casais são geralmente associadas a níveis elevados de intimidade (Yoo, Bartle-Haring, Day, & Gangamma, 2014). Nos relacionamentos íntimos, as pessoas que apresentam uma maior intimidade com seus parceiros passam a conhecê-los melhor, de maneira que conseguem identificar aquilo que o parceiro acredita ou deseja acreditar, bem como aprendem as consequências de serem verdadeiros ou enganarem seus companheiros (Metts, 1989). Nesta direção, comportamento estratégico consiste em um conjunto de comportamentos que são intencionais e estão direcionados a um objetivo (Buller & Burgoon, 1997).

Redlick (2015) afirma que mentira, falsidade e engano são considerados comportamentos que precisam ser evitados para que um relacionamento saudável seja alcançado, tendo em conta que o impasse existente entre verdade e engano tende a ser mais complexo em relacionamentos românticos que nas demais relações sociais (Metts, 1989). As pessoas muitas vezes consideram que seus parceiros são honestos como elas (Horan & Booth-Butterfield, 2011). Neste sentido, os achados de Cole (2011) apontaram que pessoas

que se envolvem no uso de engano tendem a apresentar crenças de que o seu parceiro também seja desonesto. Para uma melhor compreensão, em seguida será explanado acerca do engano.

1.5.1. Engano

Embora a mentira seja algo repudiado socialmente, o engano parece estar presente em muitas interações cotidianas (Redlick, 2015). O engano e a mentira estão presentes nas relações sociais, assim como a cooperação e a confiança (Schmitz, Zillmann, & Blossfeld, 2013). Buller e Burgoon (1997) afirmam que o engano exige mais recursos e esforços cognitivos que a verdade, de modo que se pode verificar indicadores evidentes de excitação cognitiva quando utilizado. O engano é considerado um ponto de destaque em relações estratégicas, a exemplo de barganha, jogos de pôquer (Ettinger & Jehiel, 2010). Observa-se seu uso no esporte (Blauser, 2017). Em negociações, este fenômeno também está presente (Gaspar & Schweitzer, 2013; Moran & Schweitzer, 2008; Schweitzer, DeChurch, & Gibson, 2005). Estes autores destacam que os negociadores lidam constantemente com tentativas de uso de engano, com a possibilidade de serem enganados, bem como quando detectam o engano de fato.

Em Psicologia também verifica-se o interesse no estudo do engano e de sua detecção (Hartwig & Bond Jr, 2011). O engano, embora seja considerado uma estratégia utilizada pelos humanos, seu uso também pode ser verificado pelos primatas (Johnson et al., 2005). A propósito, Bond Jr. e Robson (1988) destacam que tanto o engano como a detecção de engano evoluíram sob seleção natural. Estes autores afirmam que em conflitos entre presa e predador, assim como em competições por reprodução, o engano apresenta-se como uma vantagem seletiva.

Tal estratégia está presente desde as idades iniciais, de modo que desde muito cedo as crianças já são capazes de diferenciar a verdade do engano (Blauser, 2017). A comunicação

enganosa pressupõe o uso de estratégias de persuasão com o propósito de influenciar crenças, atitudes e comportamentos de outras pessoas (Armas Vargas & Medina, 2009). Cole (2001) afirma que os relacionamentos amorosos não são construídos sobre a verdade absoluta. Neste sentido, Guthrie e Kunkel (2013) destacam que, apesar dos casais buscarem a confiança e honestidade em seus relacionamentos, verifica-se também o uso do engano.

Buller e Burgoon (1997) afirmam que a Teoria do Engano Interpessoal considera que, no engano, há participação mútua entre remetente e receptor e caracteriza-se por influência mútua. Estes autores compreendem que o engano é direcionado e intencionado por objetivos, de modo que as pessoas quando o utilizam apresentam comportamentos estratégicos. Contudo, destaca-se que junto com as ações intencionais, podem ser verificados também sinais não intencionais, muitas vezes inconscientes.

O engano consiste em uma estratégia utilizada na interação social com o objetivo de alcançar uma vantagem sobre um adversário ou mesmo sobre o parceiro romântico (Johnson et al, 2005). Em relações românticas, observa-se comumente que a honestidade é idealizada e a mentira é considerada como um comportamento manipulador e inaceitável para a relação (Roggensack & Sillars, 2014). Por sua vez, Vrij (2008) afirma que mentiras sociais assim como o engano podem apresentar aspectos positivos para as relações, sendo utilizados tanto para benefício próprio como do outro. Quanto ao benefício próprio, as pessoas podem se sentir satisfeitas quando percebem que suas mentiras agradaram outras pessoas ou que evitaram conflitos. No que se refere ao benefício do outro, o autor destaca que, por vezes, a completa verdade pode prejudicar a confiança e a autoestima das pessoas. Contudo, Mann, Garcia-Rada, Houser e Ariely (2014) afirmam que, se utilizados com muita frequência, mesmo as mentiras que objetivam o benefício do outro, podem trazer prejuízos para a qualidade das relações.

Ennis, Vrij e Chance (2008) buscaram investigar a frequência de mentira para estranhos e pessoas próximas em um estudo realizado com 100 participantes. Inicialmente, em um conjunto de perguntas abertas, os autores realizaram um teste t, no qual observaram que os participantes relataram contar mais mentiras para estranhos que para amigos próximos, enquanto não foram observadas diferenças significativas quando comparados grupos de amigos íntimos e parceiros românticos.

Posteriormente, no grupo de perguntas fechadas, os autores realizaram uma Anova de medidas repetidas utilizando um delineamento misto de 3 (tipo de mentira: egocêntrica, orientada para o outro e altruísta) x 2 (proximidade emocional: amigo íntimo ou estranho, e natureza do relacionamento íntimo: melhor amigo ou parceiro romântico). O fator proximidade emocional não exerceu efeito significativo, de modo que, em contraposição aos resultados das perguntas abertas, os participantes relataram frequências semelhantes de mentira para estranhos e pessoas próximas. O tipo de mentira exerceu efeito significativo, com os participantes contando mais mentiras egocêntricas a mentiras altruístas. Contar mentiras orientadas para o outro não diferiu significativamente dos outros dois tipos de mentiras. Os resultados indicaram que nas três formas de engano, os participantes relataram mentir mais para o melhor amigo que para o parceiro romântico.

Os resultados do estudo de Ennis et al. (2008) também demonstraram um tipo significativo de engano por efeito de interação de proximidade emocional. Os participantes relataram contar mais mentiras egocêntricas para estranhos quando comparados com amigos próximos, menos mentiras orientadas para outro para estranhos quando comparados a amigos próximos e menos mentiras altruístas para estranhos quando comparados com amigos próximos. Os resultados no que se referem a interação entre a proximidade emocional e a natureza de relacionamento de amigos íntimos (melhor amigo x parceiro romântico) foram significativos. A tendência para contar mentiras altruístas mais para amigos íntimos que para

estranhos foi significativa apenas quando a natureza do relacionamento era melhor amigo. Quanto ao parceiro romântico, os participantes relataram contar o mesmo número de mentiras para este quanto contam para estranhos. Nos dois grupos, os participantes relataram contar mais mentiras egocêntricas e mentiras orientadas para o outro para estranhos quando comparados a amigos íntimos.

Stafford (2015) identificou que os homens utilizam mais o engano em relacionamentos amorosos que as mulheres. O autor verificou que os homens costumam enganar mais quanto aos seguintes aspectos: esconder o nível de compromisso, o que faz no tempo livre, sobre a idade, sobre uso de álcool e outras drogas, sentimentos negativos e história sexual. Ademais, estudos demonstram que fatores de personalidade parecem estar relacionados ao uso do engano, seja no que se refere à frequência de seu uso, seja aos resultados que são obtidos; dentre estes fatores, destaca-se a psicopatia (Klaver, Lee, Spidel, & Hart, 2009).

Um estudo realizado por Cole (2001) buscou investigar a relação entre o uso de engano, a percepção de engano pelo parceiro e a satisfação em relacionamentos amorosos. O autor verificou que o uso do engano e a percepção de engano pelo parceiro relacionam-se negativamente com níveis de satisfação em relacionamentos e compromisso. Assim como a percepção de que um parceiro é desonesto está relacionada ao uso de engano, bem como a níveis baixos de satisfação no relacionamento. Os achados deste estudo apontam que quanto mais baixo o nível de compromisso na relação, maior o uso de engano.

As pessoas muitas vezes consideram que seus parceiros são honestos como elas (Horan & Booth-Butterfield, 2011). Neste sentido, os achados de Cole (2011) apontou que pessoas que se envolvem no uso de engano tendem a apresentar crenças de que o seu parceiro também seja desonesto. O impasse existente entre verdade e engano tende a ser mais complexo em relacionamentos românticos que nas demais relações sociais (Metts, 1989).

Segundo Redlick e Vangelisti (2017), a mensagem afetiva enganosa ocorre nos relacionamentos românticos, em torno de três vezes por semana, podendo se dar de forma verbal ou não verbal, seja através de comentários ou ações. Segundo os autores, elas podem ser utilizadas quando a estabilidade da relação está sendo ameaçada pela insatisfação das necessidades de afeto; de modo que quando esta é desejada, as pessoas passam utilizar mensagens afetivas enganosas mesmo não sentindo genuinamente este afeto, apenas como forma de manter a relação.

Horan e Booth-Butterfield (2013) afirmam que as pessoas que utilizam estas mensagens são cientes dos custos e recompensas resultantes. Segundo os autores, as pessoas buscam evitar conversas negativas ou sentimentos difíceis, lidar com conflitos ou gerenciar emoções. Estas mensagens podem apresentar implicações para qualidade da relação, por exemplo, se o engano for descoberto, pode ocorrer uma diminuição da qualidade no relacionamento, em contrapartida, se não descoberto, o parceiro que fez uso do engano pode apresentar estresse ou culpa, ou em contrapartida, satisfação por ter conseguido seu objetivo (Horan & Booth-Butterfield, 2011).

Guthrie e Kunkel (2013) em seu estudo utilizaram e descreveram as cinco categorias de engano de Turner et al. (1975), as quais consistem em mentiras, exageros, meias-verdades, segredos e respostas divergentes. As mentiras referem-se a mensagens que falsificam a verdade; exageros consistem na ampliação da verdade ou mesmo na modificação de sua extensão; nas meias-verdades são escondidas toda a verdade ou retidas partes da informação; as respostas divergentes referem-se a estratégias de evitação, objetivando desviar o foco da informação. Embora verifiquem-se uma diversidade de tipologias do engano, destaca-se que este fenômeno apresenta-se falseando as informações, seja omitindo ou contradizendo a verdade; geralmente manifesta-se de três modos: evasão, exagero ou minimizando a verdade (Metts, 1989).

Os estudos realizados acerca do engano têm se concentrado tanto na produção como na detecção em diversos âmbitos (Smith, Hancock, Reynolds, & Birnholtz, 2014). Nesta direção, Pereira et al. (2006) realizaram um estudo para investigar a acurácia na avaliação da mentira. Por sua vez, Vasconcellos, Santos, Moraes, Ferraz, Freitas e Silveira (2016) construíram a Escala de Ansiedade em Situações de Mentira (EASME). A medida foi inicialmente composta de 44 itens que descreviam situações de mentira. O participante respondia em uma escala Likert de cinco pontos o grau de ansiedade que já sentiu ou imaginaria experimentar diante das situações propostas.

Participaram do estudo 452 estudantes universitários com uma média de idade de 22,3 anos. Foi realizada uma Análise de Componentes Principais, com rotação oblíqua, o que indicou uma solução de dois fatores. Os autores optaram por excluir itens que apresentaram carga fatorial superior a 0,30 em ambos os fatores. Nesta direção, o primeiro fator, denominado “Compromissos e negócios”, contemplava itens referentes a mentira em situações comerciais, bem como nos âmbitos acadêmico e profissional, foi composto por seis itens e alfa de Cronbach 0,81; o segundo foi denominado “Relacionamentos”, incluindo itens de mentira nas relações interpessoais, foi composto por seis itens e alfa de Cronbach de 0,82.

Tooke e Camire (1991) realizaram um estudo com o objetivo de identificar comportamentos enganosos na atração de parceiros utilizados por estudantes universitários. O objetivo do estudo 1 foi investigar estratégias de atração enganosas que são mais utilizadas por homens e mulheres. Participaram do estudo 96 pessoas do sexo feminino e 40 do sexo masculino da Universidade Estadual de Nova York. Foram verificadas diferenças significativas entre os sexos. Especificamente, quanto ao engano intersexual, os homens relataram uso mais frequente nas táticas referentes à domínio e recursos, assim como em sinceridade exagerada, confiança e bondade. As mulheres relataram utilizar mais táticas enganosas no que se refere à melhorar a aparência corporal.

Os autores destacaram que, quanto ao engano intrasexual, os homens utilizaram táticas enganosas em todas as categorias, exceto na alteração da aparência. Estes resultados indicam que os homens são mais propensos que às mulheres para enganar, apresentando-se como mais promissores, gentis, sinceros e confiáveis do que realmente são. Por sua vez, as mulheres fazem maior uso do engano para beneficiar sua aparência física. Quanto ao engano intrasexual, os homens costumam utilizar mais comportamentos e estratégias enganosas que o façam parecer mais desejáveis para as mulheres do que de fato são.

Os autores realizaram um segundo estudo objetivando investigar a natureza das diferenças sexuais em termos de atos que são vistos como o meio mais efetivo de engano intra e intersexual em contextos de atração. Participaram deste estudo 72 pessoas do sexo feminino e 44 do sexo masculino da Universidade Estadual de Nova York. Os resultados demonstraram que, intrassexualmente, os homens relataram que os comportamentos sexuais mais eficazes foram táticas de indiferença, popularidade sexual, intensidade sexual, promiscuidade sexual e o ato sexual combinado. Intersexualmente, os homens consideram mais eficazes os comportamentos enganosos referentes a sinceridade, confiança e bondade. As mulheres não apresentaram táticas intersexuais que fossem significativamente mais efetivas que os homens, mas encontraram mais eficácia nos comportamentos intersexuais enganosos referentes à melhora da aparência corporal (Tooke & Camire, 1991).

Vrij (2008) afirma que, por vezes, as mentiras não são detectadas pelo fato de que as pessoas preferem não ter conhecimento da verdade. Sendo este fenômeno considerado pelo autor como efeito avestruz. Vrij elenca três razões pelas quais as pessoas não querem saber a verdade, a saber: (a) a invenção, às vezes, costuma ser mais agradável que a verdade, sendo mais preferível a ignorância, (b) as pessoas têm medo das consequências da verdade, por isso muitas vezes não investigam se foram enganadas e (c) as pessoas não possuem interesse de descobrir as mentiras por medo de não saber o que fazer com a verdade.

O estudo de Cole (2001) é parte de um projeto mais amplo acerca dos padrões de comunicação em relacionamentos românticos. Nele participaram 128 casais heterossexuais, os quais responderam medidas que avaliavam o uso de engano, engano percebido pelo parceiro, reações percebidas do parceiro, apego e indicadores relacionais (e.g. satisfação, intimidade). Quanto ao engano, inicialmente realizaram-se duas análises separadas de regressão para avaliar se o nível de comprometimento e satisfação eram inversamente relacionados à percepção de engano pelo parceiro, de modo que a satisfação no relacionamento foi considerada em uma análise como variável dependente, enquanto na outra foi substituída por nível de comprometimento, e engano percebido pelo parceiro foi considerado como variável independente nas duas análises.

Os resultados demonstraram que a percepção de engano pelo parceiro relacionou-se negativamente a satisfação e comprometimento. Para investigar se o uso de engano relacionava-se à crença de que o parceiro é desonesto, as análises demonstraram correlação entre o uso de engano e à percepção de que o parceiro se envolve em comportamentos enganosos. Para verificar se o uso de engano estava relacionado a níveis baixos de comprometimento, o uso de engano foi considerado como variável dependente e o nível de comprometimento como variável independente, o que sugeriu que uso de engano também relacionou-se a níveis baixos de comprometimento.

Para investigar se o ceticismo em relação à honestidade do parceiro estava relacionada ao uso de engano por um parceiro, realizou-se uma análise de regressão, na qual engano percebido pelo parceiro foi considerada como variável dependente e uso de engano como variável independente, o que indicou que a percepção de engano pelo parceiro relacionou-se ao uso de engano pelo parceiro. Por fim, em se tratando dos itens referentes aos relatos das pessoas acerca de suas mentiras e do quando seus parceiros mentem no decorrer de uma

semana, Cole pôde observar que os participantes relataram se envolver em mais mentiras que seus parceiros no período de uma semana.

Diante do exposto, pôde-se verificar que o engano é utilizado como uma estratégia de comportamento em muitas interações cotidianas, inclusive pelos parceiros românticos. Em seguida, serão discutidas outras duas estratégias de comportamentos utilizadas pelos casais, o entusiasmo e a busca de verdade.

1.5.2. Entusiasmo e Busca de Verdade

Os custos relacionados aos conflitos e à dissolução de relacionamentos podem contribuir para que as pessoas passem a apresentar uma percepção mais positiva de seus parceiros e de seus relacionamentos (Simpson, Fletcher, & Campbell, 2001). Nesta direção, Murray, Holmes e Griffim (1996) levantam alguns questionamentos acerca das ilusões positivas, indagando se estas levam ao descontentamento, ou se enxergar os parceiros através de ideais podem minimizar possíveis conflitos. Estes autores destacam que a percepção da pessoa é o resultado das suas ilusões acrescidas à realidade do parceiro. Neste sentido, investigaram os benefícios e os possíveis custos das ilusões positivas nas relações de namoro. Murray, Holmes e Griffim (1996) concluíram que a idealização de um parceiro pode acarretar em riscos a longo prazo, tendo em conta que a medida que se deixa de enxergar o parceiro através de um filtro, possíveis insatisfações podem surgir, assim como os parceiros que são idealizados também podem se sentir incomodados.

Hernandez e Oliveira (2003) destacam que Sternberg (1989) considera que relacionamentos amorosos além de serem constituídos por duas pessoas de carne e osso, estão envolvidos também na relação os pares ideias de cada um. Para Hernandez e Oliveira (2003), a felicidade e a satisfação no relacionamento pode ser influenciada pela imaginação de uma pessoa, seja a partir de uma visão *hollywoodiana*, na qual esperam-se companheiros e relacionamentos perfeitos, seja a partir de expectativas baseadas em vivências passadas.

O sentimento de segurança e bem-estar no relacionamento pode exigir um certo grau de ilusão (ou imprecisão), de modo que esta possibilita, mesmo que temporariamente um sentimento de segurança ou paz (Murray, Holmes, & Griffin, 1996). Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006), por sua vez, discordam de tal perspectiva. Estes autores afirmam que é comum a associação da palavra casamento com romantismo e “felizes para sempre”, entretanto relações que iniciam com otimismo e encantamento elevados, por vezes, não são duradouras.

Murray (2014) destaca que existem muitas evidências de que as pessoas são positivamente tendenciosas no que refere aos traços e características de seu par, de maneira a enxergar o parceiro de forma mais positiva do que este realmente se vê, o que é denominado *Cheer-leader*, o que está relacionado a pessoas que são tendenciosas positivamente, que apresentam um viés positivo acerca das características do parceiro e de sua relação. Não obstante, esta autora também destaca que algumas pessoas tendem a ser precisas quanto aos seus pares e a sua relação. A *busca de verdade* é movida por necessidades mais epistêmicas, buscando identificar as potencialidades e fraquezas do(a) companheiro(a), bem como desenvolvendo uma percepção realista do parceiro. A autora faz referência à teoria evolucionista, a qual vai em consonância com a ideia de que as pessoas devem ser capazes de julgar com precisão e segurança seus parceiros e relacionamentos; uma vez que a seleção sexual darwinista baseia-se na premissa da escolha do melhor parceiro possível.

Murray (2014) desenvolveu uma medida para mensurar as diferenças individuais na busca de verdade e nas conclusões tendenciosas em relacionamentos românticos. Inicialmente, foi realizado um estudo piloto em uma amostra de 147 estudantes da Universidade Victória de Wellington. A escala *Cheer-Leading and Truth-Seeking* apresentava 16 itens, sendo oito para cada fator, de modo que quatro itens eram referentes a

parceiros e quatro referentes a relacionamentos. A análise fatorial exploratória indicou 4 itens (dois de cada dimensão) que não obtiveram cargas satisfatórias.

O estudo 1 foi realizado com 513 participantes que estavam em relacionamentos íntimos. Foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação *oblimin* na escala de 16 itens e, na mesma direção do estudo piloto, quatro itens não saturaram em seus respectivos fatores. Deste modo, os autores realizaram uma nova análise fatorial exploratória com a escala de 12 itens, indicando uma solução de dois fatores; estes apresentaram consistência interna satisfatória, a saber: *Cheer-Leading* ($\alpha = 0,90$) e *Truth-Seeking* ($\alpha = 0,87$).

O estudo 2, buscou verificar evidências de validade convergente e discriminante, foi realizado com uma amostra de 176 pessoas que estavam em relacionamentos românticos. *Cheer-leading* relacionou-se à melhor qualidade no relacionamento, a maior auto estima, maiores usos de comportamentos construtivos e menos uso de comportamentos de saída. Por sua vez, busca de verdade não apresentou relação com estes construtos, mas associou-se à maior apego ansioso.

O estudo 3, utilizando a mesma amostra do estudo 1, verificou-se que o fator *cheer-leading* apresentou efeito moderador entre problemas de relacionamento e qualidade no relacionamento. Quando aumentam-se problemas no relacionamento, sua qualidade cai, contudo, quando se acrescentou a variável *cheer-leading* a qualidade não caiu. A autora destaca que pessoas com maior nível de entusiasmo em períodos de conflito e crises em suas relações, estão protegidas contra a diminuição da qualidade de seus relacionamentos. Este efeito não foi verificado quando se acrescentou a variável busca de verdade.

Diante do exposto, considera-se relevante investigar outras variáveis que possam apresentar relações com os constructos mencionados, a exemplo da personalidade sombria e dos valores humanos. Para tanto, o próximo capítulo será destinado à Personalidade Sombria.

CAPÍTULO 2. PERSONALIDADE SOMBRIA

A personalidade refere-se a um constructo da psicologia que sempre apresentou notoriedade na área da Avaliação Psicológica, o que propiciou um elevado número de estudos e debates teóricos e metodológicos (Silva & Nakano, 2011). O termo “personalidade” é considerado amplo e vago em seu significado, de modo que cada psicólogo possui uma compreensão à sua maneira (Pasquali, 2003). Mais especificamente, a avaliação da personalidade depende da teoria utilizada pelo profissional, o que resulta em uma diversidade de conceituações do construto conforme as características de cada vertente teórica (Pervin & John, 2004; Nakano, 2014; Silva & Nakano, 2011). Nesta direção, buscar-se-á conceituar o termo personalidade, em seguida será apresentado um breve histórico acerca dos estudos sobre personalidade, serão apresentados correlatos de personalidade. Posteriormente, será abordada a Tríade Sombria da Personalidade, seguida pelos instrumentos que mensuram este construto e, por fim, serão apresentados estudos que relacionam tríade sombria e relacionamentos amorosos.

2.1. Definindo o termo personalidade

Como mencionado anteriormente, é importante ter em conta que as definições do termo personalidade variam conforme a perspectiva teórica adotada. O termo pode ser considerado como um conjunto de características das pessoas que explicam padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos (Pervin & John, 2004), de modo que as diferenças que são observadas entre os indivíduos no que se refere aos pensamentos, sentimentos e comportamentos estão no centro da psicologia da personalidade (Isler, 2017).

Por sua vez, Cohen, Swerdlik e Sturman (2014) consideram a personalidade como um conjunto de traços psicológicos relativamente estáveis no decorrer do tempo, compreendendo valores, interesses, atitudes, visão de mundo, estilos cognitivos e comportamentais. Nesta direção, Feist e Feist (2005) afirmam que a personalidade refere-se a um padrão de traços

relativamente estáveis e características únicas que dão consistência e singularidade ao comportamento das pessoas.

Bissoli (2014) considera a personalidade como um sistema constituído de diferentes funções psicológicas, as quais, em conjunto, caracterizam a maneira de cada pessoa agir. A autora também compreende a personalidade como um sistema estável. Araújo (2016) afirma que todas as pessoas possuem uma personalidade, a qual ao longo da vida é moldada por fatores biológicos e sociais. A autora ainda destaca que a personalidade influencia muitas escolhas nos diferentes âmbitos da vida, seja no profissional, na escolha de que carreira seguir, ou mesmo no âmbito pessoal, como na escolha de ser um bom parceiro.

Carvalho, Pianowski, Reis e Silva (2017) buscaram investigar como a personalidade tem sido compreendida no Brasil tanto por pesquisadores especialistas na área, como através das publicações científicas dos últimos anos. Para tanto, o estudo foi dividido em duas partes. Na primeira, participaram 11 doutores de diferentes regiões do país, os quais exercem/exerceram atividade docente, bem como estudam/estudaram o construto. Quanto à conceituação do termo, os profissionais em sua maioria elencaram *traços de personalidade*, *padrão de comportamento* e *estabilidade*. Os especialistas também destacaram *interação/adaptação ao ambiente*, sendo a personalidade considerada mediadora da adaptação; assim como outros construtos foram considerados, como *temperamento*, *caráter* e *identidade*. No que concerne ao modelo que embasa as definições, houve uma prevalência do *Modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade*, mas também um destaque para as *Teorias Psicanalíticas e/ou Psicodinâmica*.

A segunda parte do estudo consistiu em uma revisão da literatura, a qual apontou que nos últimos 14 anos foram produzidos 424 artigos, a partir de uma pesquisa com o descritor personalidade, na base de dados *Scielo* Brasil. Os autores, destacam a discrepância verificada quando se consideram dados internacionais, sendo o número de artigos publicados superior a

110 mil. Dos 424 artigos, seis foram selecionados, sendo identificado que apenas um apresentava como foco o constructo personalidade, três versavam sobre medidas de avaliação em personalidade e dois incluídos como análise de perfil da personalidade.

2.2. Breve histórico

Dentre os teóricos especulativos que ofereceram influências para as teorias contemporâneas da personalidade, encontram-se Carl Gustav Jung, o qual considerava que os indivíduos eram caracterizados por dois tipos de atitudes, a extroversão e a introversão; Alfred Adler, por sua vez, elencou tipos de temperamento (Ito & Guzzo, 2002). Floyd Allport e Gordon Allport, no início da década de 1920, consideraram uma abordagem multidimensional nos estudos sobre a personalidade, tanto no que concerne à classificação quanto à mensuração. Para estes estudiosos, quatro dimensões eram consideradas no conceito de personalidade, a saber: inteligência, temperamento, auto expressão e sociabilidade (Silva, 2010).

Os estudos de Allport possibilitaram o desenvolvimento, no âmbito científico, de pesquisas acerca da personalidade, o que resultou no surgimento de diferentes abordagens que se dedicaram à compreensão deste construto (humanista, cognitiva e de traços; Carvalho, Pianowski, Reis, & Silva, 2017). Neste sentido, Oliveira (2017) afirma que podem ser observadas uma diversidade de teorias que se propõem a explicar a personalidade (e.g. psicodinâmica, humanista, cognitivista), todavia destaca que é de salutar importância destacar a perspectiva pautada em traços, uma vez que é relevante sua contribuição para a compreensão deste constructo, bem como de sua mensuração e das dimensões que a compõem.

A análise fatorial possibilitou aos estudiosos que os comportamentos fossem reduzidos para um número menor de fatores (Just, 2011). Cattell, por sua vez, desenvolveu seus estudos em uma época em que os métodos de análise fatorial eram limitados e pouco

sofisticados, de maneira que as análises que, atualmente, são realizadas rapidamente através do uso de computadores, eram realizadas manualmente. Tal fato pode ser considerado, de certo modo, como contribuinte para a complexidade de seu modelo, o qual utilizou 16 fatores primários e oito fatores de segunda ordem (Hutz, Nunes, Silveira, Serra, Anton, & Wieczorek, 1998). Contudo, é notável seu destaque e inegável seu reconhecimento, tendo em conta que em meio aos desafios encontrados à sua época, este teórico foi pioneiro na construção de um sistema de personalidade (Eysenck, 1991).

É válido destacar também outro modelo teórico da personalidade, o qual foi proposto por Eysenck e Eysenck (1969, 1997), em que são considerados três traços: extroversão, neuroticismo e psicoticismo (Álvarez & Yusti, 2015). A personalidade é considerada por Eysenck como um sistema mais ou menos estável e duradouro do “caráter”, do “temperamento” e dos “aspectos intelectuais e físicos”, que determinam o ajuste ao meio ambiente (Almiro & Simões, 2011).

Os traços de personalidade podem ser considerados para prever, explicar e resumir o comportamento de uma pessoa, sendo os motivos para determinada conduta, resultantes de algum processo ou mecanismo interno (Silva & Nakano, 2011). Nesta direção, destaca-se que os traços contribuem para as diferenças observadas nos indivíduos seja no comportamento, como também na sua consistência no decorrer do tempo e na sua estabilidade em diferentes situações (Feist, Feist, & Roberts, 2015), sendo considerados um sistema dinâmico dentro de cada pessoa (Isler, 2017). Hesse, Capitão, Muner e Rossi (2015) afirmam que o traço pode ser entendido como uma “estrutura mental” que explica a regularidade ou a consistência do comportamento.

Nos estudos acerca da personalidade, um modelo que tem sido um dos mais utilizados na compreensão de sua estrutura, refere-se ao Modelo dos Cinco Grandes Fatores ou *Big Five* (Monteiro, Gouveia, Patrick, Carvalho, Medeiros, Pimentel, & Gouveia, 2015) proposto por

McCrae e John (1992). Hutz et al. (1998) afirmam que a descoberta dos cinco fatores ocorreu ocasionalmente, respaldando-se em uma generalização empírica e sendo replicada de forma independente diversas vezes. Ademais, estes mesmos autores destacam que não há uma explicação teórica para a organização da personalidade em cinco dimensões.

Este modelo teve sua origem a partir de um conjunto de estudos acerca da personalidade, provenientes de teorias fatoriais e de traços de personalidade (Silva & Nakano, 2011). A moderna classificação da personalidade teve origem a partir de pesquisas rigorosas e uso de análise fatorial realizadas durante décadas para classificação de um grande número de características em um número pequeno de dimensões (Isler, 2017). Neste sentido, Modelo dos Cinco Grandes Fatores consiste em uma versão moderna da Teoria dos Traços, possibilitando avanços na compreensão da personalidade, tanto em termos conceituais quanto empíricos (Hutz et al., 1998). O NEO PIR consiste em uma medida do Modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade, sendo considerado como um modelo relativamente abrangente e que compreende as principais esferas da personalidade (Miller, Zeichner, & Wilson, 2012).

O modelo dos cinco grandes fatores admite cinco fatores distintos da personalidade, resultantes de análises fatoriais de diferentes inventários e questionários desenvolvidos para avaliação da personalidade normal (Gomes, Gouveia, Silva Júnior, Coutinho, & Santos, 2013). A denominação das cinco dimensões não é consensual, contudo os traços descritos são os mesmos, bem como é equivalente a forma de agrupamento nas diferentes abordagens do Modelo dos Cinco Grandes Fatores (Carvalho, Nunes, Primi, & Nunes, 2012). Nesta direção, as cinco dimensões que compõem a personalidade são: Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Mudança, Amabilidade e Conscenciosidade (McCrae & John, 1992). As facetas constituem-se como aspectos específicos e singulares que são em conjunto o reflexo de

tendências cognitivas, afetivas e comportamentais que abrangem os domínios da personalidade (Isler, 2017).

As dimensões do *Big Five* avaliam de maneira independente diferentes tendências individuais, especificamente: *extroversão*, está relacionada ao grau de socialização, assertividade, energia, busca de sensações; *neuroticismo*, refere-se a instabilidade emocional, associa-se com a facilidade de se sentir chateado, irritado, ansioso; *amabilidade*, retrata pessoas solidárias, empáticas, cordiais; *conscienciosidade*, remete aos indivíduos que são precisos, pontuais, organizados, apresentam autocontrole, e por fim, *abertura à mudança*, referindo-se ao interesse pela cultura, criatividade, curiosidade e flexibilidade cognitiva (Kwantes, Derbentseva, Lam, Vartanian, & Marmurek, 2016; Monteiro, Gouveia, Patrick, Carvalho, Medeiros, Pimentel, & Gouveia, 2015).

2.3. Correlatos da Personalidade

Nakano (2014) afirma que, embora na literatura sejam destacadas a importância da personalidade e sua avaliação, há uma carência de pesquisas que busquem investigar os diferentes instrumentos que mensuram este construto, apontando as convergências e divergências existentes. Esta autora, a fim de suprir tal escassez, realizou um estudo buscando verificar convergências entre a Escala Fatorial de Socialização e o Inventário Fatorial de Personalidade, os quais são utilizados na avaliação da personalidade. Os resultados apontaram pontos de convergência, de modo que a relação entre as variáveis foram de fraca a forte. No entanto, Nakano (2014) afirma que, apesar da consistência observada, é necessário haver um cuidado com as afirmações, tendo em conta que apenas um dos cinco fatores de personalidade (amabilidade) foi considerado.

Nunes, Teles e Souza (2013) buscaram verificar a relação entre dois instrumentos que mensuram personalidade de maneira explícita: *NEO-International Personality Item Pool* e *Ten-Item Personality Inventory (TIPI)* e através do text-mining (*PersonalityMiner*), o qual

infeere personalidade de maneira implícita. No presente estudo foram realizadas análises de *tweets* de 28 participantes. Tendo em conta que esta ferramenta das redes sócias pode contribuir para que possam ser identificadas algumas características de personalidade. Cada participante respondeu às medidas mencionadas acima. Os resultados, demonstraram correlação fraca entre *PersonalityMiner* e *TIPI*, nos fatores extroversão e neuroticismo, bem como entre o *PersonalityMiner* e o *NEO-IPIP*, no fator extroversão. Embora as correlações tenham sido fracas, os autores consideram os resultados positivos, tendo em conta a existência de relação.

É possível encontrar na literatura estudos que relacionam a Personalidade com sintomas de depressão e funcionamento cognitivo em idosos (Gonzatti, Argimon, Esteves, Irigaray, Oliveira, & Moret-Tatay, 2017), o modo como os adolescentes se autoavaliam globalmente como estudantes (Carvalho & Novo, 2014), dependência nicotínica em universitários (Fujita, Nakano, & Rondina, 2015), eventos de vida e bem-estar subjetivo (Woyciekoski, Natividade, & Hutz, 2014).

Cotter e Kerschner (2018) realizaram um estudo com 421 pessoas que estavam em um relacionamento amoroso e verificaram que a dimensão conscienciosidade pode influenciar a percepção das pessoas em questões referentes a relacionamento, tanto no que concerne à satisfação, como ao controle social relacionado à saúde. Estes autores destacam que pessoas conscienciosas tendem a considerar a interpretação dos seus parceiros quanto às suas declarações referentes à saúde, buscando que estas sejam interpretadas de maneira positiva. Nesta direção, o controle social mediou a relação entre conscienciosidade e qualidade do relacionamento.

Gray e Coons (2017) realizaram o estudo acerca da similaridade de personalidade entre os casais e satisfação em relacionamentos. Participaram 125 casais com média de idade de 19,46 anos. Dentre os achados, destaca-se que a semelhança nos traços de personalidade

entre casais está relacionada à priorização dos mesmos objetivos por ambos e, que a semelhança entre os traços relacionou-se com a satisfação de relacionamento em mulheres, mas não se relacionou à satisfação dos homens.

Mônego e Teodoro (2011) investigaram a relação entre satisfação conjugal, amor e personalidade em uma amostra de 192 estudantes universitários. Os resultados indicaram uma relação entre o traço socialização e os aspectos românticos nos grupos casados e namoro/noivado, sugerindo que pessoas bondosas e empáticas apresentam percepções positivas sobre seus relacionamentos, o que não foi observado no grupo de ficantes. Contudo, neste grupo, o traço realização apresentou relação com intimidade, assim como o traço extroversão relacionou-se com paixão. Neste estudo, os autores também investigaram os preditores da satisfação conjugal e verificaram influências dos traços neuroticismo (negativa) e realização (positiva).

Ademais, também verifica-se na literatura estudos que relacionem personalidade e engano. Álvarez e Yusti (2015), por exemplo, realizaram uma revisão de literatura envolvendo estudos que verificassem a relação entre os dois constructos. Estes autores verificaram que os traços de personalidade relacionam-se tanto o modo de enganar, assim como com o objetivo do uso de engano.

Embora o Modelo dos Cinco Grandes Fatores possibilite o estudo de aspectos gerais da personalidade, o mesmo não aborda aspectos mais sombrios e socialmente indesejáveis que podem ser observados (Jonason, Girgis, & Milne-Home, 2017; Jonason, Icho, & Ireland, 2016), assim como do lado luminoso do ser humano (Oliveira, 2017). Nesta ocasião, em seguida será esplanado acerca da Tríade Sombria da Personalidade.

2.4. Tríade Sombria da Personalidade

Os traços da Tríade Sombria, os quais são compostos por narcisismo, maquiavelismo e psicopatia, têm despertado o interesse de teóricos da personalidade (Jonason, Fletcher, &

Hashmani, 2019), tendo se tornado, na última década, mais popular nesta área da Psicologia (Jonason & Lavertu, 2017; Jonason, Foster, Oshio, Sitnikova, Birkas, & Gouveia, 2017). Ademais, este construto oferece contribuições teóricas e práticas para várias áreas, como psicologia organizacional, clínica e social (Jonason & Fletcher, 2018). Estes traços apresentam características da personalidade que são consideradas socialmente aversivas (Malesza & Ostaszewski, 2016), como superioridade, dominância, manipulação, impulsividade (Jonason, Lyons, Baughman, & Vernon, 2014), estando relacionados a altos níveis de interesse próprio e baixos níveis de qualidades empáticas (Jonason, Li, Webster, & Schimdtt, 2009).

Nesta direção, Jonason e Williams (2002) afirmam que, embora variando em graus, estes traços implicam em caráter socialmente malévolo, de modo que podem ser observadas tendências comportamentais relacionadas a autopromoção, frieza emocional, duplicidade e agressividade. Embora os três traços compartilhem estas características, isso não implica que sejam redundantes, tendo em conta que cada dimensão possui características intrapessoais ligeiramente distintas (Koehn, Okan, & Jonason, 2018). Embora haja esta distinção entre as dimensões da tríade sombria, verifica-se que elas estão relacionadas e apresentam como características falta de empatia, exploração e manipulação (Brewer et al., 2018).

D'Souza e Jones (2017) salientam que as dimensões da tríade sombria apresentam características subclínicas, não sendo considerados como patológicos. Estes autores também destacam que embora estas dimensões sejam distintas em termos conceituais, empiricamente é possível observar características que se sobrepõem. Não obstante, não há um consenso acerca dos motivos de tal sobreposição, embora seja observado um crescimento nos estudos do lado sombrio da personalidade, tanto no que concerne ao entendimento de sua estrutura como na compreensão de diversos fenômenos (Medeiros, Monteiro, Gouveia, Nascimento, & Gouveia, 2017).

É possível verificar na literatura o interesse na compreensão deste construto relacionando-o com outras variáveis, a exemplo de crueldade com animais (Kavanagh, Signal, & Taylor, 2013), infidelidade (Jones & Weiser, 2014), religiosidade e empatia (Łowicki & Zajenkowski, 2015). Ademais, os estudos apontam que há diferenças entre homens e mulheres quanto aos traços sombrios da personalidade, de modo que os homens apresentam pontuações significativamente mais elevadas nas três dimensões deste constructo (Azizli, Atkinson, Baughman, Chin, Vernon, Harris, & Veselka, 2016; Gonçalves & Campbell, 2014; Jonason & Webster, 2010; Kardum, Hudek-Knezevic, Mehic, & Pilek, 2018).

Especificamente, o narcisismo pode ser compreendido tanto como um traço de personalidade como um transtorno de personalidade, e apresenta como características preocupação com si, antagonismo e falta de empatia (Lamkin, Lavner, & Shaffer, 2017). Pessoas que pontuam alto neste traço apresentam características de dominância, grandiosidade, superioridade, buscam ser o centro das atenções, assim como para obter sucesso fazem uso de arrogância (Gonçalves & Campbell, 2014). Para manterem seu objetivo central de ganhar e manter uma visão de si grandiosa, pessoas que apresentam traço narcisista buscam admiração dos outros (D'Souza & Jones, 2017; Wurst et al., 2017) e reforço do ego (Volmer, Koch, & Göritz, 2016).

Wurst et al. (2017) destacam uma distinção bidimensional por Back et al. (2013), *Narcissistic Admiration and Rivalry Concept* – NARC. Esta distinção possibilita uma compreensão dos efeitos do narcisismo em diferentes estágios dos relacionamentos românticos. Estas dimensões são distintas, mas positivamente relacionadas, de modo que ambas possibilitam o alcance do objetivo central do narcisismo, o qual consiste em ganhar ou manter uma visão grandiosa de si, no entanto diferem-se em termos de estratégias sociais utilizadas, assim como nas consequências interpessoais. A primeira dimensão, admiração

narcisista, apresenta-se como uma tendência de promover uma visão positiva de si, buscando admiração dos outros, por sua vez, a segunda dimensão, rivalidade narcisista, há uma busca por se proteger de uma visão negativa de si, a partir de uma depreciação do outro (Wurst et al., 2017).

A psicopatia é caracterizada por impulsividade e, como narcisistas e maquiavélicos, são pessoas manipuladoras e utilizam do seu charme para obter ganhos e enganar os outros (Gonçalves & Campbell, 2014). Este traço apresenta como características principais o distanciamento emocional e a incapacidade de formar e manter laços fortes, representações de apego inseguro (Savard, Brassard, Lussier, & Sabourin, 2015), impulsividade (Volmer, Koch, & Göritz, 2016), baixa empatia e ansiedade (Paulhus & Williams, 2002). A psicopatia está relacionada a características como mentiras, egocentrismo, charme superficial, falta de remorso e insensibilidade (Atari & Chegeni, 2016), sendo considerada, mesmo em sua manifestação subclínica, como a dimensão mais sombria dentre os traços que compõem a tríade sombria (Monteiro, 2017).

Hauck Filho, Teixeira e Dias (2012) destacam que, no que concerne à avaliação da psicopatia, verifica uma discussão a respeito de sua natureza. A discussão centra-se a respeito de a psicopatia ser considerada categórica (tipológica) ou dimensional. Os autores afirmam que, quanto a concepção categórica, as diferenças entre indivíduos psicopatas e não psicopatas são qualitativas, enquanto na perspectiva dimensional as diferenças são quantitativas. Acerca disso, Monteiro (2017) afirma que as pessoas podem variar nas formas e nos níveis de expressão da psicopatia, de modo que em algumas pessoas a psicopatia se apresenta de maneira mais intensa e severa.

Hauck Filho, Teixeira e Dias (2012) realizaram uma revisão da literatura sobre a psicopatia destacando aqueles que consideram uma perspectiva dimensional e não-criminosa deste construto. Neste mesmo estudo foi também destacado que comportamento antissocial

não deve ser considerado como constituinte da psicopatia, mas apenas um correlato. Segundo os autores a psicopatia deve ser compreendida como um rótulo para um conjunto de traços de personalidade, os quais são indesejáveis na esfera social e que manifestam-se a nível interpessoal, afetivo e cognitivo.

O maquiavelismo é considerado o único das três dimensões que não se constitui-se como um transtorno de personalidade (Gouveia, Monteiro, Gouveia, Athayde, & Cavalcanti, 2016). Maquiavélicos costumam agir de maneira exploradora e tendem a ser frios emocionalmente (Volmer, Koch, & Göritz, 2016). Embora maquiavélicos não possuam tanto controle de impulsos quanto os indivíduos não maquiavélicos, eles possuem uma vantagem quando comparados a narcisistas e psicopatas, apresentando, desse modo, um mínimo de autocontrole (Malesza & Ostaszewski, 2016). Ademais, Jones e Paulhus (2014) afirmam que os maquiavélicos fazem planos com antecedência, fazem alianças e buscam o seu melhor para manterem uma reputação positiva. Estes autores destacam três pontos chave que caracterizam o maquiavelismo, a saber: (a) manipulação, (b) insensibilidade afetiva e (c) orientação estratégica. Jones e Paulhus (2017) afirmam que a orientação estratégica demanda recursos cognitivos. Segundo os autores, quando estes recursos são esgotados, as pessoas que pontuam alto em maquiavelismo podem perder sua vantagem estratégica e apresentar comportamentos semelhantes às pessoas que pontuam alto em psicopatia.

Maquiavelismo e psicopatia apresentam como características déficit de afeto e o estilo comportamental antagônico, desse modo é possível que estes traços de personalidade estejam relacionados à má qualidade em relações íntimas (Ali & Chamorro-Premuzic, 2010). Dussalt, Hojjat e Boone (2013) buscaram investigar o maquiavelismo no âmbito dos relacionamentos românticos e verificaram que, independente do gênero, pessoas que pontuam alto em maquiavelismo tendem a fazer uso de estratégias enganosas na atração de parceiros.

Jones e Paulhus (2017) com o objetivo de verificar a relação entre tríade sombria e engano, realizaram cinco estudos e, dentre os resultados encontrados, destaca-se que psicopatia e maquiavelismo relacionaram-se com o engano, o que não ocorreu com o traço narcisismo. Os resultados também sugeriram que pessoas que pontuam alto em psicopatia e maquiavelismo exibem engano interpessoal, enquanto pessoas que pontuam alto em narcisismo parecem se auto enganar.

Os traços da tríade sombria influenciam o comportamento das pessoas, sendo possível observar uma tendência, pois especialmente quando ameaçados, esses indivíduos responsabilizam e punem os outros por seus erros (Jonason, Fletcher, & Hashmani, 2019). Jonanson e Fletcher (2018) afirmam que, quanto à diferença entre a natureza do narcisismo e os outros dois traços, psicopatia e maquiavelismo, os dois últimos são traços essencialmente desviantes, que caracterizam-se por sua natureza exploradora, fria e manipuladora. Nesta direção, Jones e Paulhus (2014) destacam que narcisistas voltam seus comportamentos para reforçar o seu ego, enquanto psicopatas e maquiavélicos são motivados por ganhos materiais ou instrumentais.

Os traços da tríade sombria facilitam comportamentos de exploração em contextos sociais de curto prazo (Jonason, Li, Webster, & Schimdtt, 2009), assim como apresentam-se como uma tendência, de modo que quando se sentem ameaçadas, pessoas que pontuam alto nestes traços, podem comportar-se para evitar a culpa ou para punir os outros pelos seus erros (Jonason, Fletcher, & Hashmani, 2019). Monteiro (2017) afirma que é quase um consenso entre os estudiosos que pessoas com traços narcísicos, psicopáticos e maquiavélicos sempre buscam conseguir vantagens, priorizando interesses próprios. Embora os traços da tríade sombria apresentem características e tendências negativas, de acordo com a perspectiva evolucionista, estas dimensões da personalidade podem apresentar fins positivos (Koehn, Okan, & Jonason, 2018).

Após esse breve panorama acerca da tríade sombria, considera-se importante elencar alguns instrumentos que possibilitam a mensuração deste construto.

2.4.1. Instrumentos que mensuram a Tríade Sombria

O crescente interesse pelos traços sombrios da personalidade tem impulsionado o desenvolvimento de medidas que mensuram as três dimensões da tríade sombria de maneira concomitante e válida (Maples, Lamkin, & Miller, 2014). Nesta direção, Jonason e Webster (2010) desenvolveram a *Dark Triad Dirty Dozen* (DTDD) como o propósito de elaborar uma medida concisa da *Dark Triad* mantendo a flexibilidade em apresentar-se como uni ou tridimensional. Foram elaborados 22 itens com base nas medidas que mensuravam tríade sombria. Participaram 273 estudantes de psicologia, com idades variando entre 18 e 47 anos. Os participantes responderam medidas de personalidade (*Big Five Inventory*), narcisismo (40-item NPI), psicopatia (*Psychopathy Scale-III*), maquiavelismo (*Mach IV*), homossexualidade. Os autores realizaram uma Análise de Componentes Principais (ACP), com rotação oblíqua, o que resultou em uma solução composta por 12 itens. Os autores realizaram uma nova ACP e análise de consistência interna para testar a estrutura dos fatores. A medida apresentou alfa de Cronbach de 0,83, sendo que cada fator também apresentou boa consistência interna, a saber: psicopatia ($\alpha = 0,63$), maquiavelismo ($\alpha = 0,72$) e narcisismo ($\alpha = 0,79$). Posteriormente, os autores verificaram a validade convergente e discriminante da *Dirty Dozen*. Os resultados demonstraram correlações positivas com orientação a relações de curto prazo e experiência sexual, e correlações negativas com amabilidade e conscienciosidade.

Os autores buscaram ainda confirmar a estrutura encontrada, buscando evidências de validade fatorial e relacionando-a a medidas de personalidade, acasalamento e autoestima. Participaram deste estudo 246 estudantes de psicologia, com idades variando entre 18 e 42 anos. Os autores realizaram o mesmo procedimento do estudo 1, confirmando os resultados

encontrados. A medida apresentou alfa de Cronbach semelhante ao estudo 1 ($\alpha = 0,83$), cada fator também apresentou boa consistência interna, a saber: psicopatia ($\alpha = 0,69$), maquiavelismo ($\alpha = 0,77$) e narcisismo ($\alpha = 0,68$). A análise confirmatória indicou índices de ajuste satisfatórios para a estrutura de três fatores (CFI = 0,92; RMSEA = 0,08). A medida apresentou relação positiva com sociosexualidade e abertura a mudança, e correlação negativa com neuroticismo e conscienciosidade.

A *Dark Triad Dirty Dozen* foi adaptada para o contexto brasileiro por Gouveia, Monteiro, Gouveia, Athayde e Cavalcanti (2016). Inicialmente, estes autores realizaram uma Análise dos Componentes Principais, a qual apontou uma estrutura formada por três fatores, os quais explicaram conjuntamente 65,7% da variância total. A escala apresentou um alfa de Cronbach de 0,85, sendo que cada fator, apresentou separadamente, os seguintes índices, Maquiavelismo ($\alpha = 0,85$), Narcisismo ($\alpha = 0,84$) e Psicopatia ($\alpha = 0,72$). Posteriormente, os autores realizaram uma Análise Fatorial Confirmatória, na qual pôde-se atestar os parâmetros psicométricos da medida, sendo os coeficientes de consistência interna os seguintes para cada fator: Maquiavelismo ($\alpha = 0,80$), Narcisismo ($\alpha = 0,80$) e Psicopatia ($\alpha = 0,66$) e, para o fator geral ($\alpha = 0,85$). Estes autores buscaram ainda verificar a relação da tríade sombria com os cinco grandes traços de personalidade. Os resultados apontaram que a dimensão amabilidade desta escala correlacionou-se negativamente com os três fatores da DTDD, respectivamente Maquiavelismo ($r = -0,28, p < 0,001$), Narcisismo ($r = -0,17, p < 0,05$) e Psicopatia ($r = -0,15, p < 0,05$).

Outra medida utilizada para mensurar a tríade sombria, refere-se à *Short Dark Triad* (SD3), a qual foi desenvolvida por Jones e Paulhus (2014). Estes autores buscavam uma medida curta que mensurasse a tríade sombria. A escala é composta por 27 itens, sendo nove itens para cada dimensão. A confiabilidade para cada fator foi aceitável: Maquiavelismo ($\alpha = 0,71$), Psicopatia ($\alpha = 0,77$) e Narcisismo ($\alpha = 0,74$). Esta escala foi adaptada por Monteiro

(2017) para o contexto brasileiro. Foi realizada uma Análise de Componentes Principais fixando-se em três fatores, o que indicou uma estrutura composta por 16 itens, especificamente Psicopatia composta por oito itens ($\alpha = 0,68$), Narcisismo, composto por quatro itens ($\alpha = 0,60$) e Maquiavelismo, composto por quatro itens ($\alpha = 0,53$).

Dinić, Petrović e Jonason (2018) conduziram três estudos para verificar as propriedades psicométricas das traduções sérvias das duas medidas citadas previamente. Para tanto realizaram três estudos. No estudo 1, o qual objetivou verificar as propriedades psicométricas da *Dark Triad Dirty Dozen*, participaram 364 estudantes, com idades variando entre 18 e 28 anos. O instrumento utilizado foi a *Dark Triad Dirty Dozen* adaptada para a população sérvia. O estudo 2, objetivou conhecer as propriedades psicométricas da *Short Dark Triad* e contou com a participação de 409 pessoas da população geral, com idades variando entre 18 e 76 anos. Foi utilizada a adaptação sérvia da *Short Dark Triad*. Por fim, no estudo 3, o qual apresentava o objetivo de verificar validade convergente e discriminante com os traços de personalidade do modelo HEXACO e empatia, participaram 443 pessoas da população geral, com idades entre 19 e 49 anos. Como instrumentos foram utilizados a DTDD, a SD3, o HEXACO-60 e uma medida de empatia.

Dentre os resultados encontrados pode-se destacar que homens pontuaram mais que as mulheres nas três dimensões de ambos os instrumentos. O modelo de três fatores apresentou índices de ajuste satisfatórios nas duas medidas. Os resultados demonstraram que os parâmetros de discriminação dos itens da DTDD eram altos. Itens de psicopatia e maquiavelismo tendem a ser mais difíceis de endossar, de modo que estas duas dimensões foram mais informativas em pontuações acima da média. Por sua vez, o narcisismo parece ser informativo em qualquer faixa de pontuação. Quanto aos itens da SD3, a discriminação foi alta, exceto em três itens invertidos. Nesta medida, os itens de psicopatia tende a ser mais difíceis de endossar, fornecendo mais informações nas pontuações mais altas destes traços.

Narcisismo e maquiavelismo, por sua vez, parecem ser informativos em qualquer faixa de pontuação. Os resultados do estudo 3 indicaram correlações altas entre a DTDD e a SD3, sendo observadas correlações mais altas entre o traço maquiavelismo da DTDD e psicopatia da SD3. A dimensão honestidade-humildade foi o principal correlato dos dois instrumentos, seguido por amabilidade e conscienciosidade. Quanto a medida de empatia, verificaram-se correlações negativas de ambas as medidas com empatia afetiva, sobretudo a dimensão psicopatia.

Considera-se importante apresentar estudos que relacionem a tríade sombria da personalidade com os relacionamentos amorosos. Neste sentido, no próximo subtópico serão apresentadas pesquisas com estas variáveis.

2.4.2. Tríade sombria e relacionamentos amorosos

Jonason, Li, Webster e Schmitt (2009) em um estudo realizado no México com 224 estudantes de psicologia investigaram a relação entre tríade sombria e relacionamentos de curto prazo. Os resultados apontaram que, quando comparados os sexos, os homens apresentam maior pontuação na tríade sombria. Ademais, os resultados demonstraram que alta pontuação em tríade sombria correlacionou-se com um número elevado de parceiros sexuais, assim como por uma preferência para relacionamentos de curto prazo, mas não com relacionamentos de longo prazo.

Gonçalves e Campbell (2014) em um estudo realizado nos Estados Unidos com 331 participantes, investigaram a relação entre traços sombrios e táticas de depreciação de concorrentes a situações de competição por um parceiro. As pontuações foram significativas e demonstraram que indivíduos maquiavélicos, quando expostos a tais situações tendem a adotar um estilo rude com o seu concorrente. Por sua vez, pessoas que apresentam alta pontuação em narcisismo, tendem a tentar ofuscar o seu rival, demonstrando que possui dominância, superioridade e força. Enquanto os psicopatas, os quais são emocionalmente

frios e não se sentem incomodados em causar danos aos outros, nestas situações, buscam prejudicar a reputação do seu concorrente.

Jones e Weiser (2014) afirmam que tendo em conta as características de frieza e manipulação que se observam nas pessoas que pontuam alto em tríade sombria, estas são mais propensas a se envolverem em infidelidade. Estes autores afirmam que, teoricamente, as motivações são diferentes conforme cada dimensão, sendo que a infidelidade dos narcisistas pode estar relacionada às suas necessidades egoístas, nos maquiavélicos, ao planejamento de longo prazo e, nos psicopatas, à busca impulsiva por emoções. Empiricamente, as três dimensões apresentam relação com a infidelidade, contudo essas associações são distintas quando se comparam homens e mulheres. Especificamente, nos homens, a psicopatia apresenta correlação moderada com a infidelidade ($r = 0,21$, $p < 0,05$), enquanto maquiavelismo e narcisismo apresentam correlação fraca ($r = 0,12$ e $0,12$, $p < 0,05$). Nas mulheres, psicopatia e maquiavelismo correlacionam-se moderadamente com infidelidade ($r = 0,19$ e $0,19$, $p < 0,05$), e por sua vez, narcisismo não apresenta relação ($r = 0,0$) (Jones & Weiser, 2014).

Kardum et al. (2018) buscaram investigar os efeitos da similaridade ou não de traços da tríade sombria entre casais. Participaram do estudo 100 casais heterossexuais, com idades variando entre 18 a 31 anos. O estudo apontou que a tríade sombria em mulheres não se relacionou com a qualidade de relacionamento de homens e mulheres, por sua vez, psicopatia e maquiavelismo em homens correlacionou-se negativamente à qualidade de relacionamento em ambos os parceiros. Quanto à similaridade de perfis, observou-se que semelhanças em psicopatia e narcisismo relacionaram-se positivamente com a qualidade de relacionamento de homens e mulheres. Os autores também investigaram o poder preditivo dos traços da tríade sombria sobre a qualidade de relacionamentos e identificaram aqueles previram significativamente a qualidade de relacionamentos de ambos os sexos e apenas psicopatia foi

preditor significativo da qualidade de relacionamento em homens e mulheres. Os achados também apontam que a dissimilaridade em psicopatia e semelhança nas pontuações em maquiavelismo podem ser prejudiciais à relação, em contrapartida, as semelhanças em narcisismo são benéficas.

Monteiro, Lopes, Nascimento, Gouveia, Shackelford e Zeigler-Hill (2017) buscaram investigar a relação entre os traços da tríade sombria e a autopromoção para atrair parceiros de curto prazo. O estudo foi realizado com 225 estudantes universitários responderam a *The Dirty Dozen* e *Mate Attraction Tactics*. Os resultados para os homens apontaram que os traços da tríade sombria predizem os comportamentos de autopromoção, especificamente, psicopatia e narcisismo foram associados positivamente, enquanto maquiavelismo foi relacionado negativamente. Quanto as mulheres, os resultados indicaram os traços da tríade sombria como preditores de comportamentos de autopromoção, especificamente, e apenas narcisismo associou-se positivamente.

Quanto aos estudos acerca engano, Seto, Khattar, Lalumière e Quinsey (1997) investigaram a relação entre psicopatia e uso de engano em relações sexuais e não sexuais. Participaram do estudo 47 homens heterossexuais com média de idade de 28,7 anos. Os resultados indicaram relação positiva entre psicopatia e estratégias de engano nas relações sexuais e relações não sexuais, assim como estratégias sexuais de curto prazo.

Jonason, Lyons, Baughman e Vernon (2014) pesquisaram a relação entre os traços da tríade sombria e medidas de engano de domínio geral e específico. Quanto ao engano em domínio geral, verificaram que os traços de psicopatia e maquiavelismo apresentaram relação positiva com o número de mentiras contadas, o narcisismo apresentou relação positiva com mentiras de auto ganho, maquiavelismo com mentiras leves e psicopatia com contar mentiras sem motivo. No que se refere a mentiras de domínio específico, o traço de maquiavelismo estava relacionado a táticas de engano intersexual, como sinceridade, intenção sexual e

envolvimento e, engano intrassexual, como indiferença. O narcisismo estava relacionado a táticas de engano intersexual, como dominância e aparência e, táticas de engano intrassexual, como intensidade e popularidade.

Brewer e Abell (2015) buscaram verificar a relação entre motivação para se envolver em comportamento sexual, engano sexual e intenção de se envolver em infidelidade. Participaram do estudo 282 pessoas, com idades variando de 18 a 81 anos. Os resultados demonstraram que o maquiavelismo apresentou relação com as três formas de engano investigadas: mentira flagrante (objetivando envolver-se em comportamento sexual com parceiro atual ou potencial), auto serviço (envolver-se em comportamento sexual para obtenção de ganho específico) e para evitar conflitos com o parceiro.

Carter, Montanaro, Linney e Campbell (2015) buscaram investigar a relação entre tríade sombria e competição sexual entre mulheres. 439 mulheres com idades variando entre 17 e 40 anos responderam a *Dirty Dozen*, a *Scale for Sexual Competition* e a *Hypercompetitive Attitude Scale*. Os resultados demonstraram relação positiva entre os traços da tríade sombria com competitividade geral e competitividade sexual. Os traços da tríade sombria também apresentaram-se como preditores significativos, sendo o traço narcisismo o mais forte preditor tanto em competitividade geral como em competitividade sexual.

Azizli et al. (2016) realizaram um estudo com 464 estudantes de graduação objetivando investigar se os traços da Tríade Sombria predizem comportamentos de má conduta e uso de engano de alto risco. Os resultados sugeriram que homens pontuam mais alto que mulheres tanto no engano de alto risco geral, como no contexto de relacionamento. No que concerne ao poder preditivo do Narcisismo, da Psicopatia e do Maquiavelismo no engano de alto risco, apenas o último apresentou-se como preditor significativo. Nesta direção, os achados de Dussault, Hojjat e Boone (2013) apontam que pessoas com alta

pontuação em maquiavelismo tentem a se envolver mais no uso de estratégias enganosas que àquelas pessoas com baixa pontuação naquele constructo.

Como dito acima, é possível encontrar na literatura estudos envolvendo a personalidade e os valores humanos para a compreensão de outras variáveis. Na presente dissertação, buscar-se-á investigar a influência destes constructos na satisfação em relacionamentos amorosos. Desse modo, o próximo capítulo é destinado a uma explanação acerca dos valores humanos.

Todas as pessoas possuem valores, os quais são aproximadamente os mesmos, diferenciando-se em termos de intensidade das prioridades (Gouveia, 2013). Têm-se verificado que muitas áreas do conhecimento apresentam interesse em seu estudo, embora as perspectivas teóricas sejam diferentes, estas áreas se complementam (Torres, Schwartz, & Nascimento, 2016). Para uma melhor compreensão acerca deste constructo, no presente capítulo buscar-se-á definir valores humanos, em seguida será apresentado um breve histórico dos estudos na área dos valores humanos. Serão apresentadas as perspectivas cultural e individual dos estudos dos valores. Posteriormente, será destinado um tópico acerca da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos, teoria esta que embasa a presente dissertação. Por fim, serão apresentados estudos que abordam o relacionamento dos valores humanos e outras variáveis.

3.1. Definição

Desde os filósofos da axiologia até os teóricos da psicologia social que se admite a existência de valores universais, os quais diferenciam-se entre as pessoas em termos de prioridades que cada um atribui (Sambiase, Teixeira, Bilsky, Araújo, & Domenico, 2014). A propósito, é possível observar que o termo valores humanos está corriqueiramente nos discursos de educadores, políticos, religiosos, pesquisadores (Gouveia, 2013; Gouveia, Milfont, Soares, Andrade, & Leite, 2011).

Gouveia (2003) considera que os valores surgem associados a experiências de socialização, e que estão relacionados ao contexto sociocultural dos indivíduos. Neste sentido, a socialização dos valores é passada através das gerações, de modo que o processo de transmissão desses valores ocorre desde a infância, consiste em um processo contínuo e ocorre nos diferentes ambientes que as crianças interagem, seja na família, na escola, ou na interação com os pares ou adultos significativos (Uzefovsky, Doring, & Knafo-Noam, 2016).

Embora o interesse dos pesquisadores no estudo dos valores tenham possibilitado uma melhor compreensão do constructo, consiste um desafio a sua definição (Torres, Schwartz, & Nascimento, 2016). Souza, Gouveia, Lima e Santos (2015) destacam que nos anos 1950 não havia um referencial que possibilitasse um consenso na conceituação de valor e, embora a ideia de valor como um atributo a um objeto tivesse sido rejeitada, não havia um entendimento acerca da distinção entre valor como desejável ou desejado. Estes autores destacam que foi com a definição de Kluckhohn, em 1951, que foi possível uma compreensão acerca dos valores, sendo estes considerados como “centrados nas pessoa” e pertencentes ao “desejável”.

Feather (1995) considera os valores não apenas como crenças generalizadas sobre aquilo que é desejável ou não, mas também como motivações. Nesta direção Gouveia (2013) destaca que os valores consistem em um constructo motivacional de relevância, os quais simbolizam as necessidades humanas básicas. Os valores são considerados inerentes aos indivíduos e apresentam-se como explicadores de atitudes, crenças e comportamentos (Athayde, 2012).

Os valores são considerados categorias-guia que transcendem situações específicas (Gouveia, 2003; 2013). Referem-se a construtos latentes possíveis de serem observados nos comportamentos das pessoas em seu dia a dia e compreendem um conjunto de conceitos ou ideias que possibilitam às pessoas viverem em sociedade (Gouveia, 2003). Neste sentido, os valores auxiliam na compreensão de atitudes, crenças e comportamentos das pessoas nas situações ocorridas em suas vidas diariamente (Gouveia, 2013).

3.2. Breve histórico

Especificamente, considera-se que é com a obra de Thomas e Znaniecki, *O Campesino Polonês*, em 1918, que se inicia os estudos dos valores no âmbito da Psicologia Social. Estes autores consideram os valores e as atitudes como explicadores da mudança

social (Álvaro & Garrido, 2006). Nesta perspectiva, atitudes e valores estão relacionados, não obstante são considerados como construtos diferentes.

As atitudes têm uma essência intrassubjetiva, enquanto os valores são intersubjetivos, o que implica que o seu significado precisa ser compartilhado com os demais (Gouveia, Fonsêca, Milfont, & Fischer, 2011). Estes autores contribuíram de maneira significativa tanto em termos conceituais como analíticos, sobretudo pela diferenciação dos conceitos, no entanto não foi verificado um aprofundamento em seus estudos, assim como o desenvolvimento de estudos empíricos e teorias (Athayde, 2015).

Gouveia, Fonsêca, Milfont e Fischer (2011) destacam as contribuições de Maslow nos estudos sobre os valores, compreendendo-os (a) como positivos, tendo em conta que o homem é um ser benévolo, direcionado para a autorrealização, e que (b) os valores representam necessidades deficitárias e de desenvolvimento (e.g. fisiológicas e autorrealização, respectivamente).

É importante destacar que, em Psicologia Social, duas vertentes têm se dedicado nos estudos acerca dos valores humanos, a saber: uma vertente sociológica ou cultural, a qual enfatiza a comparação entre as culturas, e uma vertente psicológica ou individual, focando as características individuais (Araújo, 2016). Em seguida, são elencados teóricos que trouxeram contribuições para o estudo dos valores de ambas as perspectivas.

3.3. Perspectivas cultural e individual dos valores

3.3.1. Perspectiva cultural

Nos modelos que consideram uma perspectiva cultural, são levados em conta pontuações médias das culturas nacionais, geralmente países, objetivando compreender ou testar estruturas teóricas ou dimensões valorativas (Medeiros, 2011). Destacam-se aqui as contribuições de Hofstede e Inglehart.

3.3.1.1. Geert Hostede

Psicólogo social holandês e antropólogo organizacional, Geert Hostede propôs um novo paradigma para o estudo das diferenças culturais: um modelo de quatro dimensões da cultura nacional, que posteriormente foi expandido e atualizado a partir de análises realizadas com dados transculturais (Minkov & Hofstede, 2011). Hofstede em 1980 realizou uma pesquisa transcultural, aplicou 117.000 questionários, o quais foram traduzidos em 20 idiomas (Li, Zinn, Chick, Graefe, & Absher, 2004). Sua pesquisa foi realizada na empresa IBM e buscava investigar os valores básicos dos funcionários, assim como suas atitudes situacionais. As quatro dimensões identificadas foram: distância de poder, evitação de incerteza, individualismo *versus* coletivismo e masculinidade *versus* feminilidade (Hofstede & McCrae, 2004). Especificamente:

Distância de poder: Está relacionada à medida em que pessoas menos influentes de organizações e instituições aceitam e esperam a distribuição desigual de poder. Tanto líderes como seguidores endossam o nível de desigualdade de uma sociedade, sendo poder e desigualdade fundamentais para toda sociedade;

Evitação de incerteza: Aborda a tolerância de uma sociedade à ambiguidade. Está relacionada ao modo como uma cultura programa os membros para que se sintam confortáveis ou desconfortáveis em situações não estruturadas, as quais referem-se a situações novas, desconhecidas, diferentes do comum;

Individualismo-Coletivismo: Relaciona-se ao grau em que os indivíduos estão integrados nos grupos. Nas sociedades individualistas os laços entre as pessoas são frouxos, de modo que espera-se que cada um cuide de si e de sua família. Nas sociedades coletivistas, desde o nascimento os indivíduos são integrados em grupos, os quais são fortes, coesos e, sendo geralmente, extensões de suas famílias, que os protegem em troca de lealdade;

Masculinidade-feminilidade: Refere-se à distribuição de papéis emocionais entre os sexos. Os estudos da IBM demonstraram que (a) os valores das mulheres diferem menos nas sociedades que os valores dos homens e, que (b) os valores dos homens variam entre as dimensões assertividade e competitividade, e o das mulheres, variando entre modéstia e carinho (Hofstede & McCrae, 2004).

A centralidade dos valores, a qual é considerada por Hofstede (2001) como um componente central, implica que moldar os valores de uma criança, assim como a transmissão de valores de uma geração a outra, constituem questões fundamentais da sociedade (Uzefovsky, Doring, & Knafo-Noam, 2016). O trabalho de Hofstede é considerado o maior estudo na área organizacional e o levou a ter reconhecimento no campo dos valores a nível cultural (Athayde, 2012).

3.3.1.2. Ronald Inglehart

Gouveia (2003) destaca que a teoria de Inglehart não apresenta como objetivo comparar indivíduos ou mesmo prever comportamentos sociais, mas apresenta o propósito de comparar culturas. Neste sentido, o autor apresentava como propósito analisar as mudanças sociais ocorridas por um longo período de tempo nas sociedades ocidentais industrializadas (Estramiana, Pereira, Monter, & Zlobina, 2013). Inglehart (2000) começou a mensurar um aspecto das mudanças culturais observadas em 1970, partindo do pressuposto que as gerações pós-guerra tinham valores diferentes das gerações mais velhas.

Coutinho (2013) afirma que Inglehart, embasando-se nos pressupostos teóricos de Maslow, propôs duas dimensões (materialista e pós-materialista) que possibilitam a identificação das mudanças organizacionais, bem como a comparação de culturas. Especificamente, a dimensão materialista está relacionada à satisfação das necessidades fisiológicas e de segurança, referindo-se a valores materiais. Por sua vez, a dimensão pós-materialista relaciona-se a necessidades sociais e de atualização, associando-se a valores

espirituais (Coutinho, 2013). Inglehart (2000) destaca que as mudanças de valor podem ser compreendidas a partir de duas hipóteses, a hipótese da escassez e a hipótese da socialização.

Segundo este autor, a hipótese de escassez implica que a prosperidade contribui para a disseminação de valores pós-materialistas. Enquanto, conforme a hipótese de socialização, a mudança de valores de indivíduos e da sociedade não acontece rapidamente, da noite para o dia. Estas mudanças tendem a ocorrer de acordo com a etapa do desenvolvimento. Em conjunto, estas duas hipóteses possibilitam um conjunto de previsões acerca das mudanças de valores. Enquanto a hipótese de escassez implica que a prosperidade permite a disseminação de valores pós-materialistas, a hipótese de socialização, sugere que nem os valores de uma pessoa, nem os valores de uma sociedade mudam de um dia para o outro (Inglehart, 2000). Nesta direção, Inglehart (2008) afirma que a hipótese de escassez deve ser compreendida em conexão com a hipótese de socialização.

Estramiana, Pereira, Monter e Zlobina (2013) afirmam que a teoria de Inglehart pressupõe que a ênfase dada aos valores materialistas produz determinado perfil valorativo, enquanto, se uma maior importância é atribuída aos valores pós-materialistas, são formados outros perfis valorativos. Estes autores ainda destacam que, a nível cultural, somente as sociedades que tiveram os níveis de satisfação das necessidades fisiológicas e necessidades de segurança alcançados, apresentariam uma probabilidade maior de priorizar valores pós-materialistas.

3.3.2. Perspectiva individual

Esta perspectiva direciona o estudo dos valores humanos tomando como base as prioridades individuais, de tal modo que as teorias que adotam tal perspectiva, caracterizam-se pelos estudos das diferenças individuais, sobretudo de forma transcultural (Cavalcanti, 2016), sendo importantes para demonstrar relações entre prioridades valorativas e os comportamentos dos indivíduos (Medeiros, 2011).

3.3.2.1. Milton Rokeach

Souza, Gouveia, Lima e Santos (2015) destacam que as contribuições de Rokeach possibilitaram uma nova direção no estudo dos valores, centrando-se em uma abordagem mais empírica e menos filosófica, o que é evidenciado pela construção do *Rokeach Values Survey*. Ainda segundo os autores, este é considerado o primeiro instrumento específico para mensuração dos valores. O *Rokeach Value Survey* constitui-se de 18 valores terminais e 18 valores instrumentais, de modo que os participantes respondem conforme o grau de importância que consideram como princípios de orientação em suas vidas (Rokeach, 1974).

Rokeach considera a separação de valores em terminais e instrumentais. Os valores terminais podem ser centrados tanto nos indivíduos como na sociedade e são motivadores que representam grandes metas das pessoas, bem como de necessidades imediatas; os valores instrumentais, por sua vez, podem ser morais ou de competência e são motivados por formas idealizadas de comportamento para atingir metas (Resende, Fernandes, & Cruz, 2005). Rokeach identificou dois tipos de valores terminais: pessoais (valores autocentrados) e centrais (valores socialmente centrados); e dois tipos de valores instrumentais, a saber: valores morais (de natureza interpessoal) e valores de competência (de natureza pessoal; Estramiana, Pereira, Monter, & Zlobina, 2013). Os valores terminais e instrumentais correlacionam-se significativamente com atitudes e comportamentos, de maneira que um terço dos 36 valores distinguem em níveis estatisticamente significativos as diferenças nas atitudes e nos comportamentos das pessoas (Rokeach, 1974). Feather (1995) destaca que para Rokeach (1973) os valores estão relacionados ao senso de identidade das pessoas.

Tamayo (2007) aponta três aspectos que resultaram em uma insatisfação para utilizar o Inventário de Valores de Rokeach (IVR). Segundo este autor, o primeiro ponto a ser destacado refere-se a baixa representatividade dos valores humanos que se apresenta nos itens. Os critérios para elaboração dos itens não são, segundo Tamayo (2007) adequados para

atender às condições de uma amostra representativa dos valores. Em segundo lugar, aponta-se a falta de estrutura, não existindo relação intrínseca entre os valores. A nível estatístico e teórico, cada valor apresenta-se como uma variável independente de todas as outras. Em terceiro lugar, o autor destaca a o tipo de escala utilizada no IVR, que é ordinal. Neste sentido, os participantes são solicitados a ordenar os valores segundo ordem de importância, assim como os números, nesse tipo de escala, não são métricos.

Medeiros (2011) elenca as principais contribuições dos estudos de Rokeach para a compreensão dos valores humanos: (1) sintetizou conceitos e ideias de diferentes áreas e perspectivas, como antropologia, sociologia e psicologia; (2) diferenciou valores de outros constructos, como atitudes e personalidade; (3) apresentou um conceito para os valores e sistema de valores; (4) apresentou uma medida para mensuração dos valores; e (5) evidenciou a centralidade dos valores no sistema cognitivo dos indivíduos.

3.3.2.2. *Shalom H. Schwartz*

A teoria de Schwartz teve seu início no final dos anos de 1980 e tem se aprimorado ao longo do tempo (Teixeira, Samiase, Janik, & Bilsky, 2014). Tamayo (2007) afirma que, embora se existisse um consenso acerca da concepção dos valores como representação das necessidades humanas, Schwartz foi o primeiro teórico a conceber uma estrutura dos valores fundamentada na motivação subjacente a cada uma delas, de maneira que o que diferencia um valor de outro refere-se ao tipo de motivação que ele expressa. Ademais, Schwartz (1992) seguindo a mesma direção de teóricos como Rokeach (1973), Williams (1968) e Kluckhohn (1951), compreende os valores como critérios e não como qualidades inerentes aos objetos.

Schwartz propõe, em sua teoria, um modelo acerca da organização motivacional, o qual considera a existência de um sistema de valores estáveis a nível transcultural (Estramiana, Pereira, Monter, & Zlobina, 2013). Schwartz e Bilsky (1992) em um estudo realizado em 1987, propuseram uma definição de valores a partir de cinco características: (a)

Valores podem ser considerados como conceitos ou crenças, (b) referem-se a estados finais ou desejáveis do comportamento, (c) transcendem situações específicas, (d) norteiam a seleção e avaliação de comportamentos e eventos, e (e) organizam-se em um sistema de valores, conforme a importância que lhes é atribuída.

Schwartz, Verkasalo, Antonovsky e Sagiv (1997) elencam os 10 tipos de valores que apresentam motivadores diferentes, a saber: auto direção, estimulação, hedonismo, realização, poder, segurança, conformidade, tradição, benevolência e universalismo. Schwartz e Bilsky (1992) na teoria proposta de valores, a consideram para além de uma teoria tipológica de valores, mas desenvolvem justificativas para a relação dinâmica observada entre as prioridades valorativas. Segundo estes autores, são elencados quais valores são compatíveis, como valores pró-sociais e de segurança, e valores que são opostos, a exemplo dos valores de auto direção e conformidade restritiva.

Nesta direção, Schwartz (1992) destaca a hipótese de estrutura dos valores, representada pela dinâmica de conflito ou compatibilidade entre os pares de valores, de maneira que é proposta uma estrutura geral entre os tipos de valores. Este autor afirma que a dinâmica de conflito e compatibilidade entre os tipos de valores motivacionais apresentou semelhança em um estudo realizado em sete países. A teoria sugere, neste sentido, quais tipos de valores se encaixam de maneira compatível, a exemplo de pró-social e de segurança, e quais são opostos, como auto direção e conformidade restritiva (Schwartz & Bilsky, 1992).

É válido destacar também na teoria de Schwartz que os valores terminais são expressos como substantivos, enquanto valores instrumentais são expressos como adjetivos (Schwartz & Bilsky, 1992). Os valores pessoais ou valores básicos estruturam-se em duas categorias, sendo a primeira referente a uma estrutura geral que contempla os valores que se relacionam com todos os aspectos da vida, enquanto na segunda, os valores são apresentados conforme sua associação com aspectos específicos da vida, como sexo, religião, família,

trabalho (Tamayo, 2007). Ademais, um ponto de destaque desta teoria refere-se ao conteúdo dos valores, sugerindo que o que diferencia os valores são as metas motivacionais que eles expressam (Schwartz, Verkasalo, Antonovsky, & Sagiv, 1997).

Tamayo (2007) afirma que o instrumento proposto por Schwartz é denominado *Schwartz Value Survey* (SVS), compõe-se por 57 valores, os quais organizam-se em duas listas e são avaliados em uma escala que varia de -1 a 7. Segundo Tamayo (2007), este instrumento apresenta algumas semelhanças com o instrumento proposto por Rokeach, contudo, supera as principais limitações deste, a saber: 1) os valores que constituem seus itens configuram uma amostra representativa dos valores humanos; 2) a escala é do tipo intervalar, e não ordinal; 3) o SVS apresenta uma estrutura de tipo fatorial e avalia os valores conforme os tipos motivacionais propostos na teoria. No entanto, Tamayo (2007) também destaca que este instrumento não é isento de limitações.

A presente dissertação fundamenta-se nos pressupostos da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos. Desse modo, o próximo tópico será destinado à apresentação desta teoria.

3.4. Teoria Funcionalista dos Valores Humanos

A Teoria funcionalista dos Valores Humanos refere-se a uma proposta integradora e parcimoniosa no estudo sobre os valores humanos (Gouveia, Milfont, Fischer, & Coelho, 2009). Esta refere-se à teoria mais contemporânea no âmbito dos valores, a qual não visa se contrapor às teorias antecedentes, mas sim integrar de maneira a superar as limitações e possibilitar avanços (Cavalcanti, 2016).

Os valores básicos são considerados categorias de orientação, as quais são desejáveis, baseiam-se nas necessidades humanas e nas pré-condições para satisfazê-las, utilizadas por atores sociais e variando em sua magnitude, assim como nos elementos que as compõem (Gouveia, 2003). Este autor, considera-os também como princípios-guia para as pessoas, podendo assumir magnitudes diferentes, tendo em conta que estão associados às experiências

sociais e são resultantes do contexto sociocultural de cada um. Gouveia (2013; 2016) não considera os valores como propriedade de um objeto, ideia ou coisa, mas sim como um critério que orienta os comportamentos e as atitudes das pessoas no cotidiano.

Gouveia, Fonsêca, Milfont e Fischer (2011) afirmam que na teoria funcionalista dos valores humanos algumas características são consideradas para a definição dos valores, a saber: (a) são conceitos ou categorias, (b) são estados desejáveis de existência, (c) transcendem situações específicas, (d) assumem diferentes graus de importância, (e) guiam a seleção e avaliação de comportamentos ou eventos e, (f) representam cognitivamente as necessidades humanas.

É importante elencar os cinco pressupostos teóricos que fundamentam a teoria proposta por Gouveia, a saber:

Natureza humana: Este aspecto está relacionado à maneira como as pessoas se comportam, reagem aos acontecimentos diários, se relacionam com os pares e planejam suas vidas. Neste sentido, a presente teoria admite natureza benevolente ou positiva das pessoas, de tal modo que os valores são considerados como positivos em sua essência, podendo apresentar um sentido negativo, mas sua natureza é positiva;

Princípios-guia individuais: Os valores são compreendidos como individuais, não sendo necessário considerar uma estrutura diferente, por exemplo para um estudo a nível cultural. Considera-se que a cultura incorpora valores importantes para a manutenção dos grupos, de maneira que se tornam desejáveis e garantam a continuidade da sociedade, contudo parte da pessoa o fato de serem determinados como prioritários;

Base motivacional: Os valores são compreendidos como representações cognitivas das necessidades individuais, assim como de demandas da sociedade e institucionais, possibilitando um ambiente estável e seguro;

Caráter terminal: Esta teoria considera os valores apenas como terminais, tendo em conta que como representação cognitiva das necessidades, estes valores compreendem ou evidenciam metas superiores (para além de necessidades imediatas). Ademais, os valores terminais, mais que os instrumentais, condizem com a compreensão dos valores.

Condição perene: Considera-se que os valores são os mesmo desde sempre em todos os lugares. Ademais, destaca-se que as prioridades valorativas são moldadas e variam entre as culturas, diante das diferentes condições ambientais, no entanto, os valores em si são sempre os mesmos (Gouveia, 2013).

Gouveia, Milfont e Guerra (2014a) afirmam que a teoria funcionalista dos valores humanos apresenta seu foco na interação das funções dos valores, as quais referem-se a guiar os comportamentos e expressar as necessidades. Nesta direção, esta teoria propõe uma estrutura 3x2, na qual os valores são apresentados de acordo com as metas que buscam e as necessidades que expressam. As funções dos valores são descritas no tópico seguinte.

3.4.1. Funções dos Valores

Gusmão et al. (2016) afirmam que esta teoria, quando comparada com outros modelos no cenário dos valores, apresenta um destaque, o qual refere-se a sua proposta integradora, uma vez que compreende duas funções centrais que abrangem o universo dos valores básicos. A propósito, Gouveia (2016) destaca que o aspecto central da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos refere-se às funções que os valores apresentam, destacando duas essenciais: guiar o comportamento e expressar cognitivamente as necessidades das pessoas. Neste sentido, o autor afirma que os valores podem ser considerados “categorias de orientação pautadas nas necessidades humanas, que servem como guias do comportamento das pessoas e explicam a forma que pensam, sentem e agem no dia a dia” (p. 19).

Os valores que apresentam o mesmo critério de orientação, são considerados, teoricamente, mais consistentes entre si, de maneira que, quando priorizados pelos

indivíduos, os comportamentos tendem a apresentar uma mesma unidade de referência, sendo esta relacionada à pessoa em si ou à sociedade de maneira geral (Gouveia, Souza Filho, Araújo, Guerra, & Souza, 2006). Neste sentido, quanto à função referente a guiar o comportamento das pessoas, são considerados três tipos saber: central, pessoal e social. Especificamente, *valores pessoais*: nesta orientação, verifica-se a ênfase no próprio indivíduo, pessoas que adotam esses valores frequentemente preservam uma relação pessoal contratual, objetivando o alcance de metas pessoais, seja buscando satisfação física, seja buscando tornar-se uma pessoa importante ou influente. Neste contexto, busca-se a garantia de seus próprios benefícios ou nas condições para o seu alcance sem ter uma referência particular (papel ou *status*).

Valores centrais: Indica o caráter central ou adjacente dos valores figuram e são compatíveis com os valores pessoais e sociais. Estes valores expressam as necessidades mais básicas, a exemplo de comer e beber, assim como necessidades de ordem superior, como beleza e cognição. Dá-se ênfase tanto ao indivíduo como à conjuntura social estabelecida. Ademais, podem ser considerados a base organizadora ou espinha dorsal dos outros valores. *Sociais*: Estes valores são assumidos por pessoas que primam pelo convívio com os demais, que valorizam a manutenção de normas e relações interpessoais amistosas (Gouveia, 2003; Gouveia, Milfont, Fischer, & Coelho, 2009; Souza, Gouveia, Lima e Santos, 2015; Vasconcelos, Gouveia, Souza Filho, Souza, & Jesus, 2004).

Quanto à segunda função, referente a expressar cognitivamente as necessidades, Gouveia considera dois tipos de motivador, a saber: materialista e humanitário. Os materialistas (pragmáticos) remetem a ideias práticas, dirigidos para metas específicas e regras sociais. Os humanitários (idealistas) estão relacionados a princípios mais abstratos, não estando voltados a objetivos concretos, apresentando uma orientação universal e favorecendo mudanças sociais. Gouveia, Milfont e Guerra (2014a) destacam que pessoas que são guiadas

por valores materialistas costumam pensar em termos mais biológicos de sobrevivência, focando sua própria existência, bem como nas condições para assegurá-la. Em contraposição, estes autores afirmam que os valores humanitários relacionam-se a princípios e ideias mais abstratos, como criatividade.

3.4.2. Subfunções Valorativas

As duas funções valorativas formam dois eixos que permitem que os valores sejam organizados estruturalmente. O eixo horizontal compreende a função de guiar as ações humanas, referindo-se, deste modo, ao tipo de orientação (social, central ou pessoal); o eixo vertical, por sua vez, refere-se à expressão cognitiva das necessidades humanas, correspondendo, assim, ao tipo de motivador (materialista ou humanitário). O cruzamento dos eixos, origina-se uma estrutura 3x2, a qual é composta por seis subfunções dos valores, em que cada uma é representada por valores específicos (Athayde, 2015; Gouveia, Milfont, Fischer, & Coelho, 2009).

		<i>Valores como padrão-guia de comportamentos</i>		
		<i>Metas pessoais (o indivíduo por si mesmo)</i>	<i>Metas centrais (o propósito geral da vida)</i>	<i>Metas sociais (o indivíduo na comunidade)</i>
<i>Valores como expressão de necessidades</i>	<i>Necessidades idealistas (a vida como fonte de oportunidades)</i>	Experimentação Emoção Sexualidade Prazer	Suprapessoal Beleza Conhecimento Maturidade	Interativa Afetividade Apoio social Convivência
	<i>Necessidades materialistas (a vida como fonte de ameaça)</i>	Realização Êxito Poder Prestígio	Existência Estabilidade Saúde Sobrevivência	Normativa Obediência Religiosidade Tradição

Figura 01. Funções, subfunções e valores específicos (Gouveia, 2013)

Como se pode observar através da figura 01, a combinação das duas funções originais seis quadrantes: pessoal-humanitário, pessoal-materialista, central-humanitário, central-materialista, social-humanitário e social-materialista, cada um representa uma subfunção. Esta, por sua vez, representa um constructo latente, o qual é operacionalizado por determinados itens ou valores específicos (Gouveia, 2013). Especificamente:

Subfunção experimentação - Pessoas pautadas nesta subfunção são representadas pelo motivador idealista (humanitário) com orientação pessoal. Relaciona-se a necessidade de satisfação fisiológica através do princípio do prazer. Estes valores possibilitam a promoção de mudanças, bem como inovação na estrutura das organizações sociais, sendo mais endossados pelos jovens. As pessoas que priorizam estes valores não são orientadas a buscarem metas fixas ou materiais a longo prazo. Os valores específicos desta subfunção: emoção, prazer e sexualidade.

Subfunção realização - Constitui-se por valores que representam o motivador materialista, com orientação pessoal. Corresponde ao princípio que guia as pessoas na busca de realizações materiais, interações sociais promissoras e adequado funcionamento institucional. Pessoas que priorizam estes valores consideram a hierarquia como importante indicador de competência social, estimam benefícios particulares, tendem a tomar decisões práticas e prezam por uma sociedade organizada e estruturada. Comumente, os valores desta subfunção costumam ser priorizados por jovens adultos, que estão em um momento produtivo ou que foram educados em ambientes disciplinares e formais. Sendo os valores específicos: êxito, poder e prestígio.

Subfunção suprapessoal - Apresenta orientação central e motivador humanitário. Remete a indivíduos costumam pensar de maneira mais abrangente e mais abstrata, tanto ao tomar decisões, como ao se comportar a partir de critérios universais. Os valores desta subfunção retratam necessidades estéticas, de cognição e de autorrealização. Ademais,

destaca-se que esta subfunção expressa necessidades prósperas, e possibilitam a organização e categorização do mundo de maneira consistente. Os valores específicos são os seguintes: beleza, conhecimento e maturidade.

Subfunção existência - Representa o motivador materialista, com orientação central, sendo deste modo compatíveis com as orientações sociais e pessoais. Esta subfunção está relacionada às necessidades fisiológicas mais básicas, a exemplo de comer, beber, dormir, assim como às necessidades de segurança. O propósito destes valores consiste em assegurar meios básicos para sobrevivência biológica e psicológica dos indivíduos. Estes valores são apreciados por pessoas que vivem ou foram socializados em ambientes de escassez econômica. Os valores específicos que representam esta subfunção consistem em estabilidade pessoal, saúde e sobrevivência.

Subfunção interativa - Representa o motivador idealista (humanitário), com orientação social. Esta subfunção refere-se às necessidades de pertença, amor e filiação. São importantes para regular, iniciar e manter relacionamentos interpessoais. As pessoas que endossam estes valores buscam o estabelecimento de contatos sociais, dando maior atenção a atributos mais afetivos e abstratos. Destaca-se que esta subfunção é operacionalizada pelos seguintes valores específicas: afetividade, apoio social e convivência;

Subfunção normativa – Representam uma orientação social orientada às regras sociais, e motivador materialista. Referente ao controle e às pré-condições fundamentais à satisfação das necessidades, apresenta o foco em metas sociais, indicando a importância de preservar normas, tradições e culturas. A priorização destes valores sugere uma orientação vertical, na qual se verifica importância atribuída a obediência à autoridade. Os valores específicos que a representam são: obediência, religiosidade e tradição. (Athayde, 2015; Gouveia, 2013; Gouveia, Milfont, Fischer, & Coelho, 2009; Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014a; Lauer-Leite, Magalhães, Gouveia, Sousa, Fonseca, & Soares, 2014).

Gouveia (2013) apresenta dois aspectos que representam, em termos operacionais, sua teoria funcionalista: (a) conteúdo e estrutura e (2) congruência e compatibilidade das funções valorativas. A hipótese de conteúdo está relacionada ao exposto previamente, referindo-se a adequação das subfunções e dos valores específicos que permitem representá-las. A hipótese de estrutura remete ao modo como os valores se organizam e a maneira como estas subfunções são estruturadas. Em seguida, é apresentada a hipótese de congruência dos valores.

3.4.3 Hipótese de Congruência dos Valores

É importante destacar que a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos não admite conflito entre os valores, de modo que são verificadas correlações positivas entre os valores básicos, principalmente em pessoas mais maduras (Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014b). Tal fato evidencia a existência de uma congruência entre os valores, o que está ilustrado na Figura 02.



Figura 02. Congruência das Subfunções Valorativas

A hipótese da congruência sugere que existem diferentes níveis de congruência entre as subfunções valorativas, considerando sua localização espacial ou mesmo as funções valorativas. São três os níveis de congruência: baixa, moderada e alta. A baixa congruência ocorre entre aqueles valores que apresentam-se de lados opostos no hexágono, estes possuem diferentes tipos de orientação e motivador. A congruência moderada ocorre nos valores que apresentam o mesmo motivador, mas que distinguem-se em tipos de orientação. Por sua vez, a congruência alta compreende valores que apresentam o mesmo tipo de orientação, mas os motivadores são diferentes (Gouveia, 2016; Nascimento, 2015).

Por fim, no que se refere à hipótese de compatibilidade das funções valorativas, destaca-se que esta remete a associação dos valores básicos ou subfunções valorativas a variáveis externas. Os valores não são considerados incompatíveis entre si apenas quando não são comparados a variáveis externas (Gouveia, 2016).

Gouveia (2013) não considera a ideia de mudança ou evolução dos valores, mas sim em sua reordenação ou combinação com o propósito de possibilitar que determinada cultura obtenha estabilidade. Ademais, destaca-se que os valores apresentam-se como lentes construídas socialmente que possibilitam às pessoas darem significado ao mundo ao seu redor (Gouveia, 2016). Para uma melhor compreensão acerca dos valores, em seguida são apresentados estudos envolvendo valores humanos e outras variáveis.

3.5. Valores Humanos e outras variáveis

Gouveia, Santos, Athayde, Souza e Gusmão (2014) buscaram investigar a relação entre valores humanos e altruísmo, especificamente entre doadores e não doadores de sangue. Participaram do estudo 142 pessoas da população geral da cidade de João Pessoa, distribuídas equitativamente entre doadores e não doadores de sangue. Os participantes responderam além de questionário demográfico, à Escala de Altruísmo Autoinformado (EAA) e ao Questionário dos Valores Básicos (QVB). Os resultados demonstram que quando comparadas as médias

para cada subfunção entre doadores e não doadores de sangue, embora fossem observadas alguma variação, elas não diferiram estatisticamente entre os grupos ($p > 0,05$).

Quanto à relação entre altruísmo e valores humanos, Gouveia, Santos, Athayde, Souza e Gusmão (2014) correlacionaram separadamente as pontuações para cada um dos grupo e verificaram, no grupo de doares de sangue, relação entre as subfunções experimentação ($r = 0,34, p < 0,05$), suprapessoal ($r = 0,26, p < 0,05$), interativa ($r = 0,25, p < 0,05$) e existência ($r = 0,30, p < 0,01$), sendo que apenas a subfunção realização não apresentou relação significativa ($r = 0,03, p > 0,05$). Por sua vez, no grupo de não doadores, foi verificada relação significativa apenas para a subfunção experimentação ($r = -0,24, p < 0,05$). Por fim, quanto à disposição para ajudar (trabalho voluntário, atividades de caridade, doação de caridade e serviço voluntário), relação entre a subfunção normativa ($r = 0,32, p > 0,01$) no grupo de doadores de sangue, e com a subfunção realização ($r = 0,30, p > 0,05$) no grupo de não doadores.

No âmbito dos relacionamentos amorosos, Gomes (2011) buscou investigar em que medida os valores humanos e os traços de personalidade se correlacionam com os atributos desejáveis do(a) parceiro(a) ideal entre heterossexuais. Participaram do estudo 372 pessoas, da população geral da cidade de João Pessoa/PB, com idades variando de 18 a 52 anos. Foram utilizados como instrumentos o Questionário de Valores Básicos (QVB), o Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (ICGFP), a Escala de Atributos do Parceiro Ideal (EAPI) e questionário sociodemográfico. Os resultados indicaram que homens e mulheres heterossexuais diferem quanto a importância dada aos atributos desejáveis de seus parceiros. Especificamente, homens pontuam mais que as mulheres na dimensão atlética, enquanto as mulheres pontuam mais nas dimensões afetuosa e batalhadora. Quanto a importância dada aos atributos desejáveis entre gays e lésbicas, também houve diferenças. Especificamente, os resultados apontaram que na dimensão atlética, homossexuais do sexo

masculino (gays) pontuaram mais que homossexuais do sexo feminino (lésbicas). Contudo, não houve diferenças entre os grupos nas dimensões afetuosas e batalhadoras.

Quanto às subfunções valorativas, os resultados indicaram correlação positiva entre a subfunção experimentação com a dimensão atlética ($r = 0,34, p < 0,001$), a subfunção realização e a dimensão batalhadora ($r = 0,30, p < 0,001$), a subfunção interativa e a dimensão afetuosas ($r = 0,41, p < 0,001$), a subfunção normativa e a dimensão tradicional ($r = 0,46, p < 0,001$). Em se tratando dos traços de personalidade, verificou-se relação positiva entre o traço conscienciosidade e a dimensão batalhadora ($r = 0,14, p < 0,05$), o traço extroversão e a dimensão atlética ($r = 0,17, p < 0,01$), o traço agradabilidade e a dimensão afetuosas ($r = 0,16, p < 0,01$). Ademais, os autores apontam o papel mediador dos valores humanos na relação entre traços de personalidade e atributos desejáveis. Especificamente, a subfunção experimentação mediou a relação entre o traço extroversão e a dimensão atlética ($z = 3,22, p < 0,01$), a subfunção realização mediou a relação entre o traço conscienciosidade e a dimensão batalhadora ($z = 3,23, p < 0,01$), a subfunção interativa o fez com o traço agradabilidade e as dimensões afetuosas ($z = 4,48, p < 0,001$) e sociável ($z = 4,43, p < 0,001$) e a subfunção normativa mediou a relação entre o traço conscienciosidade e a dimensão tradicional ($z = 4,43, p < 0,001$).

Diante do exposto e dos objetivos da presente dissertação foram realizados três estudos empíricos, os quais serão descritos nos capítulos seguintes.

PARTE II – ESTUDOS EMPÍRICOS

**CAPÍTULO 4. PARÂMETROS PSICOMÉTRICOS DAS MEDIDAS: ENTUSIASMO
E BUSCA DE VERDADE NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS, USO DE
ENGANO E ENGANO PERCEBIDO PELO PARCEIRO**

Este capítulo apresenta o Estudo 1 da presente dissertação, o qual possui delineamento *ex post facto*, com procedimento quantitativo, dando ênfase aos aspectos psicométricos das medidas Entusiasmo e Busca de Verdade em Relacionamentos Amorosos, Uso de Engano e Engano Percebido pelo Parceiro. Este estudo buscou reunir evidências de validade e precisão das escalas mencionadas no contexto brasileiro.

4.1. Método

4.1.1. Participantes

Participaram deste estudo 223 pessoas, com idades variando entre 18 e 64 anos ($M = 24,43$, $DP = 7,60$), sendo a maioria do sexo feminino (69,5%), heterossexual (81,5%), católica (42,1%) e pertencente à classe média (54,1%). Como critério de inclusão para participação no estudo, era necessário estar em um relacionamento amoroso; desta maneira 59,6% dos participantes informaram estar namorando, 19,3% estavam casados/união estável, 15,2% estavam ficando/nada sério e 5,8% estavam noivos. O tempo de relacionamento variou de 1 mês a 39 anos e 9 meses.

4.1.2. Instrumentos

Os participantes responderam aos seguintes instrumentos:

(1) Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos - EBVRA: Este instrumento foi desenvolvido por Murray (2014), composto por 12 itens (e.g. *Eu procuro sempre pensar positivamente sobre meu (minha) parceiro; Gosto de saber a verdade acerca de nosso relacionamento*) respondidos em uma escala do tipo *Likert* de 7 pontos (1 = discordo totalmente a 7 = concordo totalmente). A escala possui dois fatores: *Cheer-leading*, com cargas que variam entre 0,64 e 0,78, apresentando alfa de Cronbach de 0,90, e *Truth-Seeking*, no qual as cargas variam de 0,61 a 0,74, com alfa de 0,87.

(2) Uso de Engano - UE: Este instrumento foi desenvolvido por Cole (2001), sendo composto por nove itens (e. g. *Procuro esconder de meu (minha) parceiro (a) algumas coisas*

que fiz), respondidos em uma escala do tipo *Likert* de 7 pontos (1 = discordo totalmente a 7 = concordo totalmente). Estes itens buscam verificar a frequência que as pessoas se envolvem em enganos nos seus relacionamentos românticos. A escala apresenta alfa de Cronbach de 0,84.

(3) Engano Percebido pelo Parceiro – EPP: Elaborado por Cole (2001), consiste em um instrumento de quatro itens (e.g. *Eu penso que meu (minha) parceiro (a) esconde de mim algumas informações importantes*), os quais buscam avaliar o grau em que as pessoas acreditam que seus parceiros se envolvem em comunicação enganosa. Os itens são respondidos em uma escala do tipo *Likert* de 7 pontos (1 = discordo totalmente a 7 = concordo totalmente). A escala apresenta alfa de Cronbach de 0,80.

(4) Questões sociodemográficas para fins de caracterização da amostra, com itens sobre sexo, idade, estado civil e classe social.

É válido destacar que medidas EBVRA (Murray, 2014), UE (Cole, 2001) e EPP (Cole, 2001) foram traduzidas do inglês para o português por dois psicólogos bilíngues, e posteriormente foram retraduzidas do português para o inglês. Em seguida, um terceiro psicólogo bilíngue comparou as versões traduzidas, prezando o consenso. Esse processo é denominado *back-translation*. As versões preliminares foram submetidas a uma avaliação semântica em um grupo de dez estudantes universitários, de modo que não foram necessárias modificações.

4.1.3. Procedimento

A aplicação dos instrumentos ocorreu de forma presencial. Aos participantes foi dada a instrução de que respondessem aos instrumentos de acordo com o que pensavam, sentiam e se comportavam em seus relacionamentos. Ademais, eram informados de que não existiam respostas corretas ou erradas, sendo assegurado o caráter voluntário e anônimo da pesquisa, não sendo solicitado que se identificassem. Os participantes que concordaram com o

estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido prosseguiram na pesquisa. Todos os procedimentos éticos para com pesquisas com seres humanos foram cuidadosamente tomados, tendo em vista a resolução 510/16. Ademais, destaca-se que a pesquisa recebeu parecer favorável pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS, com parecer CAAE: 89533418.0.0000.5188.

4.1.4. Análise de dados

Os dados foram analisados utilizando o programa estatísticos SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), em sua versão 20.0, para o cálculo das estatísticas descritivas, como cálculo de frequências, médias e desvios padrões, bem como para mensurar a estrutura fatorial dos instrumentos (Análise dos Componentes Principais) e checar sua consistência interna por meio do alfa de Cronbach.

4.2. Resultados

Para fins didáticos esta seção será estruturada em subtópicos, apresentando separadamente as propriedades psicométricas das três medidas acima mencionadas: 4.2.1) Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos, 4.2.2.) Uso de Engano e 4.2.3.) Engano Percebido pelo Parceiro.

4.2.1. Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos

Para a adaptação desta medida, seguiu-se o método utilizado em seu estudo original realizado por Murray (2014). Utilizou-se a Análise dos Componentes Principais (*principal axis factoring*), com rotação oblíqua (*direct oblimin*). Contudo, antes de proceder com a análise, verificou-se se a matriz de correlação era fatorizável.

Neste sentido, foi confirmada a viabilidade da análise fatorial [KMO=0,82; *Teste de Esfericidade de Bartlett*, $\chi^2(66)=713,85$, $p < 0,0001$]. O critério de Kaiser indicou uma estrutura composta por três componentes que apresentaram valores próprios maiores que 1

(3,83, 1,85 e 1,19). Na mesma direção, o critério de Cattell (*screeplot*), apontou a presença de três componentes, como ilustrado na figura 3.

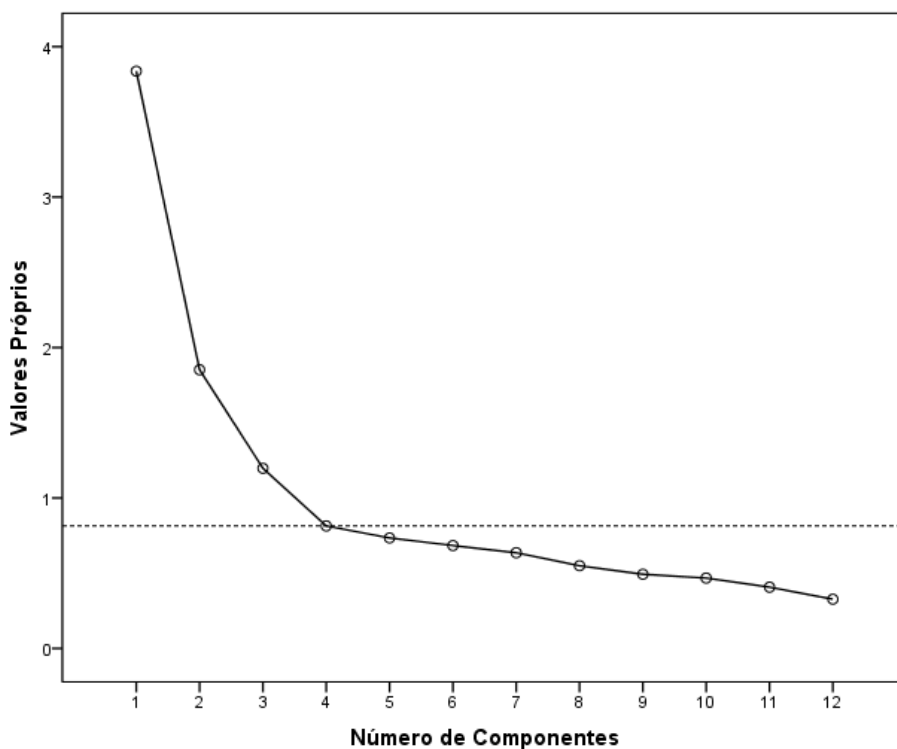


Figura 03. Distribuição gráfica dos dados da medida Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos.

Considerando o Critério de Cattell, distribuição gráfica dos dados, e tendo em conta ser um critério maleável, optou-se por considerar um terceiro critério, mais robusto, o qual se refere ao critério de Horn (análise paralela). Tendo em conta este critério, a partir de uma simulação de 1.000 casos (número de variáveis = 12; número de casos = 223), observou-se que dois valores simulados foram menores que os valores-próprio do critério de Kaiser ($1,39 < 3,83$; $1,28 < 1,85$), o terceiro valor simulado foi semelhante ao valor próprio de Kaiser ($1,20 > 1,19$). Ademais, este fator reteu apenas dois itens. Nesse caso, optou-se por fixar em dois o número de fatores, como em seu estudo original (Murray, 2014). Assim, a estrutura fatorial detalhada encontra-se ilustrada na Tabela 01.

Tabela 01. Estrutura fatorial da medida Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos.

Itens	Cargas Fatoriais	
	Entusiasmo	Busca de Verdade
09 - Evito pensamentos negativos acerca de meu (minha) parceiro (a).	0,79	0,20
10 - Eu tento pensar positivamente sobre o meu relacionamento.	0,78	0,35
11 - Eu sempre vejo o lado positivo quando penso em meu relacionamento.	0,74	0,15
06 - Eu tento esquecer eventos negativos de meu relacionamento.	0,57	0,06
07 - Prefiro desfrutar da companhia de meu parceiro em lugar de focar em coisas ruins.	0,56	0,12
02 - Sou otimista acerca de meu relacionamento.	0,56	0,32
01 - Gosto de saber a verdade acerca de nosso relacionamento.	0,51	0,50
04 - Eu sempre quero saber o que meu parceiro sente e pensa a meu respeito.	0,18	0,82
12 - Sempre quero saber o que meu parceiro pensa acerca do nosso relacionamento.	0,21	0,77
03 - Comumente analiso meu relacionamento.	0,12	0,72
08 - Esforço-me para entender meu relacionamento.	0,40	0,62
05 - Procuro insistentemente explicar problemas em nosso relacionamento.	0,12	0,48
Número de itens	6	5
Autovalor	3,83	1,85
% de variância explicada	31,97	15,43
Alfa de Cronbach	0,75	0,73

O primeiro fator, denominado *Entusiasmo*, foi composto por seis itens e apresentou saturações variando de 0,56 [Item 02 - *Sou otimista acerca de meu relacionamento* e Item 07 - *Prefiro desfrutar da companhia de meu parceiro em lugar de focar em coisas ruins*] a 0,79 [Item 09 - *Evito pensamentos negativos acerca de meu (minha) parceiro (a)*]. Este componente apresentou coeficiente do alfa de Cronbach de 0,75, autovalor de 3,83 e explicou 31,97% da variância total.

O segundo fator, denominado *Busca de Verdade*, por sua vez, foi composto por cinco itens, com cargas fatoriais variando de 0,48 [Item 05 - *Procuro insistentemente explicar problemas em nosso relacionamento*] a 0,82 [Item 04 - *Eu sempre quero saber o que meu parceiro sente e pensa a meu respeito*], com indicadores que atestam a sua precisão ($\alpha = 0,73$). Apresentou valor próprio de 1,85, explicando 15,43% da variância total. O item 01 [*Gosto de saber a verdade acerca de nosso relacionamento*] não saturou no fator correspondente, apresentando cargas fatoriais próximas em ambos os fatores, de modo que optou-se por sua exclusão.

4.2.2. Uso de Engano

Não foi possível o acesso ao estudo original com as propriedades psicométricas da medida de Uso de Engano. Deste modo, inicialmente, através das estatísticas *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e do *Teste de Esfericidade de Bartlett*, buscou-se comprovar a fatorabilidade dos dados, possibilitando a realização da análise fatorial exploratória. Nesta direção a matriz de correlações se mostrou fatorizável [KMO=0,82; *Teste de Esfericidade de Bartlett*, $\chi^2(36)=656,81$, $p < 0,0001$].

Realizou-se uma Análise dos Componentes Principais (*principal axis factoring*), com rotação oblíqua (*direct oblimin*), sem fixar o número de fatores. O critério de Kaiser apontou um componente com valor próprio maior que 1 (3,91). Considerou-se também o critério de Cattel (*screeplot*), como pode ser observado na Figura 04.

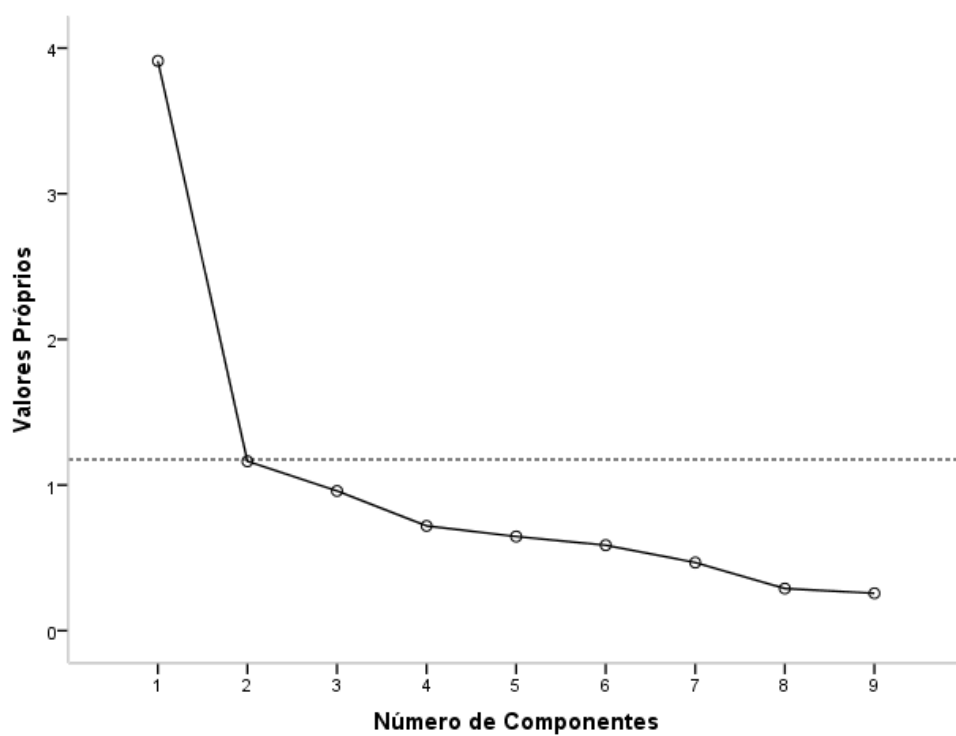


Figura 04. Distribuição gráfica dos dados da medida Uso de Engano.

Como pode ser observado, o critério de Cattell, distribuição gráfica dos dados, confirmou a presença de um fator. Na Tabela 02, encontram-se ilustrados os dados detalhados acerca da estrutura encontrada.

Tabela 02. Estrutura fatorial da medida Uso de Engano.

Itens	Cargas Fatoriais
03 - Às vezes minto para o (a) meu (minha) parceiro (a).	0,79
02 - Às vezes me pego mentindo para o (a) meu (minha) parceiro (a) sobre coisas que fiz.	0,75
06 - Existem certas questões que tento esconder de meu (minha) parceiro (a).	0,73
05 - Procuro esconder de meu (minha) parceiro (a) algumas coisas que fiz.	0,72
07 - Eu tento enganar meu (minha) parceiro (a) sobre certas coisas.	0,72
04 - Digo toda a verdade ao (à) meu (minha) parceiro (a), mesmo coisas que ele (a) não gostaria de ouvir (*R).	0,63
01 - Eu conto tudo ao meu (minha) parceiro (a), tanto coisas boas quanto ruins (*R).	0,60
09 - Por favor, indique o número aproximado de vezes que você mente para o (a) seu (sua) parceiro (a) no decorrer de uma semana.	0,41
08 - Quando não cumpro as expectativas de meu (minha) parceiro (a), digo-lhe sempre o que fiz (*R).	0,40
Número de itens	9
Autovalor	3,91
% de variância explicada	43,46
Alfa de Cronbach	0,82

A partir da Análise dos Componentes Principais encontrou-se uma estrutura unifatorial. A medida é composta por nove itens, com cargas fatoriais variando entre 0,40 [Item 08 - *Quando não cumpro as expectativas de meu (minha) parceiro (a), digo-lhe sempre o que fiz*] e 0,79 [Item 03 - *Às vezes minto para o (a) meu (minha) parceiro (a)*], alfa de Cronbach no valor de 0,82, explicando 43,46% da variância total.

4.2.3. Engano Percebido pelo Parceiro

As estatísticas *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e do *Teste de Esfericidade de Bartlett* comprovaram a fatorabilidade dos dados [KMO=0,76; *Teste de Esfericidade de Bartlett*, $\chi^2(6)=238,62$, $p < 0,0001$], o que possibilitou a realização da análise fatorial exploratória. Nesta direção, realizou-se uma Análise dos Componentes Principais (*principal axis factoring*), com rotação oblíqua (*direct oblimin*), sem fixar o número de fatores. O critério de

Kaiser apontou um componente com autovalor maior que 1 (2,45). Tomou-se como base também o critério de Cattell (*Sreeplot*), como pode ser observado na figura 05.

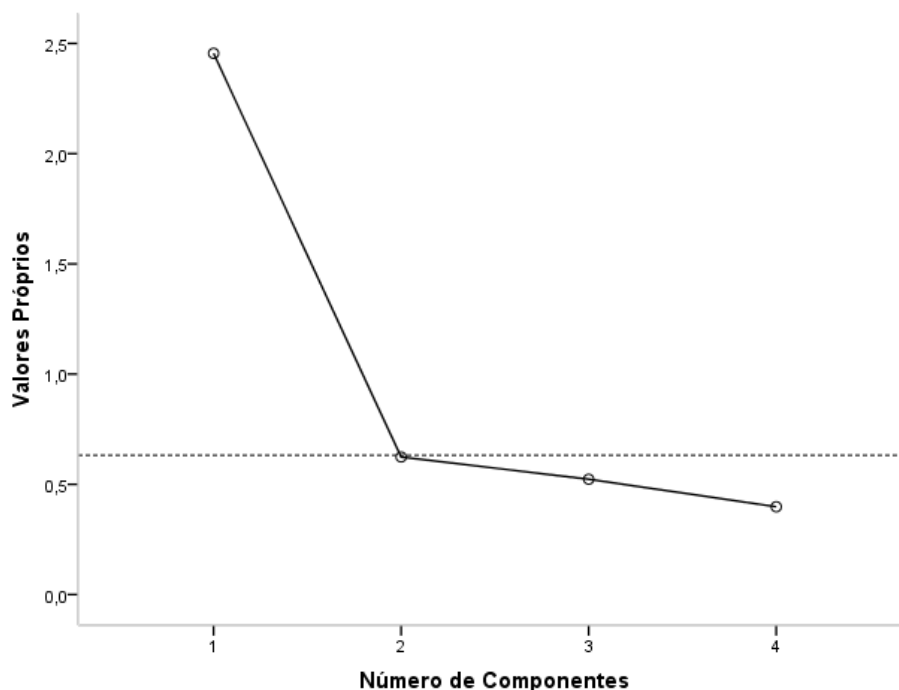


Figura 05: Distribuição gráfica dos dados da medida Engano Percebido pelo Parceiro.

O critério de Cattell, distribuição gráfica dos dados, confirmou a unidimensionalidade da medida. A seguir, na Tabela 03, encontra-se detalhada a estrutura fatorial da medida Engano Percebido pelo Parceiro.

Tabela 03. Estrutura fatorial da medida Engano Percebido pelo Parceiro.

Itens	Cargas Fatoriais
02 - Eu penso que meu (minha) parceiro (a) tenta me enganar.	0,80
01 - Penso que meu (minha) parceiro (a) é muito sincero comigo (*R).	0,78
04 - Por favor, indique o número aproximado de vezes que você acha que seu parceiro (a) mente para você no decorrer de uma semana.	0,78
03 - Eu penso que meu (minha) parceiro (a) esconde de mim algumas informações importantes.	0,76
Número de itens	4
Autovalor	2,45
% de variância explicada	61,37
Alfa de Cronbach	0,78

Como pode ser observado, a escala é unifatorial, sendo composta por quatro itens, apresentando cargas fatoriais variando de 0,76 [Item 03 - *Eu penso que meu (minha) parceiro (a) esconde de mim algumas informações importantes*] a 0,81 [Item 02 - *Eu penso que meu (minha) parceiro (a) tenta me enganar*], com índice de consistência interna de 0,78. Este componente explicou 61,37% da variância total.

4.3. Discussão Parcial

Como mencionado previamente, o presente estudo apresentou como objetivo reunir evidências de validade e precisão de três medidas acima mencionadas: Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos, Uso de Engano e Engano percebido pelo parceiro.

É possível observar que no campo da Psicologia há um elevado número de estudos que buscam compreender fenômenos psicológicos através de abordagens quantitativas, dentre os quais um número considerável se concentra na adaptação e validação de instrumentos psicométricos (Valentini & Damásio, 2016). Vasconcellos et al. (2016) destacam a importância do desenvolvimento de estudos, elaboração e validação de instrumentos que mensurem a mentira e seus correlatos, sobretudo pelo fato de que, no Brasil, as pesquisas nessa área ainda são incipientes.

Inicialmente, verificou-se a fatorabilidade dos dados utilizando os testes *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e Esfericidade de Bartlett. Segundo Pasquali (2012), este consiste no passo inicial para execução da extração de fatores. A estatística KMO varia entre 0 e 1, sendo que valores próximos a 0 indicam que uma análise fatorial não é adequada, enquanto valores próximos a 1, nos quais os padrões de correlações são relativamente compactos, a realização da análise fatorial considera-se adequada (Field, 2009). O Teste de Esfericidade de Bartlett verifica se a matriz é equivalente à matriz de identidade (Field, 2009). Nesta direção, foi verificada a adequação dos dados das três medidas para realização da análise fatorial.

Posteriormente, realizou-se a Análise dos Componentes Principais (*principal axis factoring*), com rotação oblíqua (*direct oblimin*). Destaca-se que a interpretação dos fatores pode ser melhorada por meio da rotação (Field, 2009). Neste sentido, Tabachnick e Fidel (2012) afirmam que a rotação de fatores possibilita que a solução se torne mais interpretável sem que sejam observadas mudanças nas propriedades matemáticas subjacentes. Nesta direção, na medida Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos decidiu-se por fixar em dois o número de fatores, tendo em conta que o último fator era composto por apenas dois itens, e segundo Pasquali (2003) é necessário um valor mínimo de três itens por fator.

Na medida Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos, considerou-se o critério teórico, testando a mesma estrutura encontrada no estudo original (Murray, 2014), no qual foram encontrados dois fatores. No presente estudo, todos os itens saturaram nos fatores de origem, excetuando o item 1 (*Gosto de saber a verdade acerca de nosso relacionamento*). Murray (2014) denominou o fator 1 *Cheer-Leading* o qual, refere-se a pessoas que são tendenciosas positivamente quanto às características do parceiro, apresentando um viés positivo ou ainda ilusões positivas. A tradução do termo é “líder de torcida”, no entanto, no presente estudo optou-se por nomeá-lo de *Entusiasmo*. Por sua vez, o fator 2, *Busca de Verdade*, compreende pessoas que são precisas em seus relacionamentos tanto ao julgar seu par como sua relação, buscando a verdade e estando em constante avaliação.

A fidedignidade de uma medida está relacionada ao seu grau de consistência e precisão (Urbina, 2007). A consistência interna consiste no grau em que cada um dos itens do instrumento equivale ao restante da medida (Barrios & Cosculluela, 2013). Para verificar a consistência interna dos itens considerou-se o coeficiente alfa ou alfa de Cronbach (Urbina, 2007). O índice α varia numa escala de 0 a 1 (Marôco, 2006). Quanto mais elevado o valor do

alfa de Cronbach maior a covariação dos itens em relação a variância total da medida, indicando deste modo uma maior confiabilidade (Barrios & Cosculluela, 2013). Field (2009) considera valores entre 0,7 e 0,8 aceitáveis. Destaca-se que ambos os fatores apresentaram índices de consistência interna adequados, 0,75 e 0,73, respectivamente, indicando a precisão da medida no contexto brasileiro.

As medidas Uso de Engano e Engano Percebido pelo Parceiro também apresentaram índices psicométricos adequados. Ambas apresentaram uma estrutura unifatorial. A primeira sendo referente ao uso de engano em relacionamentos íntimos e a segunda relacionada à percepção de engano pelo parceiro. Ambas as medidas foram utilizadas no estudo de Cole (2001), no entanto, como mencionado previamente, não fora encontrado o estudo com os parâmetros psicométricos. A consistência interna das duas medidas, no presente estudo, foi favorável, 0,82 e 0,78, respectivamente. O alfa de Cronbach da escala Uso de Engano foi superior ao encontrado em um estudo realizado na Universidade de Virgínia por Horan e Booth-Butterfield (2013), o qual apresentou índice de consistência interna de 0,70. Neste estudo, o uso de engano apresentou correlação negativa com expressão de afetos ($r = -0,25$, $p = 0,008$) e afetos recebidos ($r = -0,32$, $p = 0,001$).

O estudo de Gillarth, Sesko, Shaver e Chun (2010) realizado em uma Universidade Americana também utilizou as medidas de Uso de Engano e Engano Percebido pelo Parceiro. Neste estudo, valor do alfa de Cronbach de 0,89 para a dimensão uso de engano e 0,85 para a dimensão percepção de engano pelo parceiro. Os autores buscavam investigar a relação entre apego ansioso e evitativo e vários aspectos da mentira. Os resultados demonstraram que pessoas que pontuam baixo em apego seguro tendem a mentir mais, assim como acreditar que seus parceiros o fazem. Pessoas que pontuam alto em apego evitativo tendem a mentir mais para seus parceiros românticos. Quanto as razões e motivações para mentir, os resultados apontaram que apego evitativo apresentou como motivação o poder, enquanto apego ansioso

apresentou como motivador a realização. As duas formas de apego apresentaram relação com mentiras por razões altruístas e egoístas, sendo as motivações mais frequentes a conformidade com as normas sociais, bem como a proteção do parceiro ou do relacionamento.

Considera-se que os objetivos do presente estudo tenham sido alcançados, o qual consistia na adaptação para o contexto brasileiro das medidas Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos, Uso de Engano e Engano percebido pelo parceiro. O capítulo seguinte objetiva confirmar as estruturas encontradas.

**CAPÍTULO 5. CONFIRMAÇÃO DA ESTRUTURA FATORIAL DAS ESCALAS
EBVRA, UE E EPP**

Este estudo possui delineamento *ex post facto*, com procedimento quantitativo, objetivando confirmar as estruturas encontradas no Estudo 1. Este estudo buscou verificar evidências de validade fatorial e consistência interna das medidas (a) Engano e Busca de Verdade em Relacionamentos Amorosos, (b) Uso de Engano, e (c) Engano Percebido pelo Parceiro.

5.1. Método

5.1.1. Participantes

Participaram deste estudo 300 pessoas, com idades variando entre 18 e 54 anos ($M = 25,79$, $DP = 6,10$), sendo a maioria do sexo feminino (75,7%), heterossexual (84,3%), católica (46%), pertencente à classe média (48,3%). Quanto ao status de relacionamento, 61,3% estavam namorando, seguidos por casado/união estável (25%), noivado (3%) e ficando (4%). O tempo de relacionamento variou de 4 meses a 29 anos e 11 meses.

5.1.2. Instrumentos

Além das três medidas validadas no Estudo 1, foram utilizadas questões sociodemográficas para fins de caracterização da amostra, com itens sobre sexo, idade, estado civil e classe social.

5.1.3. Procedimento

A coleta de dados foi realizada online, sendo utilizada a plataforma *Limesurvey*. A divulgação da pesquisa se deu através de redes sociais. Como no Estudo 1, foi dada a instrução aos participantes de que respondessem aos instrumentos de acordo com o que pensavam, sentiam e se comportavam em seus relacionamentos amorosos, bem como foram informados de que não existiam respostas certas ou erradas. Ademais, fora assegurado o caráter voluntário e anônimo da pesquisa, não sendo solicitado que se identificassem. Todos os procedimentos éticos para com pesquisas com seres humanos foram cuidadosamente

tomados, tendo em vista a resolução 510/16. Os participantes que concordaram com o estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido prosseguiram na pesquisa.

5.1.4. Análise de dados

Foram utilizados os *softwares* SPSS e AMOS (versão 21). O primeiro foi utilizado para análise de estatísticas descritivas (e.g. idade, sexo) e consistência interna (alfa de Cronbach). Para realização da Análise Fatorial Confirmatória foi utilizado o *software* AMOS, a fim de avaliar a adequabilidade das estruturas encontradas. Nesta direção, utilizou-se a matriz de covariância e o estimador ML (*Maximum Likelihood*), considerando-se os seguintes indicadores de ajuste/adequação (Byrne, 1989; Marôco, 2014):

Razão $\chi^2/g.l.$ (graus de liberdade): avalia a probabilidade do modelo se ajustar aos dados, sendo recomendados valores entre 2 e 3, de modo que são aceitos valores até 5;

Goodness-of-Fit Index (GFI) e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI): indicadores de ajuste que expressam a proporção de variância e covariância entre as variáveis manifestas explicada pelo modelo. Os valores variam de 0 a 1, sendo recomendados valores de 0,90 ou superiores. Os valores tendem a aumentar conforme o aumento do número da amostra, bem como do número de variáveis do modelo.

Comparative Fit Index (CFI): refere-se a um indicador comparativo de ajuste ao modelo, de maneira que aqueles valores próximos a 1, sugerem um melhor ajuste, sendo admitidos valores próximos a 0,90 como referência de um modelo ajustado. Valores de CFI inferiores a 0,90 sugerem mau ajustamento, valores entre 0,90 e 0,95, sugerem bom ajustamento, enquanto valores iguais ou superiores a 0,95, indicam ajustamento muito bom.

Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA): consiste em um índice de discrepância populacional, avaliando se o modelo encontrado é aproximadamente o correto quando comparado ao ajustamento que seria obtido em parâmetros populacionais, de maneira que altos valores sugerem um não ajuste do modelo aos dados.

5.2. Resultados

Considerando o objetivo do presente estudo, o qual buscava reunir evidências de consistência interna, bem como confirmar a estrutura bidimensional da medida Entusiasmo e Busca de Verdade em Relacionamentos Amorosos e unidimensional das medidas Uso de Engano e Engano Percebido pelo Parceiro, o presente subcapítulo será destinado a apresentação dos resultados. Para fins didáticos, os resultados da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) serão apresentados separadamente para cada medida.

5.2.1. Entusiasmo e Busca de Verdade em Relacionamentos Amorosos

Com o objetivo de confirmar a estrutura bidimensional da Entusiasmo e Busca de Verdade em Relacionamentos Amorosos procedeu-se com a Análise Fatorial Confirmatória, considerando a matriz de covariância e o estimador *Maximum Likelihood*. Os resultados demonstram indicadores de ajuste satisfatórios ($\chi^2/\text{g.l.} = 3,15$; GFI = 0,92; AGFI = 0,87; CFI = 0,90; TLI = 0,87; RMSEA = 0,08).

Os itens da medida apresentaram saturações (pesos fatoriais, λ) estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$), tendo os fatores apresentado correlação positiva de 0,48. A figura 06 ilustra a estrutura fatorial.

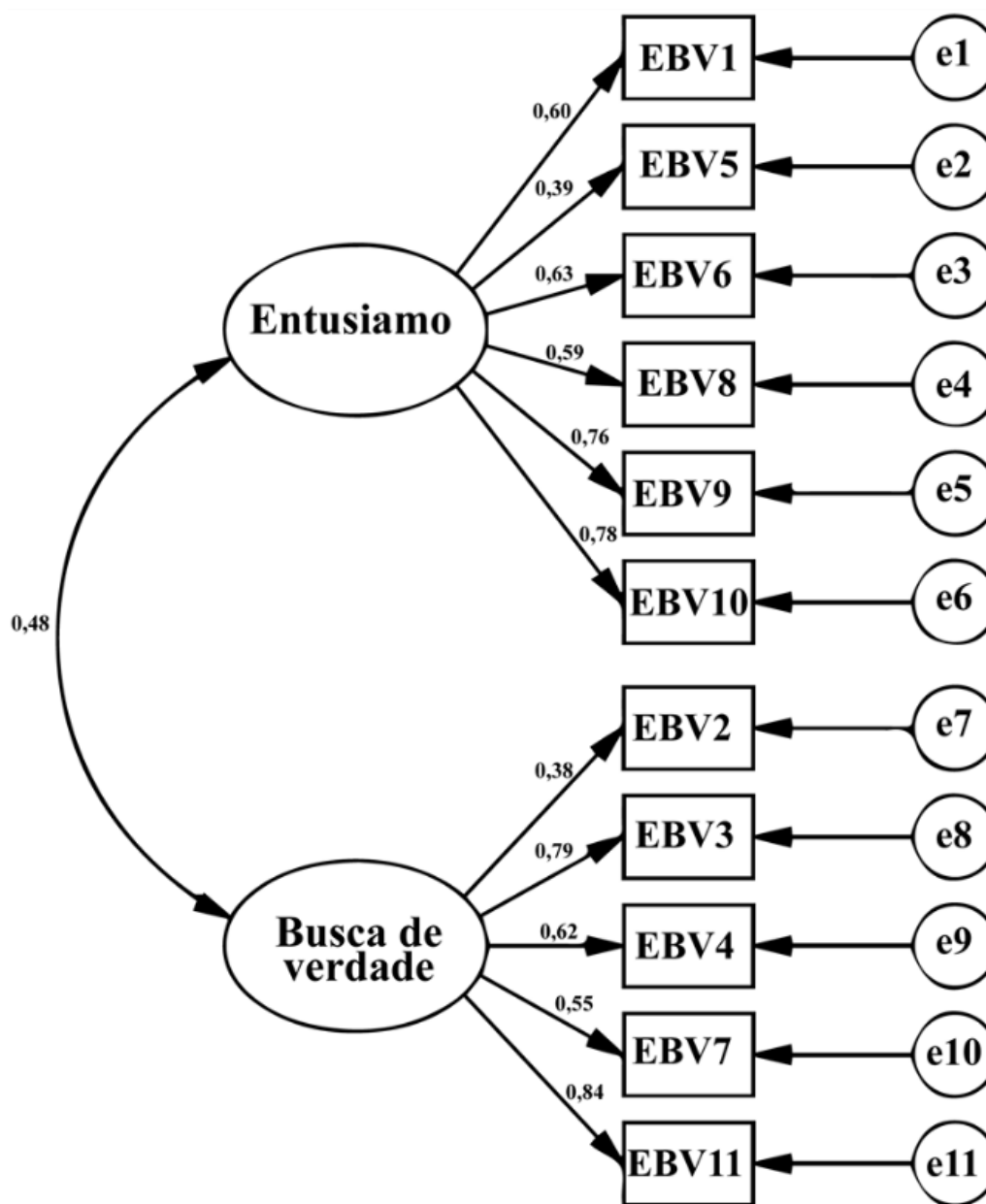


Figura 06. Estrutura fatorial da medida Entusiasmo e Busca de Verdade em Relacionamentos Amorosos.

Em seguida, verificaram-se evidências de fidedignidade, utilizando-se o alfa de Cronbach. Os índices apontaram para a dimensão *Entusiasmo* um valor alfa de 0,77 e para a dimensão *Busca de verdade*, 0,77.

5.2.2. Uso de Engano

Realizou-se uma Análise Fatorial Confirmatória considerando a matriz de covariância e o estimador *Maximum Likelihood* objetivando confirmar a unidimensionalidade da medida

Uso de Engano. A partir da análise, encontrou-se os seguintes indicadores de ajuste ($\chi^2/\text{g.l.} = 6,14$; GFI = 0,88; AGFI = 0,81; CFI = 0,84; TLI = 0,78; RMSEA = 0,13). Pôde-se verificar que o item 05 demonstrava o par de erro ao item 06 ($e_5-e_6 = 41,84$). Desse modo, optou-se por reespecificar o modelo correlacionando os erros dos itens 5 e 6. Os resultados da Análise Confirmatória realizada com o modelo reespecificado demonstram indicadores de ajuste satisfatórios ($\chi^2/\text{g.l.} = 4,61$; GFI = 0,91; AGFI = 0,84; CFI = 0,90; TLI = 0,85; RMSEA = 0,10). Os itens da escala apresentaram saturações (pesos fatoriais, λ) estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$). A estrutura fatorial encontra-se ilustrada na figura 07. Por fim, verificou-se a consistência interna da medida, utilizando o alfa de Cronbach, o qual apresentou o valor de 0,82.

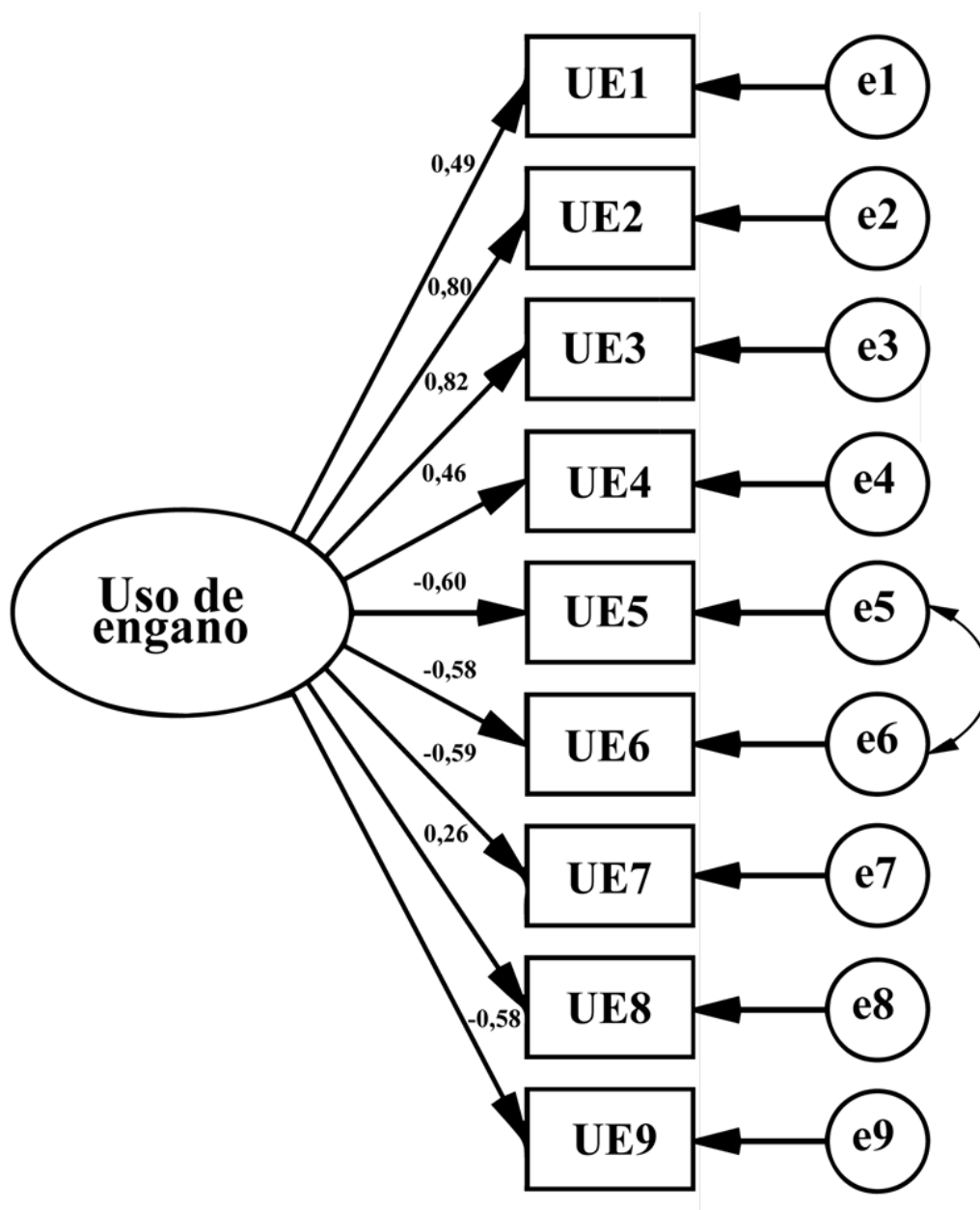


Figura 07: Estrutura fatorial da medida Uso de Engano.

5.2.3. Engano Percebido pelo Parceiro

Assim como com as medidas mencionadas anteriormente, foi realizada Análise Fatorial Confirmatória, considerando a matriz de covariância e o estimador *Maximum Likelihood*, a fim de confirmar a unidimensionalidade da escala. Os indicadores sugerem um ajuste satisfatório ($\chi^2/\text{g.l.} = 2,44$; GFI = 0,99; AGFI = 0,96; CFI = 0,99; TLI = 0,97; RMSEA

= 0,07). Os itens da medida apresentaram saturações (pesos fatoriais, λ) estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$, $p < 0,05$). A Figura 08 ilustra a estrutura fatorial. Adicionalmente, verificou-se a consistência interna da escala, a qual apresentou alfa de Cronbach da escala no valor de 0,80.

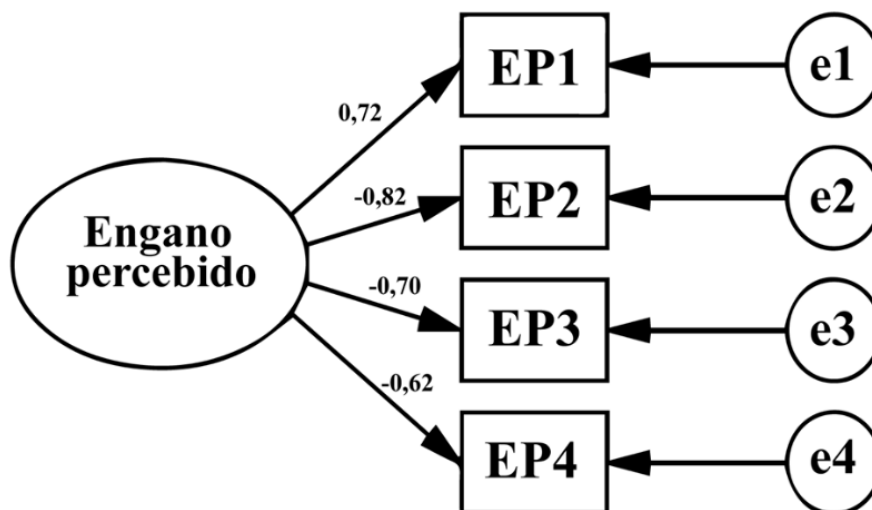


Figura 08. Estrutura fatorial da medida Engano Percebido pelo Parceiro.

5.3 Discussão Parcial

Tendo em conta o objetivo do presente estudo, o qual consistia em buscar evidências que confirmassem a adequabilidade da estrutura das medidas utilizadas no Estudo 1, procedeu-se com uma Análise Fatorial Confirmatória. Esta consiste em uma técnica sofisticada, a qual é utilizada nos estágios avançados da pesquisa para testar teorias sobre os processos latentes (Tabachnick & Fidel, 2012).

Inicialmente, destaca-se que foi utilizado o método da máxima Verossimilhança (*Maximum Likelihood*), o qual consiste em um método tradicional e o mais utilizado em Análise de Equações Estruturais (Marôco, 2014). Quanto aos indicadores de ajuste, estes sugeriram ajustes satisfatórios das três medidas, confirmando a estrutura fatorial dos instrumentos. Especificamente, a bidimensionalidade da medida Entusiasmo e Busca de

Verdade em Relacionamentos Amorosos. Em seu estudo original, Murray (2014) encontrou o valor próximo do CFI = 0,98 e superior do RMSEA = 0,11, no qual também foi confirmado a bidimensionalidade da medida. Ademais, confirmou-se a unidimensionalidade das medidas Uso de Engano e Engano Percebido.

Na medida Uso de Engano foi necessário reespecificar o modelo correlacionando os erros de dois itens, o que possibilitou índices de ajuste satisfatórios. É válido destacar que nas ciências sociais e comportamentais, as mensurações estão mais propensas ao erro, tendo em conta a natureza complexa dos construtos, bem como pelo fato de que os dados comportamentais podem sofrer influências de outras variáveis (Urbina, 2007). A variabilidade do item não explicada pelo fator comum pode ser explicada por outros fatores latentes, o quais são específicos de cada item e que não são considerados no modelo, os erros ou resíduos (Marôco, 2014). Estes podem explicar o comportamento dos itens não explicados pelos fatores do modelo, ou podem indicar erros de formulação ou interpretação (Marôco, 2014).

Diante disso, destaca-se que as três medidas apresentaram um ajuste satisfatório. Contudo, é importante ressaltar que, ao se realizar uma Análise Fatorial Confirmatória, além de avaliar os ajustes da medida, é necessário também avaliar a fiabilidade desta, o que pode ser realizado através do alfa de Cronbach, o qual varia de 0 a 1 (Marôco, 2014). As três medidas apresentaram valores superiores ao esperado na literatura (Pasquali, 2003). Especificamente, os valores do alfa de Cronbach para as medidas foram: dimensão *Entusiasmo*, $\alpha = 0,77$, dimensão *Busca de verdade*, $\alpha = 0,77$, Uso de Engano, $\alpha = 0,82$ e Engano Percebido $\alpha = 0,80$.

**CAPÍTULO 6. SATISFAÇÃO NO RELACIONAMENTO AMOROSO E SUA
RELAÇÃO COM ESTRATÉGIAS DE COMPORTAMENTO, TRAÇOS SOMBRIOS
DA PERSONALIDADE E SUBFUNÇÕES DOS VALORES HUMANOS**

Este estudo objetivou verificar a relação entre traços sombrios da personalidade, subfunções dos valores humanos, estratégias de comportamento (uso de engano, engano percebido, busca de verdade e entusiasmo) e satisfação com relacionamentos amorosos.

6.1. Método

Trata-se de um estudo de natureza correlacional, com delineamento *ex post facto*. Especificamente, verificaram-se as correlações entre as variáveis, bem como o poder preditivo dos traços de personalidade sombrios, dos valores humanos e das estratégias de comportamento sobre a satisfação com relacionamentos amorosos. Tomando como base a literatura, assim como os objetivos propostos, formularam-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: O uso de engano se correlacionará negativamente com as dimensões de satisfação com relacionamentos de casais.

Hipótese 2: O uso de engano se correlacionará positivamente com o traço maquiavelismo.

Hipótese 3: Engano Percebido pelo parceiro se correlacionará negativamente com as dimensões de satisfação com relacionamentos de casais.

Hipótese 4: A dimensão entusiasmo se correlacionará positivamente com as dimensões de satisfação com relacionamentos de casais.

Hipótese 5: A subfunção experimentação se correlacionará positivamente com a dimensão Satisfação com Atração Física e Sexualidade (SAFS).

Hipótese 6: A subfunção interativa se correlacionará positivamente com a dimensão Satisfação com Afinidades de Interesses e Comportamentos (SAIC).

Hipótese 7: Os traços psicopatia e maquiavelismo apresentarão correlação negativa com a dimensão SAIC.

Hipótese 8: O uso de engano exercerá poder preditivo sobre a satisfação com relacionamentos amorosos.

Hipótese 9: A dimensão entusiasmo exercerá poder preditivo sobre a satisfação com relacionamentos amorosos.

As hipóteses 1, 3 e 8 foram construídas considerando que o ato de mentir geralmente apresenta implicações negativas para a qualidade da relação (Arcimowicz, Cantarero, & Soroko, 2015), mesmo em mentiras que objetivam o benefício do outro, verifica-se prejuízo da qualidade dos relacionamentos (Mann, Garcia-Rada, Houser, & Ariely, 2014). Por sua vez, pessoas que pontuam alto no traço maquiavelismo apresentam comportamentos estratégicos e cinismo (Fox & Rooney, 2015). Ademais, no estudo de Brewer e Abell (2015), o maquiavelismo apresentou-se como preditor de engano. Neste sentido, formulou-se a hipótese 2.

Os parceiros românticos podem buscar um olhar mais positivo acerca de sua relação (Roggensack & Sillars, 2014). Acerca disso, Hernandez e Oliveira (2003) consideram que a felicidade e a satisfação nas relações podem ser influenciadas pela imaginação das pessoas, pela maneira que elas enxergam seus parceiros e seus relacionamentos. Nesta direção, formularam-se as hipóteses 4 e 9. A hipótese 7, por sua vez, foi formulada tomando como base o fato de que uma das características do maquiavelismo refere-se à insensibilidade afetiva (Jones & Paulhus, 2014), por sua vez, a psicopatia se caracteriza por distanciamento emocional e a incapacidade de formar e manter laços fortes (Savard, Brassard, Lussier, & Sabourin, 2015). Nesse sentido, ambos os traços podem estar relacionados à má qualidade em relações íntimas (Ali & Chamorro-Premuzic, 2010).

Quanto às subfunções valorativas, destaca-se que a subfunção experimentação é representada por valores como sexualidade, prazer e emoção. Tendo em conta que as pessoas que endossam estes valores buscam, por exemplo, a obtenção de satisfação em relações sexuais (Gouveia, 2013), formulou-se a hipótese 5. Por sua vez, pessoas que endossam

valores representados na subfunção interativa, buscam contatos sociais, assim como zelam por atributos mais afetivos e abstratos (Gouveia, 2013), desse modo formulou-se a hipótese 6.

6.1.1. Participantes

Participaram deste estudo 300 pessoas que estavam em um relacionamento amoroso, com idades variando entre 18 e 54 anos ($M = 25,79$, $DP = 6,10$). A maioria dos participantes era do sexo feminino (75,7%), heterossexual (84,3%), católica (46%) e pertencente à classe média (48,3%). Quanto ao status de relacionamento, 61,3% estavam namorando, seguidos por casado/união estável (25%), noivado (3%) e ficando (4%).

6.1.2. Instrumentos

Foram utilizados sete instrumentos para coleta de dados, os quais são descritos a seguir:

(1) Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos - EBVRA: Este instrumento foi desenvolvido por Murray (2014), composto por 12 itens (e.g. *Eu procuro sempre pensar positivamente sobre meu (minha) parceiro; Gosto de saber a verdade acerca de nosso relacionamento*) respondidos em uma escala do tipo *Likert* de 7 pontos (1 = discordo totalmente a 7 = concordo totalmente). A escala possui dois fatores: *Cheer-leading*, com cargas que variam entre 0,64 e 0,78, apresentando alfa de Cronbach de 0,90, e *Truth-Seeking*, no qual as cargas variam de 0,61 a 0,74, com alfa de 0,87. Será utilizada a versão adaptada no *Estudo 1* para o contexto brasileiro, composta por 11 itens. Ambos os fatores apresentaram índices de consistência interna satisfatórios, a saber: Entusiasmo ($\alpha = 0,75$) e Busca de Verdade ($\alpha = 0,73$).

(2) Uso de Engano - UE: Este instrumento foi desenvolvido por Cole (2001), sendo composto por nove itens (e. g. *Procuro esconder de meu (minha) parceiro (a) algumas coisas que fiz*), respondidos em uma escala do tipo *Likert* de 7 pontos (1 = discordo totalmente a 7 = concordo totalmente). Estes itens buscam verificar a frequência que as pessoas se envolvem

em enganos em seus relacionamentos românticos. A escala apresenta alfa de Cronbach de 0,84.

(3) Engano Percebido pelo Parceiro – EPP: Elaborado por Cole (2001), consiste em um instrumento de 4 itens (e.g. *Eu penso que meu (minha) parceiro (a) esconde de mim algumas informações importantes*), os quais buscam avaliar o grau em que as pessoas acreditam que seus parceiros se envolvem em comunicação enganosa. Os itens são respondidos em uma escala do tipo *Likert* de 7 pontos (1 = discordo totalmente a 2 = concordo totalmente). A escala apresenta alfa de Cronbach de ($\alpha = 0,80$).

(4) *Dark Triad Dirty Dozen* - (DTDD) - Elaborada por Jonason e Webster (2010) e adaptada para o contexto brasileiro por Monteiro (2017). É composta por 12 itens, os quais são distribuídos equitativamente em três fatores que avaliam maquiavelismo e as formas subclínicas de psicopatia e narcisismo. É solicitado aos participantes que indiquem o quanto concordam ou discordam (1 = Discordo fortemente; 5 = Concordo fortemente) dos itens propostos, a exemplo de “Costumo usar enganações ou mentiras para conseguir o que quero” (maquiavelismo), “Costumo ser cínico” (psicopatia) e “Costumo esperar favores especiais dos outros” (narcisismo).

(5) Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamentos de Casal: Elaborada por Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani e Natividade (2004). Wachelke et al. (2007) realizaram um estudo complementar para verificar a estrutura fatorial da escala. Esta medida é composta por oito itens, os quais são respondidos em uma escala do tipo *Likert* de 5 pontos variando de 1 (discordo fortemente) a 5 (concordo fortemente). A escala possui dois fatores, a saber: Satisfação com Atração Física e Sexualidade - SAFS (e.g. *Considero meu companheiro bonito*), com alfa de Cronbach de 0,76 e Satisfação com Afinidades de Interesses e Comportamentos - SAIC (e.g. *Meu companheiro(a) e eu temos muitas ideias e interesses em comum*), apresentando alfa de Cronbach de 0,61.

(6) Questionário dos Valores Básicos - QVB (Gouveia, 2003; 2013): composto por 18 itens/valores específicos (e.g., **Apoio social**. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo; **Prazer**. Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos). Tais itens são respondidos em uma escala de sete pontos, os quais variam de 1 (Totalmente não importante) a 7 (Extremamente importante), a medida que os participantes consideram cada valor como um princípio que guia sua vida.

(7) Questões sociodemográficas para fins de caracterização da amostra, com itens sobre sexo, idade, estado civil e classe social.

6.1.3. Procedimento

A coleta de dados foi realizada *online*, por meio da plataforma *Limesurvey*. A pesquisa foi divulgada através de redes sociais. Foi dada a instrução aos participantes de que respondessem aos instrumentos de acordo com o que pensavam, sentiam e se comportavam em seus relacionamentos amorosos, bem como os mesmos foram informados de que não existiam respostas certas ou erradas. Ademais, fora assegurado o caráter voluntário e anônimo da pesquisa, não sendo solicitado que se identificassem. Todos os procedimentos éticos para com pesquisas com seres humanos foram cuidadosamente tomados, tendo em vista a resolução 510/16. Os participantes que concordaram com o estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido prosseguiram na pesquisa.

6.1.4. Análise de dados

Os dados foram analisados utilizando o programa estatísticos SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), em sua versão 20.0, para o cálculo das estatísticas descritivas, como cálculo de frequências, médias e desvios padrões, bem como para análise de correlação, através do cálculo do coeficiente *r* de Pearson e análise de regressão múltipla hierárquica.

6.2. Resultados

Tendo em conta o objetivo do presente estudo, o qual consistiu em verificar a relação entre os traços sombrios da personalidade, os valores humanos, as estratégias de comportamento (uso de engano, engano percebido, busca de verdade e entusiasmo) e a satisfação com relacionamentos amorosos, foi realizado o cálculo do coeficiente r de Pearson. Os resultados indicam correlações estatisticamente significativas ($p < 0,01$ e $p < 0,05$) entre as variáveis, o que pode ser observado na Tabela 04.

De acordo com os resultados, o fator Satisfação com Atração Física e Sexualidade - SAFS correlacionou-se negativamente com *uso de engano* ($r = -0,40$, $p < 0,01$), *engano percebido* ($r = -0,24$, $p < 0,01$) e a subfunção *normativa* ($r = -0,11$, $p < 0,05$), e o fez positivamente com as dimensões *EBVRI-entusiasmo* ($r = 0,38$, $p < 0,01$), *EBVRI-busca de verdade* ($r = 0,25$, $p < 0,01$) e as subfunções *experimentação* ($r = 0,19$, $p < 0,01$), *suprapessoal* ($r = 0,15$, $p < 0,05$), *interativa* ($r = 0,23$, $p < 0,01$). O fator Satisfação com Afinidades de Interesses e Comportamentos - SAIC correlacionou-se negativamente com *uso de engano* ($r = -0,40$, $p < 0,01$), *engano percebido* ($r = -0,40$, $p < 0,01$), traço *maquiavelismo* ($r = -0,14$, $p < 0,05$) e, positivamente com as dimensões *EBVRI-Entusiasmo* ($r = 0,46$, $p < 0,01$), *EBVRI-Busca de Verdade* ($r = 0,21$, $p < 0,01$), e as subfunções *existência* ($r = 0,16$, $p < 0,01$), *suprapessoal* ($r = 0,15$, $p < 0,05$) e *interativa* ($r = 0,27$, $p < 0,01$).

O *uso de engano* se correlacionou negativamente com as dimensões *EBVRI-Entusiasmo* ($r = -0,32$, $p < 0,01$), *EBVRI-Busca de Verdade* ($r = -0,26$, $p < 0,01$), com as subfunções *suprapessoal* ($r = -0,16$, $p < 0,01$) e *interativa* ($r = -0,19$, $p < 0,01$), e o fez positivamente com *maquiavelismo* ($r = 0,14$, $p < 0,05$). O *engano percebido* também se correlacionou negativamente com a dimensão *EBVRI-Entusiasmo* ($r = -0,37$, $p < 0,01$) e a subfunção *interativa* ($r = -0,17$, $p < 0,01$) e positivamente com a pontuação total de *tríade sombria* ($r = 0,13$, $p < 0,05$) e o traço *maquiavelismo* ($r = 0,17$, $p < 0,01$).

Por outro lado, a dimensão *EBVRI-entusiasmo* se correlacionou positivamente com as subfunções *experimentação* ($r = 0,16, p < 0,01$), *realização* ($r = 0,13, p < 0,05$), *existência* ($r = 0,17, p < 0,01$), *suprapessoal* ($r = 0,16, p < 0,05$), *interativa* ($r = 0,29, p < 0,01$) e *normativa* ($r = 0,11, p < 0,05$); enquanto a dimensão *EBVRI-Busca de verdade* apresentou correlação positiva com a *tríade sombria* ($r = 0,11, p < 0,05$), *maquiavelismo* ($r = 0,12, p < 0,05$), *narcisismo* ($r = 0,16, p < 0,05$) e com as subfunções *realização* ($r = 0,13, p < 0,05$), *existência* ($r = 0,14, p < 0,05$), *suprapessoal* ($r = 0,17, p < 0,01$) e *interativa* ($r = 0,25, p < 0,01$).

Tabela 04. Correlatos.

Fatores	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1. SAFS															
2. SAIC	0,21**														
3. Uso de Engano	-0,40**	-0,40**													
4. Engano Percebido	-0,24**	-0,40**	0,46**												
5. Entusiasmo	0,38**	0,46**	-0,32**	-0,37**											
6. Busca de Verdade	0,25**	0,21**	-0,26**	-0,08	0,36**										
7. Tríade Sombria	0,05	-0,07	0,11	0,13**	-0,07	0,11*									
8. Maquiavelismo	-0,08	-0,14*	0,14*	0,17**	-0,06	0,12*	0,66**								
9. Narcisismo	0,08	-0,02	0,07	0,08	-0,02	0,16*	0,85**	0,37**							
10. Psicopatia	0,05	-0,03	0,06	0,06	-0,09	-0,06	0,66**	0,30**	0,28**						
11. Experimentação	0,19**	0,08	-0,01	0,02	0,16**	0,09	0,16**	0,04	0,18**	0,09					
12. Realização	0,07	0,06	-0,04	-0,00	0,13*	0,13*	0,35**	0,17**	0,41**	0,10	0,46**				
13. Existência	0,10	0,16**	-0,10	-0,03	0,17**	0,14*	0,02	-0,11	0,16**	-0,11*	0,29**	0,32**			
14. Suprapessoal	0,15*	0,15*	-0,16**	-0,04	0,16*	0,17**	0,04	-0,02	0,08	0,01	0,41**	0,41**	0,46**		
15. Interativa	0,23**	0,27**	-0,19**	-0,17**	0,29**	0,25**	0,01	-0,02	0,12*	-0,13*	0,32**	0,26**	0,49**	0,47**	
16. Normativa	-0,11*	0,06	0,00	0,09	0,11*	0,02	-0,24**	-0,09	-0,13*	-0,32**	0,08	0,17**	0,39**	0,20**	0,42**

(Nota: ** = $p < 0,01$; * = $p < 0,05$; SAFS = Satisfação com Atração Física e Sexualidade; SAIC = Satisfação com Afinidades de Interesses e Comportamentos).

Conhecida a relação entre as variáveis, o segundo passo do estudo consistiu em verificar o poder preditivo dos traços sombrios da personalidade, das subfunções dos valores humanos e das estratégias de comportamento (uso de engano, engano percebido pelo parceiro, entusiasmo e busca de verdade) sobre a satisfação em relacionamentos românticos. Para tanto, realizou-se uma análise de regressão múltipla hierárquica, adotando o método padrão (*stepwise*).

Nesta direção, o primeiro bloco de variáveis inseridas foi composta pela tríade sombria da personalidade, o que indicou que 1% da satisfação com relacionamentos amorosos pode ser explicado pelo maquiavelismo, narcisismo e psicpatia [$R = 0,12$; $R^2 = 0,016$; $F = 3,93$; $p < 0,05$]. O traço maquiavelismo foi o que apresentou maior poder preditivo ($\beta = -0,12$; $t = -1,98$; $p < 0,05$).

No segundo bloco de variáveis foram inseridos as subfunções valorativas, aumentando a capacidade preditiva em 14% [$F = 7,32$; $p < 0,001$]. Neste sentido, o traço maquiavelismo e as subfunções interativa e normativa passaram a explicar 15 % da satisfação com relacionamentos amorosos [$R = 0,39$; $R^2 = 0,15$; $F = 7,32$; $p < 0,001$], sendo a subfunção interativa a que apresentou maior poder preditivo ($\beta = 0,19$; $t = 4,83$; $p < 0,001$).

O terceiro bloco de variáveis inseriu as estratégias de comportamento nos relacionamentos amorosos, o que aumentou a capacidade preditiva em 31%. Com a inserção destas variáveis, o traço maquiavelismo ($\beta = -0,05$; $t = -1,05$; $p = 0,29$) e a subfunção normativa ($\beta = -0,02$; $t = -1,35$; $p = 0,17$) deixaram de explicar a satisfação com relacionamentos amorosos. Neste sentido, 46% da satisfação com relacionamentos amorosos podem ser explicadas pela subfunção interativa e pelas variáveis uso de engano e entusiasmo [$R = 0,67$; $R^2 = 0,46$; $F = 21,58$; $p < 0,001$]. Os coeficientes de predição podem ser observados na Tabela 05.

Tabela 05. Coeficientes de regressão múltipla hierárquica da satisfação em relacionamentos amorosos.

Variáveis	B	Erro Padrão	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Tríade Sombria					
Maquiavelismo	-0,05	0,05	-0,05	-1,05	0,29
Narcisismo	0,26	0,47	0,63	0,02	0,65
Psicopatia	0,05	0,99	0,32	0,06	0,76
Valores Humanos					
Experimentação	0,05	0,02	0,09	1,83	0,06
Realização	-0,02	0,02	-0,05	-1,00	0,31
Existência	-0,01	0,03	-0,02	-0,38	0,70
Suprapessoal	0,03	0,03	0,05	0,94	0,34
Interativa	0,08	0,03	0,15	2,61	0,00**
Normativa	-0,02	0,01	-0,07	-1,35	0,17
ECRA					
Uso de Engano	-0,14	0,25	-0,29	-5,60	0,00**
Engano percebido	-0,02	0,02	-0,07	-1,35	0,17
Entusiasmo	0,18	0,02	0,36	7,00	0,00**
Busca de Verdade	0,01	0,02	0,02	0,46	0,64

(Nota: ECRA = Estratégias de comportamento em relacionamentos amorosos; B = inclinação da variável independente; β = coeficiente padronizado).

6.3. Discussão Parcial

O presente estudo buscou verificar as correlações entre traços sombrios da personalidade, as subfunções dos valores humanos, as estratégias de comportamento (uso de engano, engano percebido, busca de verdade e entusiasmo) e a satisfação com relacionamentos amorosos, bem como o poder preditivo que aquelas variáveis exercem sobre a satisfação com relacionamentos amorosos.

As hipóteses 1 (*O uso de engano se correlacionará negativamente com as dimensões de satisfação com relacionamentos de casais*), 3 (*Engano Percebido pelo parceiro se*

correlacionará negativamente com as dimensões de satisfação com relacionamentos de casais) foram confirmadas. No presente estudo, pôde-se verificar que o engano na relação, seja quando utilizado ou quando percebido pelo parceiro, correlacionou-se negativamente com ambas as dimensões de satisfação com relacionamentos amorosos. Dentre os resultados encontrados no estudo de Cole (2001), foi verificado que o uso do engano e a percepção de engano pelo parceiro correlacionaram-se negativamente com níveis de satisfação em relacionamentos.

A hipótese 8, a qual previa que o uso de engano exercia poder preditivo sobre a satisfação com relacionamentos amorosos também foi confirmada. Os resultados indicaram o poder preditivo do uso de engano sobre a satisfação com relacionamentos amorosos. Guthrie e Kunkel (2013) afirmam que o engano pode diminuir a satisfação nos relacionamentos. O que é consistente ainda ao exposto por Arcimowicz, Cantarero e Soroko (2015) quando afirmam que a mentira, por vezes, apresenta implicações negativas para a qualidade dos relacionamentos.

A hipótese 2, previa correlação positiva entre uso de engano e o traço maquiavelismo da tríade sombria. Verificou-se que as pontuações de Uso de Engano e Engano Percebido pelo Parceiro correlacionaram-se positivamente apenas com o traço maquiavelismo da tríade sombria. Estes resultados estão em consonância com a literatura (Azizli et al., 2016; Dussault, Hojjat & Boone, 2013; Jonason, Lyons, Baughman, & Vernon, 2014). Nestes estudos foram verificadas relações entre maquiavelismo e engano. Isso sugere que as tendências para a insensibilidade e manipulação interpessoal, comum aos três traços sombrios, facilita o engajamento em mentiras e relações extra-diádicas (Volmer, Kock, & Göritz, 2016).

Adicionalmente, os resultados indicaram correlação negativa entre engano e as subfunções suprapessoal e interativa. Na mesma direção, no estudo de Monteiro (2017), estas

subfunções correlacionaram-se negativamente com atitudes frente à infidelidade. Destaca-se que as pessoas que endossam tais valores, primam pelo convívio com os demais e valorizam as relações interpessoais amistosas (Gouveia, 2003; Vasconcelos, Gouveia, Souza Filho, Souza, & Jesus, 2004). Especificamente, a subfunção suprapessoal expressa necessidades prósperas (Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014a), e possibilitam a organização e categorização do mundo de maneira consistente (Gouveia, 2013); por sua vez, a subfunção interativa relaciona-se às necessidades de pertença, amor e filiação, sendo importante para regular, iniciar e manter relacionamentos interpessoais (Gouveia, 2013). As pessoas que endossam estes valores buscam o estabelecimento de contatos sociais (Gouveia, Milfont, Fischer, & Coelho, 2009; Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014a;). Logo, o engano vai de encontro aos valores endossados nestas subfunções.

A hipótese 4 previa que a dimensão entusiasmo se correlacionaria positivamente com as dimensões de satisfação com relacionamentos de casais. Verificou-se, no presente estudo, correlação positiva entre as variáveis entusiasmo e busca de verdade e satisfação nos relacionamentos amorosos, contudo apenas a variável entusiasmo exerce poder preditivo sobre satisfação nos relacionamentos românticos. Os achados de Murray (2014) corroboram este resultado, uma vez que indicaram relação positiva entre a dimensão entusiasmo e qualidade no relacionamento, no entanto, a dimensão busca de verdade não apresentou relação significativa. Acerca disso, Murray, Holmes e Griffin (1996) afirmam que o sentimento de segurança e bem-estar no relacionamento pode exigir um certo grau de impressisção de modo que esta possibilita, mesmo que temporariamente um sentimento de segurança ou paz, embora a longo prazo possa trazer implicações negativas.

A hipótese 5 previa correlação positiva entre a subfunção experimentação e a dimensão SAFS. Como esperado, os resultados demonstraram correlação positiva entre a dimensão Satisfação com Atração Física e Sexualidade – SAFS e a subfunção

experimentação. Esta subfunção está relacionada à necessidade de satisfação fisiológica através do princípio do prazer, sendo mais endossados pelos jovens (Athayde, 2015). Prazer e sexualidade são dois dos valores específicos desta subfunção (Gouveia, 2013). Esta subfunção apresenta orientação pessoal e expressam necessidades humanitárias, o que está relacionado, por exemplo, a abertura a experiências (Gouveia, 2013). Ademais, pessoas que endossam valores pessoais apresentam uma tendência a estabelecer relações pessoais do tipo contratual, em busca de benefícios próprios (Milfont, Gouveia, & Costa, 2005).

A hipótese 6 previa que a subfunção interativa se correlacionaria positivamente com a dimensão Satisfação com Afinidades de Interesses e Comportamentos - SAIC. O resultados do presente estudo confirmaram esta hipótese, indicando relação positiva, o que pode ser o que vai ao encontro aos achados de Almeida (2016) em que a subfunção interativa relacionou-se positivamente com satisfação conjugal. Pessoas que endossam tais valores primam pela manutenção das relações interpessoais, bem como aspectos referentes a sentimentos de pertença. Ademais, destaca-se que esta subfunção apresenta uma orientação social e expressam valores humanitários. Pessoas que apresentam como guias valores sociais, orientam-se em direção ao outro, e almejam serem consideradas, aceitas e integradas (Milfont, Gouveia, & Costa, 2006). Quando valores humanitários se configuram em valores sociais, podem ser observados comportamentos altruístas, bem como o outro é considerado como importante e merecedor de atenção (Gouveia, 2013).

A hipótese 7 previa que o traço maquiavelismo e o traço psicopatia se correlacionariam negativamente com a dimensão SAIC. Esta hipótese foi confirmada parcialmente, pois apenas o traço maquiavelismo apresentou correlação significativa com a dimensão SAIC, o que pode estar relacionado ao fato destas pessoas apresentarem déficit de afeto (Ali & Chamorro-Premuzic, 2010), preferências por relacionamentos de curto prazo e um número elevado de parceiros sexuais (Jonason et al., 2009), assim como apresentarem

comportamentos de infidelidade (Jones & Weiser, 2014). Destaca-se, desse modo, que comportamentos negativos, como a infidelidade apresentam relação negativa com satisfação em relacionamentos (Dainton & Gross, 2008).

A hipótese 9 previa que a dimensão entusiasmo exerce poder preditivo sobre a satisfação com relacionamentos amorosos. Os resultados confirmaram esta hipótese, assim como ao encontrado no estudo de Murray (2014). Neste estudo, a dimensão entusiasmo apresentou efeito moderador entre problemas de relacionamento e qualidade no relacionamento, de modo que quando aumentavam-se problemas no relacionamento, sua qualidade caía. Contudo, quando se acrescentou a variável entusiasmo, a qualidade da relação não caiu.

Conforme pode ser observado, os resultados demonstram que essas variáveis correlacionam-se com a satisfação em relacionamentos amorosos, evidenciando que uma percepção positiva acerca do parceiro e da relação, aumenta os níveis de satisfação, enquanto o engano diminui esses níveis. Ademais, demonstrou como as prioridades valorativas e os traços sombrios da personalidade podem contribuir no entendimento da satisfação em relacionamentos amorosos.

CAPÍTULO 7. DISCUSSÃO GERAL

A presente dissertação buscou investigar o papel das estratégias de comportamento, da personalidade e dos valores humanos sobre a satisfação em relacionamentos amorosos. Para tanto, buscou-se (1) adaptar para o contexto brasileiro as medidas (a) Uso de Engano, (b) Engano Percebido pelo Parceiro e (d) Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Íntimos, (2) verificar evidências de validade fatorial e consistência interna destas medidas e (3) investigar a relação entre os traços da tríade sombria, as subfunções dos valores humanos, as estratégias de comportamento e a satisfação com relacionamentos amorosos.

O presente capítulo está dividido em três partes. Inicialmente, serão elencados os principais resultados da presente dissertação, em seguida serão apresentadas possíveis limitações e, por fim, serão apresentadas sugestões para estudos futuros, afim ampliar o conhecimento acerca das variáveis estudadas.

Resultados principais

Considera-se que os objetivos propostos na presente dissertação tenham sido alcançados. Quanto aos resultados principais, destaca-se que no Estudo 1 foi possível adaptar três medidas para o contexto brasileiro. A estrutura fatorial da medida Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Íntimos corroborou em parte ao proposto pela autora da versão original (Murray, 2014). Isto é, concebe as duas estratégias como independentes, embora tenha diminuído o número de itens. Ambos os fatores apresentaram índices de consistência interna aceitáveis, como proposto por Field (2009), o qual considera como aceitáveis valores entre 0,7 e 0,8. O mesmo ocorreu com as medidas Uso de Engano e Engano Percebido pelo Parceiro, pois assim como nas versões originais (Cole, 2001), as estruturas encontradas no contexto brasileiro foram unifatoriais. Estas medidas também apresentaram bons índices de consistência interna.

O Estudo 2 possibilitou comprovar as estruturas encontradas no Estudo 1, evidenciando que possuem validade e confiabilidade para mensurar os construtos no contexto

brasileiro. Desse modo, as medidas apresentaram índices de ajuste satisfatórios conforme preconizados pela literatura (Byrne, 1989; Marôco, 2014). Os índices de confiabilidade foram superiores aos encontrados no Estudo 1, assim como superiores ao que é proposto pela literatura (Pasquali, 2003).

O Estudo 3 buscou verificar os correlatos de satisfação com relacionamentos amorosos e traços sombrios da personalidade, as subfunções dos valores humanos e as estratégias de comportamento, especificamente, uso de engano, engano percebido pelo parceiro, entusiasmo e busca de verdade. O engano nos relacionamentos amorosos, seja quando utilizado pelo parceiro, seja quando percebido pelo par, apresenta relação negativa com satisfação nos relacionamentos amorosos, o que é corroborado por Cole (2001) e Guthrie e Kunkel (2013). Horan e Booth-Butterfield (2013) afirmam que quando as pessoas utilizam mensagens enganosas, estão cientes das consequências, as quais podem ser positivas ou negativas. Estas mensagens podem apresentar implicações para a qualidade da relação, de modo que, se o engano for descoberto, pode ocorrer uma diminuição da qualidade no relacionamento, ou ainda, caso não seja descoberto, a pessoa que enganou pode apresentar tanto estresse ou culpa, ou satisfação por ter conseguido seu objetivo (Horan & Booth-Butterfield, 2011).

Verificou-se também que a dimensão entusiasmo exerce poder preditivo sobre a satisfação em relacionamentos românticos. A dimensão entusiasmo refere-se a pessoas que são tendenciosas positivamente, a pessoas que apresentam um viés positivo acerca das características do parceiro e de sua relação (Murray, 2014). Neste sentido, Simpson, Fletcher e Campbell (2001) afirmam que esta postura pode estar relacionada com os custos referentes aos conflitos e à dissolução de relacionamentos. Acerca disso, Zeidner e Kloda (2013) verificaram que a inteligência emocional relaciona-se com estratégias construtivas de resolução de conflitos e negativamente com estratégias disfuncionais. Segundo os autores,

parceiros que pontuam alto em inteligência emocional podem experimentar menos conflitos e mais satisfação em sua vida conjugal por muitos motivos, dentre estes destaca-se o modo de reação e interpretação a partir de uma luz mais positiva, de maneira a minimizar as dificuldades na relação; podendo suscitar também comportamentos positivos dos seus pares contribuindo assim para sua própria satisfação.

Murray, Holmes e Griffim (1996), por sua vez, verificaram que a idealização de um parceiro pode ocasionar em ameaças a longo prazo, tendo em conta que, à medida que se deixa de enxergar o parceiro através de um filtro, algumas insatisfações podem surgir, assim como a pessoa que está sendo idealizada também pode apresentar incômodo. Ademais, Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) afirmam que é frequente relacionar a palavra casamento à ideia de romantismo e “felizes para sempre”, contudo, segundo estes autores, as relações que iniciam com otimismo e encantamento elevados, por vezes, podem não ser duradouras.

Quanto aos traços sombrios da personalidade, verificou-se que apenas o traço maquiavelismo correlacionou-se negativamente com uma das dimensões da medida de satisfação em relacionamentos amorosos, Satisfação com Afinidades de Interesses e Comportamentos. A relação negativa entre estas variáveis pode estar associada a algumas características destes traços, como níveis elevados de interesse próprio e níveis baixos de qualidades empáticas (Jonason, Li, Webster, & Schimdtt, 2009), importando para estas pessoas apenas seus interesses pessoais. O estudo de Kardum et al. (2018) é consistente com estes resultados, tendo em conta que foi verificada correlação negativa entre maquiavelismo e qualidade no relacionamento, e assim como nos resultados da presente dissertação, não foi verificado poder de predição.

Por fim, destacam-se os valores humanos, os quais podem auxiliar na compreensão de atitudes, crenças e comportamentos das pessoas (Gouveia, 2013). Especificamente, no

presente estudo verificou-se que a subfunção interativa exerce poder preditivo sobre a satisfação com relacionamentos amorosos. Esta subfunção relaciona-se às necessidades de pertença, amor e filiação (Athayde, 2015), sendo considerada importante para regular, iniciar e manter relacionamentos interpessoais (Gouveia, 2013; Gouveia, Milfont, Fischer, & Coelho, 2009). Destaca-se também a busca por relacionamentos íntimos estáveis (Lauer-Leite, Magalhães, Gouveia, Sousa, Fonseca, & Soares, 2014). Neste sentido, pessoas que priorizam como princípios-guia de suas vidas valores como afetividade, apoio social e convivência apresentam uma maior satisfação em relacionamentos amorosos.

Limitações do estudo

O presente estudo não está isento de limitações. Dentre estas, destaca-se aspectos referentes à amostra. Por exemplo, o fato de ter sido composta por pessoas que estavam em qualquer tipo de relacionamento amoroso, incluindo o “ficar”, modalidade esta que não apresentar um certo grau de estabilidade. Ademais, destaca-se o fato da amostra ter sido em sua maioria de pessoas do sexo feminino. Neste sentido, a generalização dos resultados fica restrita.

Outra limitação refere-se às medidas utilizadas no estudo, tendo em conta o fato de que medidas de autorrelato podem apresentar um certo viés de desejabilidade social, desse modo os participantes podem não ter sido completamente sinceros ao responder. Como forma de dirimir estes vieses, destaca-se o uso de mensurações implícitas, as quais possibilitam uma diminuição da reatividade dos instrumentos, uma vez que mensuram aspectos automáticos e fora do domínio do indivíduo (Athayde, 2012).

Após estas considerações, torna-se relevante apontar direcionamentos futuros para a compreensão do fenômeno estudado.

Direções futuras

Quanto aos aspectos amostrais, considera-se para estudos futuros, a importância de primar por participantes que estejam em relacionamentos mais formais e estáveis, por exemplo, namorando ou casados, afim de se tentar dirimir possíveis vieses que possam estar relacionado à informalidade das relações.

Considera-se importante para estudos futuros considerar outras variáveis que possam oferecer contribuições na área dos relacionamentos românticos, a exemplo da tríade virtuosa, composta pelos traços perdão, gratidão e altruísmo, tendo em conta o fato de apresentarem condutas orientados ao outro e por possibilitarem o fortalecimento de relações mais coesas (Vasconcelos, 2017).

Espera-se que os resultados encontrados propiciem subsídios no âmbito da clínica, assim como em terapias de casais, tendo em conta o fato de constituírem-se como instrumentos concisos e de fácil aplicação e possibilitarem uma compreensão acerca de estratégias de comportamento que são utilizadas pelos casais, assim como da satisfação com a relação amorosa.

Almeja-se que os resultados encontrados na presente dissertação ofereçam ainda contribuições acerca do fenômeno estudado, ampliando os conhecimentos no âmbito da Psicologia Social, especificamente ao que se refere aos relacionamentos interpessoais. Ademais, almeja-se que os resultados ofereçam suporte ao estudo dos valores humanos, sobretudo à Teoria Funcionalista dos Valores Humanos e a área dos relacionamentos amorosos.

Referências

- Ali, F., & Chamorro-Premuzic, T. (2010). The dark side of love and life satisfaction: Associations with intimate relationships, psychopathy and Machiavellianism. *Personality and Individual Differences*, 48, 228-233. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.10.016>.
- Almeida, A. C. (2016). *Satisfação conjugal e valores humanos dos casais de famílias intactas e recasadas*. Dissertação de Mestrado. Departamento de psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Almiro, P. A., & Simões, M. R. (2011). Questionário de Personalidade de Eysenck–Forma Revista (EPQ-R): Breve revisão dos estudos de validade concorrente. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 42, 101-120.
- Álvarez, J. L. G., & Yusti, I. B. (2015). Personalidad, mentira y Engaño. *Behavior & Law Journal*, 1, 17-26.
- Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2003). *Psicologia social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. D. (2017). Bodas para uma vida: motivos para manter um casamento de longa duração. *Temas em Psicologia*, 25, 487-501. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.2-05>.
- Anderson, T. L., & Emmers-Sommer, T. M. (2006). Predictors of relationship satisfaction in online romantic relationships. *Communication Studies*, 57, 153-172. <https://doi.org/10.1080/10510970600666834>.
- Andrade, A. L. (2011). *Relacionamentos Românticos: Modelos de Qualidade e Satisfação em Relacionamento de Casal*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.
- Andrade, A. L., & Garcia, A. (2012). Desenvolvimento de uma medida multidimensional para avaliação de qualidade em relacionamentos românticos-Aquarela-R. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25, 634-643.

- Andrade, A. L., Garcia, A., & Cassepp-Borges, V. (2013). Evidências de validade da escala triangular do amor de Sternberg-reduzida (ETAS-R). *Psico-USF*, 18, 501-510.
- Andrade, A. L. D., Garcia, A., & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: teoria e Prática*, 11.
- Araújo, R. C. R. *Honra, valores humanos e traços de personalidade: A influência cultural*. (2016). Tese de Doutorado. Departamento de psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Armas Vargas, E., & García Medina, P. (2009). ATRAMIC: La mentira informada. *Anuario de Psicología Jurídica*, 19.
- Atari, M., & Chegeni, R. (2016). Assessment of dark personalities in Iran: Psychometric evaluation of the Farsi translation of the Short Dark Triad (SD3-F). *Personality and Individual Differences*, 102, 111-117.
- Athayde, R. A. A. (2012). Medidas implícitas de valores humanos: elaboração e evidências de validade. Dissertação de Mestrado. Departamento de psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Athayde, R. A. A. (2015). *Bases neurais dos valores humanos: Efeito da neuromodulação nos valores e comportamentos*. Tese de Doutorado. Departamento de psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Arcimowicz, B., Cantarero, K., & Soroko, E. (2015, September). Motivation and Consequences of Lying. A Qualitative Analysis of Everyday Lying. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 16.
- Azizli, N., Atkinson, B. E., Baughman, H. M., Chin, K., Vernon, P. A., Harris, E., & Veselka, L. (2016). Lies and crimes: Dark Triad, misconduct, and high-stakes deception. *Personality and Individual Differences*, 89, 34-39.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.09.034>.

- Barrios, M. & Cosculluela, A. (2013). Fiabilidade. In *Psicometria*.
- Bissoli, M. de F. (2014). Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil. *Psicologia em Estudo*, 19, 587-597. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-73722163602>.
- Blauser, K. (2017). *The Attitudes and Beliefs of Deception in the Coach-Player Relationship* (Doctoral dissertation). Angelo State University.
- Bond, C. F., & Robinson, M. (1988). The evolution of deception. *Journal of nonverbal behavior*, 12, 295-307.
- Brewer, G., & Abell, L. (2015). Machiavellianism and sexual behavior: Motivations, deception and infidelity. *Personality and Individual Differences*, 74, 186-191.
- Brewer, G., Bennett, C., Davidson, L., Ireen, A., Phipps, A. J., Stewart-Wilkes, D., & Wilson, B. (2018). Dark triad traits and romantic relationship attachment, accommodation, and control. *Personality and Individual Differences*, 120, 202-208. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.09.008>.
- Buller, D. B., & Burgoon, J. K. (1996). Emotional expression in the deception process. In *Handbook of communication and emotion*, 81-402.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications, and programming*. New York: Routledge.
- Campos, S. O., Scorsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2017). Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. *Psicologia Clínica*, 29, 69-89.
- Carter, G. L., Montanaro, Z., Linney, C., & Campbell, A. C. (2015). Women's sexual competition and the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 74, 275-279.
- Carvalho, R. G., & Novo, R. F. (2014). Personalidade e autoavaliação global como estudante: alguns indicadores com um modelo multimodal. *Avaliação Psicológica*, 13, 87-93.

- Carvalho, L. D. F., Nunes, M. F. O., Primi, R., & Nunes, C. H. S. S. (2012). Evidências desfavoráveis para avaliação da personalidade com um instrumento de 10 itens. *Paidéia*, 22.
- Carvalho, L. de F., Pianowski, G., da Silva, A. M. R., & Silva, R. G. C. (2017). Personalidade: o panorama nacional sob o foco das definições internacionais. *Psicologia em Revista*, 23, 123-146. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p123-146>.
- Cassepp-Borges, V. (2010). Amor e construtos relacionados: evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil. Tese. Doutorado em Psicologia Social. Universidade de Brasília.
- Cassepp-Borges, V., & de Andrade, A. L. (2013). Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos amorosos em língua portuguesa. *Estudos de Psicologia*, 18.
- Cavalcanti, T. M. (2016). A natureza dos valores humanos: evidências acerca das necessidades psicológicas. Dissertação. Mestrado em Psicologia Social. Universidade Federal da Paraíba.
- Cohen, R. J., Swerdlik, M. E., & Sturman, E. D. (2014). *Testagem e Avaliação Psicológica: Introdução a Testes e Medidas*. AMGH Editora.
- Cole, T. (2001). Lying to the one you love: The use of deception in romantic relationships. *Journal of social and personal relationships*, 18, 107-129.
- Cotter, K. A., & Kerschner, B. J. (2018). Personality and health: Impacts of romantic relationship characteristics. *Personality and Individual Differences*, 120, 40-46.
- Coutinho, M. D. L. (2013). A infidelidade virtual no relacionamento amoroso: correlatos afetivos e sociais. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba.

- Dainton, M., & Gross, J. (2008). The use of negative behaviors to maintain relationships. *Communication Research Reports*, 25, 179-191.
<https://doi.org/10.1080/08824090802237600>.
- Dane, L. K., Jonason, P. K., & McCaffrey, M. (2018). Physiological tests of the cheater hypothesis for the Dark Triad traits: testosterone, cortisol, and a social stressor. *Personality and Individual Differences*, 121, 227-231.
- Dinić, B. M., Petrović, B., & Jonason, P. K. (2018). Serbian adaptations of the Dark Triad Dirty Dozen (DTDD) and Short Dark Triad (SD3). *Personality and Individual Differences*, 134, 321-328.
- D'Souza, M. F., & Jones, D. N. (2017). Taxonomia da rede científica do Dark Triad: revelações no meio empresarial e contábil. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 11, 296-313.
- Dussault, M., Hojjat, M., & Boone, R. T. (2013). Machiavellianism and dating: Deception and intimacy. *Social Behavior and Personality: an international journal*, 41, 283-294.
<https://doi.org/10.2224/sbp.2013.41.2.283>.
- Ennis, E., Vrij, A., & Chance, C. (2008). Individual differences and lying in everyday life. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25, 105-118.
- Estramiana, J. L., Pereira, C., Monter, M. R., & Zlobina, A. (2013). Valores Sociais. In Camino, L., Torres, A. R. R., Lima, M. E. O., & Pereira, M. E. *Psicologia Social: temas e teorias*, 311-355. Brasília: TechnoPolitik.
- Ettinger, D., & Jehiel, P. (2010). A theory of deception. *American Economic Journal: Microeconomics*, 2, 1-20.
- Eysenck, H. J. (1991). Dimensions of personality: 16, 5 or 3?—Criteria for a taxonomic paradigm. *Personality and individual differences*, 12, 773-790.
- Feist, J., Feist, G. J., & Roberts, T. A. (2015). *Teorias da personalidade-8*. AMGH Editora.

- Feather, N. T. (1995). Values, valences, and choice: The influences of values on the perceived attractiveness and choice of alternatives. *Journal of personality and social psychology*, 68, 1135-1151.
- Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística usando o SPSS-2*. Bookman Editora.
- Fletcher, G. J., Simpson, J. A., Thomas, G., & Giles, L. (1999). Ideals in intimate relationships. *Journal of personality and social psychology*, 76, 72. <http://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0022-3514.76.1.72>.
- Fox, J., & Rooney, M. C. (2015). The Dark Triad and trait self-objectification as predictors of men's use and self-presentation behaviors on social networking sites. *Personality and Individual Differences*, 76, 161-165.
- Freire, S. E. D. A. (2013). Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba.
- Freire, S. E. A.; Freires, L. A.; Monteiro, R. P.; Nascimento, B. S. Psicologia Social e Sexualidade. In: Carla Fernanda de Lima; Carlos Eduardo Pimentel. (Org.). Revisitando a Psicologia Social. 1ed.Curitiba: Juruá, 2017, 1, 279-305.
- Fujita, Â. T. L., Nakano, T. de C., & Rondina, R. de C. (2015). Características de personalidade e dependência nicotínica em universitários. *Avaliação Psicológica*, 14, 73-81. doi: 10.15689/ap.2015.1401.08.
- Funk, J. L., & Rogge, R. D. (2007). Testing the ruler with item response theory: increasing precision of measurement for relationship satisfaction with the Couples Satisfaction Index. *Journal of Family Psychology*, 21, 572.
- Gala, J., & Kapadia, S. (2013). Romantic relationships in emerging adulthood: A developmental perspective. *Psychological Studies*, 58, 406-418.

- Gaspar, J. P., & Schweitzer, M. E. (2013). The emotion deception model: a review of deception in negotiation and the role of emotion in deception. *Negotiation and Conflict Management Research*, 6, 160-179. <https://doi.org/10.1111/ncmr.12010>.
- Gaule, J. M. (2015). You Can't Hide Your Lyin'Eyes: The Uses Of Deception In Romantic Relationships. Thesis. Master of Arts. Wayne State University.
- Gillath, O., Sesko, A. K., Shaver, P. R., & Chun, D. S. (2010). Attachment, authenticity, and honesty: dispositional and experimentally induced security can reduce self-and other-deception. *Journal of personality and social psychology*, 98, 841.
- Gomes, A. I. A. S. D. (2011). A escolha de parceiro (a) ideal por hetero e homossexuais: uma leitura a partir dos valores e traços de personalidade. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba.
- Gomes, A. I. A. de B., Gouveia, V. V., Silva Júnior, N. A. da, Coutinho, M. de L., & de Campos, L. C. O. (2013). Escolha do (a) parceiro (a) ideal por heterossexuais: são seus valores e traços de personalidade uma explicação?. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, 29-37.
- Goncalves, M. K., & Campbell, L. (2014). The Dark Triad and the derogation of mating competitors. *Personality and Individual Differences*, 67, 42-46.
- Gonzatti, V., Argimon, I. I. D. L., Esteves, C. S., Irigaray, T. Q., Oliveira, C. R. D., & Moret-Tatay, C. (2017). Fatores de personalidade em idosos: relação com funcionamento cognitivo e sintomas depressivos. *Avaliação Psicológica*, 16, 187-195. <http://dx.doi.org/10.15689/AP.2017.1602.09>
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de psicologia*, 8, 431-443.
- Gouveia, V. V. (2013). Teoria funcionalista dos valores humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Gouveia, V. V. (2016). Teoria funcionalista dos valores humanos: áreas de estudo e aplicações. São Paulo: Vetor.
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2011). Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. In Torres, C. V., & Neiva, E. R. Psicologia social: Principais temas e vertentes, 296-313. Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fischer, R., & Coelho, J. A. P. M (2009). Teoria funcionalista dos valores humanos: Aplicações para organizações. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 10.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014a). Functional theory of human values: Testing its content and structure hypotheses. *Personality and Individual Differences*, 60, 41-47.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014). The functional theory of human values: From intentional overlook to first acknowledgement—A reply to Schwartz (2014). *Personality and Individual Differences*, 68, 250-253.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Soares, A. K. S., Andrade, P. R., & Leite, I. L. (2011). Conhecendo os valores na infância: evidências psicométricas de uma medida. *Psico*, 42, 106-115.
- Gouveia, V. V., Monteiro, R. P., Gouveia, R. S. V., Athayde, R. A. A., & Cavalcanti, T. M. (2016). Avaliando o lado sombrio da personalidade: Evidências psicométricas do Dark Triad Dirty Dozen. *Interamerican Journal of Psychology*, 50.
- Gouveia, V. V., Santos, W. S., Athayde, R. A. A., Souza, R. V. L., & Gusmão, E. É. da S. (2014). Valores, altruísmo e comportamentos de ajuda: comparando doadores e não doadores de sangue. *Psico*, 45, 209-218.

- Gouveia, V. V., Souza Filho, M. L., Araújo, A. G. T., Guerra, V. M., & Sousa, D. F. M. (2006). Correlatos valorativos das motivações para responder sem preconceito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 422-432.
- Gray, J. S., & Coons, J. V. (2017). Trait and goal similarity and discrepancy in romantic couples. *Personality and Individual Differences*, 107, 1-5. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.11.024>.
- Gunderson, P. R., & Ferrari, J. R. (2008). Forgiveness of Sexual Cheating in Romantic Relationships: Effects of Discovery Method, Frequency of Offense, and Presence of Apology. *North American Journal of Psychology*, 10.
- Gusmão, E. É. D. S., Nascimento, B. D. S., Gouveia, V. V., Moura, H. M. D., Monteiro, R. P., Ferreira Filho, L. G., & Costa, K. M. R. D. (2016). Valores Humanos e Atitudes Homofóbicas Flagrante e Sutil. *Psico-USF*, 21, 367-380.
- Guthrie, J., & Kunkel, A. (2013). Tell me sweet (and not-so-sweet) little lies: Deception in romantic relationships. *Communication Studies*, 64, 141-157. <https://doi.org/10.1080/10510974.2012.755637>.
- Haack, K. R., & Falcke, D. (2014). Love and marital quality in romantic relationships mediated and non-mediated by internet. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 24, 105-113.
- Hartwig, M., & Bond Jr, C. F. (2011). Why do lie-catchers fail? A lens model meta-analysis of human lie judgments. *Psychological bulletin*, 137, 643.
- Hauck Filho, N., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2012). Psicopatía: uma perspectiva dimensional e não-criminosa do construto. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 30, 317-327.
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 93-98.

- Hernandez, J. A. E. (2008). Avaliação estrutural da escala de ajustamento diádico. *Psicologia em Estudo*, 13, 593-601. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000100009>.
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. D. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: ciência e profissão*, 23, 58-69.
- Hesse, U., Capitão, C., Comito Muner, L., & Rossi, A. (2015). Estudo correlacional entre o HumanGuide e a Bateria Fatorial da Personalidade. *Avaliação Psicológica*, 14, 403-411.
- Hofstede, G., & McCrae, R. R. (2004). Personality and culture revisited: Linking traits and dimensions of culture. *Cross-cultural research*, 38, 52-88.
- Horan, S. M., & Booth-Butterfield, M. (2011). Is it worth lying for? Physiological and emotional implications of recalling deceptive affection. *Human Communication Research*, 37, 78-106. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.2010.01394.x>.
- Horan, S. M., & Booth-Butterfield, M. (2013). Understanding the routine expression of deceptive affection in romantic relationships. *Communication Quarterly*, 61, 195-216.
- Hutz, C. S., Nunes, C. H. S. D. S., Silveira, A. D., Serra, J. G., Anton, M. C., & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: reflexão e crítica. Porto Alegre*. 11, 395-409.
- Inglehart, R. (2000). Globalization and postmodern values. *Washington Quarterly*, 23, 215-228.
- Inglehart, R. F. (2008). Changing values among western publics from 1970 to 2006. *West european politics*, 31, 130-146.
- Isler, L. (2017). A typological investigation of personality: Trait expression as a coordinated system of self-regulatory functioning. Thesis. Victoria University of Wellington.
- Ito, P. D. C. P., & Guzzo, R. S. L. (2002). Diferenças individuais: temperamento e personalidade; importância da teoria. *Estudos de Psicologia*, 19, 91-100.

- Johnson, A. K., Barnacz, A., Yokkaichi, T., Rubio, J., Racioppi, C., Shackelford, T. K., ... & Keenan, J. P. (2005). Me, myself, and lie: The role of self-awareness in deception. *Personality and individual differences*, 38, 1847-1853.
- Jonason, P. K., & Fletcher, S. A. (2018). Agentic and communal behavioral biases in the Dark Triad traits. *Personality and Individual Differences*, 130, 76-82.
- Jonason, P. K., Fletcher, S. A., & Hashmani, T. (2019). Externalizing and internalizing, but not rationalizing: Some psychodynamic biases associated with the Dark Triad traits. *Personality and Individual Differences*, 137, 9-11.
- Jonason, P. K., Foster, J., Oshio, A., Sitnikova, M., Birkas, B., & Gouveia, V. (2017). Self-construals and the Dark Triad traits in six countries. *Personality and Individual Differences*, 113, 120-124.
- Jonason, P. K., Girgis, M., & Milne-Home, J. (2017). The exploitive mating strategy of the Dark Triad traits: Tests of rape-enabling attitudes. *Archives of sexual behavior*, 46, 697-706.
- Jonason, P. K., Icho, A., & Ireland, K. (2016). Resources, harshness, and unpredictability: the socioeconomic conditions associated with the Dark Triad traits. *Evolutionary Psychology*, 14.
- Jonason, P. K., & Lavertu, A. N. (2017). The reproductive costs and benefits associated with the Dark Triad traits in women. *Personality and Individual Differences*, 110, 38-40.
- Jonason, P. K., Li, N. P., Webster, G. D., & Schmitt, D. P. (2009). The dark triad: Facilitating a short-term mating strategy in men. *European Journal of Personality: Published for the European Association of Personality Psychology*, 23, 5-18.
- Jonason, P. K., Lyons, M., Baughman, H. M., & Vernon, P. A. (2014). What a tangled web we weave: The Dark Triad traits and deception. *Personality and Individual Differences*, 70, 117-119. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.06.038>.

- Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2010). The dirty dozen: A concise measure of the dark triad. *Psychological assessment*, 22, 420.
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the short dark triad (SD3) a brief measure of dark personality traits. *Assessment*, 21, 28-41.
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2017). Duplicity among the dark triad: Three faces of deceit. *Journal of Personality and Social Psychology*, 113, 329.
- Jones, D. N., & Weiser, D. A. (2014). Differential infidelity patterns among the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 57, 20-24.
- Just, C. (2011). A review of literature on the general factor of personality. *Personality and Individual Differences*, 50, 765-771. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.01.008>.
- Kardum, I., Hudek-Knezevic, J., Mehic, N., & Pilek, M. (2018). The effects of similarity in the dark triad traits on the relationship quality in dating couples. *Personality and Individual Differences*, 131, 38-44. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.04.020>.
- Kavanagh, P. S., Signal, T. D., & Taylor, N. (2013). The Dark Triad and animal cruelty: Dark personalities, dark attitudes, and dark behaviors. *Personality and Individual Differences*, 55, 666-670.
- Klaver, J. R., Lee, Z., Spidel, A., & Hart, S. D. (2009). Psychopathy and deception detection using indirect measures. *Legal and Criminological Psychology*, 14, 171-182. <https://doi.org/10.1348/135532508X289964>.
- Koehn, M. A., Okan, C., & Jonason, P. K. (2018). A primer on the Dark Triad traits. *Australian Journal of Psychology*.
- Krafft, J., Haeger, J., & Levin, M. E. (2017). The interaction of mindful awareness and acceptance in couples satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 113, 20-23. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.02.064>.

- Kwantes, P. J., Derbentseva, N., Lam, Q., Vartanian, O., & Marmurek, H. H. (2016). Assessing the Big Five personality traits with latent semantic analysis. *Personality and Individual Differences*, 102, 229-233.
- Lamkin, J., Lavner, J. A., & Shaffer, A. (2017). Narcissism and observed communication in couples. *Personality and Individual Differences*, 105, 224-228.
- Lauer-Leite, I. D., Magalhães, C. M. C., Gouveia, R. S. V., da Fonseca, P. N., de Sousa, D. M. F., & Soares, A. K. S. (2014). Valores humanos e significado do dinheiro: um estudo correlacional. *Psico*, 45, 15-25.
- Lemos Vasconcellos, S. J., dos Santos, B. S., Quoos Moraes, L., Corrêa Ferraz, R., Osorio de Freitas, P., & Foletto Silveira, J. (2016). Evidências de validade de uma escala para ansiedade em situações de mentira. *Avaliação Psicológica*, 15, 383-390. [https:// dx. doi: 10.1569/ap.2016.1503.11](https://doi.org/10.1569/ap.2016.1503.11).
- Lester, D., Haig, C., & Monello, R. (1989). Spouses' personality and marital satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 10, 253-254. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(89\)90211-0](https://doi.org/10.1016/0191-8869(89)90211-0).
- Lewak, R. W., Wakefield Jr, J. A., & Briggs, P. F. (1985). Intelligence and personality in mate choice and marital satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 6, 471-477.
- Li , C. L., Zinn , H. C., Chick, G. E., Graefe, A. R., & Absher, J. D. (2004). Hofstede's measure of cultural values in a national forest recreation context. Working papers of the Finnish Forest Research institute. <http://www.metla.fi/julkaisut/workingpapers/2004/mwp002.htm>
- Łowicki, P., & Zajenkowski, M. (2017). No empathy for people nor for God: The relationship between the Dark Triad, religiosity and empathy. *Personality and Individual Differences*, 115, 169-173.

- Magalhães, M. D. O., & Brito, F. D. S. (2015). Avaliação da personalidade e redes sociais: uma proposta de integração. *Avaliação Psicológica*, 14, 107-114.
- Malesza, M., & Ostaszewski, P. (2016). Dark side of impulsivity—Associations between the Dark Triad, self-report and behavioral measures of impulsivity. *Personality and Individual Differences*, 88, 197-201.
- Malouff, J. M., Thorsteinsson, E. B., Schutte, N. S., Bhullar, N., & Rooke, S. E. (2010). The five-factor model of personality and relationship satisfaction of intimate partners: A meta-analysis. *Journal of Research in Personality*, 44, 124-127.
- Mann, H., Garcia-Rada, X., Houser, D., & Ariely, D. (2014). Everybody else is doing it: Exploring social transmission of lying behavior. *PloS one*, 9.
- Maples, J. L., Lamkin, J., & Miller, J. D. (2014). A test of two brief measures of the dark triad: The dirty dozen and short dark triad. *Psychological assessment*, 26(1), 326.
- Marôco, J. (2014). Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações. Pêro Pinheiro, Portugal: Report Number.
- McCrae, R. R., & John, O. P. (1992). An introduction to the Five-Factor Model and its applications. *Journal of Personality*, 60, 175-215.
- Medeiros, E. D. D. (2011). Teoria funcionalista dos valores humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente. Tese de Doutorado. Departamento de psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Medeiros, E. D., Monteiro, R. P., Gouveia, R. S. V., Nascimento, B. S., & Gouveia, V. V. (2017). Dark Triad Dirty Dozen: Avaliando seus Parâmetros Via TRI. *Psico-USF*, 22.
- Metts, S. (1989). An exploratory investigation of deception in close relationships. *Journal of Social and Personal relationships*, 6, 159-179.
<https://doi.org/10.1177%2F026540758900600202>.

- Milfont, T. L., Gouveia, V. V., & Costa, J. B. D. (2006). Determinantes psicológicos da intenção de constituir família. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19, 25-33.
- Miller, J. D., Zeichner, A., & Wilson, L. F. (2012). Personality correlates of aggression: evidence from measures of the five-factor model, UPPS model of impulsivity, and BIS/BAS. *Journal of Interpersonal Violence*, 27, 2903-2919. <https://doi.org/10.1177/0886260512438279>.
- Minkov, M., & Hofstede, G. (2011). The evolution of Hofstede's doctrine. *Cross Cultural Management: An International Journal*, 18, 10-20.
- Mônego, B. G., & Teodoro, M. L. M. (2011). A teoria triangular do amor de Sternberg e o modelo dos cinco grandes fatores. *Psico-USF*, 16, 97-105.
- Monteiro, R. P. (2014). Entendendo a Psicopatia: Contribuição dos traços de personalidade e valores humanos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.
- Monteiro, R. P. (2017). Tríade sombria da personalidade: conceitos, medição e correlatos. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.
- Monteiro, R. P., Gouveia, R. S., Patrick, C. J., de Carvalho, H. W., de Medeiros, E. D., Pimentel, C. E., & Gouveia, V. V. (2015). A Psicopatia no Contexto dos Cinco Grandes Fatores. *Psico*, 46, 461-471.
- Monteiro, R. P., Lopes, G. S., Nascimento, B. S., Gouveia, V. V., Shackelford, T. K., & Zeigler-Hill, V. (2017). Dark Triad predicts self-promoting mate attraction behaviors. *Personality and Individual Differences*, 119, 83-85. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.07.002>.
- Moran, S., & Schweitzer, M. E. (2008). When better is worse: Envy and the use of deception. *Negotiation and Conflict Management Research*, 1, 3-29.

- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16, 315-325.
- Murray, A. (2014). Cheer-leading versus truth-seeking in intimate relationships: scale development and testing. Thesis. Master of Science In Psychology. Victoria University of Wellington.
- Murray, S. L., Holmes, J. G., & Griffin, D. W. (1996). The benefits of positive illusions: Idealization and the construction of satisfaction in close relationships. *Journal of personality and social psychology*, 70.
- Nascimento, B. S. (2015). *Atitudes Frente à Violência Contra a Mulher: O papel dos Valores e da Desumanização da Mulher*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M., & dos Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23, 547-563.
- Nakano, T. de C. (2014). Personalidade: estudo comparativo entre dois instrumentos de avaliação. *Estudos de Psicologia*, 31, 347-357. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166x2014000300003>.
- Norgren, M. D. B. P., Souza, R. M. D., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9, 575-584.
- Nunes, M. A. S. N., Teles, F. R., & de Souza, J. G. (2013). Inferindo personalidade via tweets. *Revista GEINTEC-Gestão, Inovação e Tecnologias*, 3, 045-057. <https://doi.org/10.7198/geintec.v3i3.109>.

- Oliveira, I. C. V. (2017). *Personalidade Virtuosa: Evidências Psicométricas e Correlatos Valorativos e Pró-Sociais*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba.
- Pacico, J. C., & Bastianello, M. R. (2014). As origens da psicologia positiva e os primeiros estudos brasileiros. In C. S. Hutz (Org). *Avaliação em psicologia positiva*, 43-47, Porto Alegre: Artmed.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pasquali, L. (2012). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília, DF: LabPam.
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of research in personality*, 36, 556-563.
- Pereira, M. E., Brasileiro, R., Silva, J. F. D., Silva, P., Brachi, D., & Albuquerque, F. (2006). Estereótipos, mentiras e videotape: estudos experimentais sobre a acurácia na identificação da mentira. *Psicologia em Estudo*, 11, 209-218.
- Perlin, G., & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?. *Psicologia clínica*, 17, 15-29.
- Pervin, L. A., & John, O. P. (2004). *Personalidade: Teoria e pesquisa*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Redlick, M. H. (2015). *Love me true: deception, affection, and evolutionary strategies of human mating* (Doctoral dissertation). The University of Texas at Austin.
- Redlick, M. H., & Vangelisti, A. L. (2018). Affection, Deception, and Evolution: Deceptive Affectionate Messages as Mate Retention Behaviors. *Evolutionary Psychology*, 16.
- Resende, S., Fernandes, B. M., & da Cruz, F. T. (2008). A estrutura universal dos valores humanos. *Universitas: Ciências da Saúde*, 3, 227-248.

- Richard, L. S., Wakefield Jr, J. A., & Lewak, R. (1990). Similarity of personality variables as predictors of marital satisfaction: A Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI) item analysis. *Personality and Individual Differences*, 11, 39-43.
- Riggio, H. R., Weiser, D. A., Valenzuela, A. M., Lui, P. P., Montes, R., & Heuer, J. (2013). Self-efficacy in romantic relationships: Prediction of relationship attitudes and outcomes. *The Journal of social psychology*, 153, 629-650.
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Oliveira, J. M. (2011). O modelo do investimento de Rusbult em relacionamentos amorosos hetero e homossexuais. *In-Mind Português*, 2, 1-11.
- Rokeach, M. (1974). Change and stability in American value systems, 1968-1971. *Public Opinion Quarterly*, 38, 222-238.
- Roggensack, K. E., & Sillars, A. (2014). Agreement and understanding about honesty and deception rules in romantic relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31, 178-199.
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 101.
- Russell, R. J., & Wells, P. A. (1994). Predictors of happiness in married couples. *Personality and individual differences*, 17, 313-321. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(94\)90279-8](https://doi.org/10.1016/0191-8869(94)90279-8).
- Sambiase, M. F., Teixeira, M. L. M., Bilsky, W., Araujo, B. F. V. B., & Domenico, S. M. R. (2014). Confrontando estruturas de valores: um estudo comparativo entre PVQ-40 e PVQ-21. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27.
- Santibanez, C. (2017). Strategically wrong: On the relationship between generalized deception and persuasive behaviour. *Journal of Pragmatics*, 114, 16-31. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.08.014>.

- Savard, C., Brassard, A., Lussier, Y., & Sabourin, S. (2015). Subclinical psychopathic traits and romantic attachment in community couples: A dyadic approach. *Personality and Individual Differences, 72*, 128-134.
- Schaffhuser, K., Wagner, J., Lüdtke, O., & Allemand, M. (2014). Dyadic longitudinal interplay between personality and relationship satisfaction: A focus on neuroticism and self-esteem. *Journal of Research in Personality, 53*, 124-133.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. In *Advances in experimental social psychology, 25*, 1-65.
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. *Journal of personality and social psychology, 58*.
- Schwartz, S. H., Verkasalo, M., Antonovsky, A., & Sagiv, L. (1997). Value priorities and social desirability: Much substance, some style. *British journal of social psychology, 36*, 3-18.
- Schlösser, A. (2014). Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da Psicologia Positiva. *Pensando famílias, 18*, 17-33.
- Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2014). Contribuições de pesquisas brasileiras sobre o Amor e Relacionamentos Amorosos. *Temas em Psicologia, 22*, 795-808. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-10>.
- Schlösser, A., Camargo, B. V., & Teixeira, K. C. (2015). Representações sociais da beleza física e relacionamentos amorosos. *Interpersona, 9*, 1-18.
- Schmitz, A., Zillmann, D., & Blossfeld, H. P. (2013). Do women pick up lies before men? The association between gender, deception patterns, and detection modes in online dating. *Online Journal of Communication and Media Technologies, 3*, 52.

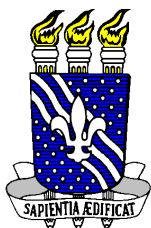
- Schweitzer, M. E., DeChurch, L. A., & Gibson, D. E. (2005). Conflict frames and the use of deception: Are competitive negotiators less ethical? 1. *Journal of Applied Social Psychology*, 35, 2123-2149.
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & dos Santos, M. A. (2017). Satisfação no Namoro e Bem-Estar Subjetivo: Associações com a Conjugalidade dos Pais. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 32.
- Seto, M. C., Khattar, N. A., Lalumière, M. L., & Quinsey, V. L. (1997). Deception and sexual strategy in psychopathy. *Personality and Individual Differences*, 22, 301-307.
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (2000). Marital satisfaction and spousal cost-infliction. *Personality and Individual Differences*, 28, 917-928.
- Silva, M. C. D. V. M. (2016). *História dos testes psicológicos: origens e transformações*. Vetor Editora Psico Pedagógica LTDA.
- Silva, I. B., & Nakano, T. D. C. (2011). Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. *Avaliação Psicológica*, 10, 51-62.
- Silva, L. A., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. D. (2017). Casamentos de Longa Duração: Recursos Pessoais como Estratégias de Manutenção do Laço Conjugal. *Psico-USF*, 22, 323-335. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712017220211>.
- Simpson, J. A., Fletcher, G. J., & Campbell, L. (2001). The structure and function of ideal standards in close relationships. *Blackwell handbook of social psychology: Interpersonal processes*, 86-106.
- Smith, M. E., Hancock, J. T., Reynolds, L., & Birnholtz, J. (2014). Everyday deception or a few prolific liars? The prevalence of lies in text messaging. *Computers in Human Behavior*, 41, 220-227.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed.

- Souza, L. E. C., Gouveia, V. V., Lima, T. J. S., & Santos, W. S. (2015). Questionários dos Valores Básicos–Diagnóstico (QVB-D): Evidências de Validade de Construto. *Psychology*, 28, 292-301.
- Stafford, E. (2015). The affects of lying (deception), snooping (intrusive behaviour) and cheating (infidelity) in a romantic relationship and their use between genders.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27, 313-335.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). Multivariate analysis of variance and covariance. *Using multivariate statistics*, 3, 402-407.
- Tamayo, A. (2007). Contribuições ao estudo dos valores pessoais, laborais e organizacionais. *Psicol. teor. pesqui*, 23, 17-24.
- Teixeira, M. L. M., Samiase, M. F., Janik, M., & Bilsky, W. (2014). Peculiaridades da estrutura de valores básicos dos brasileiros. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 14, 139-152.
- Tooke, W., & Camire, L. (1991). Patterns of deception in intersexual and intrasexual mating strategies. *Ethology and Sociobiology*, 12, 345-364.
- Torres, C. V., Schwartz, S. H., & Nascimento, T. G. (2016). A Teoria de Valores Refinada: associações com comportamento e evidências de validade discriminante e preditiva. *Psicologia USP*, 27, 341-356.
- Urbina, S. (2007). Fundamentos da testagem psicológica. Porto Alegre, RS: Artmed
- Uzefovsky, F., Döring, A. K., & Knafo-Noam, A. (2016). Values in middle childhood: Social and genetic contributions. *Social Development*, 25, 482-502.
- Valentini, F., & Damásio, B. F. (2017). Variância média extraída e confiabilidade composta: indicadores de precisão. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 32.

- Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Souza Filho, M. L. D., Sousa, D. M. F. D., & Jesus, G. R. D. (2004). Preconceito e intenção em manter contato social: Evidências acerca dos valores humanos. *PsicoUSF*, 9, 147-154.
- Vasconcellos, S. J. L., Santos, B. S., Morais, L., Ferraz, R. C., Freitas, P. O., & Silveira, J. F. (2016). Evidências de validade de uma escala para ansiedade em situações de mentira. *Avaliação Psicológica*, 15.
- Volmer, J., Koch, I. K., & Göritz, A. S. (2016). The bright and dark sides of leaders' dark triad traits: Effects on subordinates' career success and well-being. *Personality and Individual Differences*, 101, 413-418.
- Vrij, A. (2008). *Detecting lies and deceit: Pitfalls and opportunities*. John Wiley & Sons.
- Yoo, H., Bartle-Haring, S., Day, R. D., & Gangamma, R. (2014). Couple communication, emotional and sexual intimacy, and relationship satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 40(4), 275-293.
- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L. D., Cruz, R. M., Faggiani, R. B., & Natividade, J. C. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *PsicoUSF*, 9, 11-18.
- Wachelke, J. F. R., de Andrade, A. L., Souza, A. M., & Cruz, R. M. (2007). Estudo complementar da validade fatorial da Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamento e predição de satisfação global com a relação. *Psico-USF*, 12, 221-225.
- Wang, X., Xie, X., Wang, Y., Wang, P., & Lei, L. (2017). Partner phubbing and depression among married Chinese adults: The roles of relationship satisfaction and relationship length. *Personality and Individual Differences*, 110, 12-17.
- Weiser, D. A., & Weigel, D. J. (2016). Self-efficacy in romantic relationships: direct and indirect effects on relationship maintenance and satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 89, 152-156.

- Wilhelm, F. A., & Oliveira, M. D. (2011). Fatores indicados por casais que facilitam ou impedem o relacionamento conjugal satisfatório. *Revista Caminhos*, 2, 173-186.
- Woyciekoski, C., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2015). As contribuições da personalidade e dos eventos de vida para o bem-estar subjetivo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 30, 401-409.
- Wurst, S. N., Gerlach, T. M., Dufner, M., Rauthmann, J. F., Grosz, M. P., Küfner, A. C., & Back, M. D. (2017). Narcissism and romantic relationships: The differential impact of narcissistic admiration and rivalry. *Journal of Personality and Social Psychology*, 112, 280.
- Xie, J., Zhou, Z. E., & Gong, Y. (2018). Relationship between proactive personality and marital satisfaction: A spillover-crossover perspective. *Personality and Individual Differences*, 128, 75-80.
- Zeidner, M., & Kloda, I. (2013). Emotional intelligence (EI), conflict resolution patterns, and relationship satisfaction: Actor and partner effects revisited. *Personality and Individual Differences*, 54(2), 278-283.

Anexo I – Termo de Consentimento Livre Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CEP 58.051-900 – João Pessoa - PB
Tel.: 83 3216 7006 / Fax: 83 3216 7064
Página web: <http://vvgouveia.net>
E-mails: vvgouveia@gmail.com / olindina_neta@hotmail.com

Prezado (a) Colaborador (a),

Estamos realizando um estudo que visa conhecer pensamentos, sentimentos e comportamentos no âmbito de relacionamentos amorosos. Nesta direção, gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo a este questionário.

Por favor, leia atentamente as instruções e marque ou escreva a resposta que mais se aproxima com o que você pensa, sente e/ou faz, sem deixar quaisquer das questões em branco.

Para que você possa respondê-lo com a máxima sinceridade e liberdade, queremos lhe garantir o caráter anônimo e confidencial de todas as suas respostas. Contudo, antes de prosseguir, de acordo com o disposto na resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, faz-se necessário documentar seu consentimento.

Por fim, estamos à sua inteira disposição no endereço acima para esclarecer qualquer dúvida que necessite.

Desde já, agradecemos sua colaboração.



✂-----

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Assinando este termo, estou concordando em participar do estudo acima mencionado, sob a coordenação do Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia e execução da mestrandia Olindina Fernandes da Silva Neta, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social. Declaro, ainda, que estou ciente de que poderei deixar o estudo a qualquer momento, sem penalização, e que os dados fornecidos poderão ser utilizados com fins acadêmicos e científicos, apoiando publicações futuras, assegurando sempre meu anonimato.

João Pessoa, ____ de _____ de ____

Assinatura / Rubrica

Anexo II – Uso de Engano

INSTRUÇÕES. Por favor, leia as afirmações a seguir, que dizem respeito a como as pessoas interagem em seu relacionamento cotidiano. É importante que saiba que não existem respostas certas ou erradas, interessando conhecer como você pensa, sente e/ou age em seu relacionamento. Neste sentido, considerando a escala de resposta que segue, avalie em que medida concorda ou discorda com o que está sendo afirmado em relação a você especificamente, sem se importar com o que possam pensar os demais ao seu redor.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo	Não concordo, nem discordo	Concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

1. ___ Eu conto tudo ao meu (minha) parceiro (a), tanto coisas boas quanto ruins.
2. ___ Às vezes me pego mentindo para o (a) meu (minha) parceiro (a) sobre coisas que fiz.
3. ___ Às vezes minto para o (a) meu (minha) parceiro (a).
4. ___ Digo toda a verdade ao (à) meu (minha) parceiro (a), mesmo coisas que ele (a) não gostaria ouvir.
5. ___ Procuro esconder de meu (minha) parceiro (a) algumas coisas que fiz.
6. ___ Existem certas questões que tento esconder de meu (minha) parceiro (a).
7. ___ Eu tento enganar meu (minha) parceiro (a) sobre certas coisas.
8. ___ Quando não cumpro as expectativas de meu (minha) parceiro (a), digo-lhe sempre o que fiz.
9. Por favor, indique o número aproximado de vezes que você mente para o (a) seu (sua) parceiro (a) no decorrer de uma semana: ____.

Anexo III – Engano Percebido pelo Parceiro

INSTRUÇÕES. Nesta oportunidade queremos conhecer sua percepção acerca de seu (sua) parceiro (a). Desta forma, leia cada afirmação a seguir e indique o quanto concorda ou discorda com o que se indica, utilizando a seguinte escala de resposta:

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo	Não concordo, nem discordo	Concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

1. ____ Penso que meu (minha) parceiro (a) é muito sincero (a) comigo.
2. ____ Eu penso que meu (minha) parceiro (a) tenta me enganar.
3. ____ Eu penso que meu (minha) parceiro (a) esconde de mim algumas informações importantes.
4. Por favor, indique o número aproximado de vezes que você acha que seu (sua) parceiro (a) mente para você no decorrer de uma semana: ____.

Anexo IV – Engano e Busca de Verdade em Relacionamentos Amorosos

INSTRUÇÕES. Por favor, leia com atenção cada afirmação a seguir, tendo em conta o seu relacionamento atual. Saiba que não existem respostas certas ou erradas; queremos conhecer verdadeiramente como você sente, pensa e age com respeito ao seu relacionamento. Neste sentido, utilize a escala de resposta a seguir para indicar o quanto concorda ou discorda com o que está sendo dito, sem se importar com o que pensam as pessoas ao seu redor.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo	Não concordo, nem discordo	Concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

01. ____ Sou otimista acerca de meu relacionamento.
02. ____ Comumente analiso meu relacionamento.
03. ____ Eu sempre quero saber o que meu (minha) parceiro (a) sente e pensa a meu respeito.
04. ____ Procuro insistentemente explicar problemas em nosso relacionamento.
05. ____ Eu tento esquecer eventos negativos de meu relacionamento.
06. ____ Prefiro desfrutar da companhia de meu (minha) parceiro (a) em lugar de focar em coisas ruins.
07. ____ Esforço-me para entender meu relacionamento.
08. ____ Evito pensamentos negativos acerca de meu (minha) parceiro (a).
09. ____ Eu tento pensar positivamente sobre o meu relacionamento.
10. ____ Eu sempre vejo o lado positivo quando penso em meu relacionamento.
11. ____ Sempre quero saber o que meu (minha) parceiro (a) pensa acerca de nosso relacionamento.

Anexo V – Escala Fatorial de Satisfação em Relacionamentos de Casal

INSTRUÇÕES. Nesta oportunidade queremos que tenha em conta o seu relacionamento atual, indicando, de acordo com a escala de resposta a seguir, em que medida você concorda ou discordo com o que está sendo dito reflete a forma como você pensa, sente e age em relação ao (à) seu (sua) companheiro (a). Lembrando, não existem respostas certas ou erradas, interessando sua opinião pessoal, independente do que pensem os demais.

1	2	3	4	5
Discordo fortemente	Discordo	Não concordo, nem discordo	Concordo	Concordo fortemente

- 1.____Meu (minha) companheiro (a) e eu temos muitas ideias e interesses em comum.
- 2.____Considero meu (minha) companheiro (a) bonito (a).
- 3.____Meu (minha) companheiro (a) e eu temos interesses e expectativas compatíveis em relação ao nosso futuro profissional.
- 4.____Meu (minha) companheiro (a) é fisicamente atraente para mim.
- 5.____Meu (minha) companheiro (a) e eu gostamos de participar de atividades similares.
- 6.____A aparência de meu (minha) companheiro (a) NÃO é ideal para mim.
- 7.____Sinto muita vontade de envolver-me em situações de contato físico com meu (minha) companheiro (a).
- 8.____As situações de contato físico entre meu (minha) companheiro (a) e eu são muito prazerosas.

Anexo V – Dark Triad Dirty Dozen

INSTRUÇÕES. Usando a escala a seguir, por favor, indique o quanto cada uma das seguintes afirmações reflete como você normalmente se vê. Para tanto, escreva ao lado de cada frase o número que melhor representa sua opinião em relação a você mesmo.

1	2	3	4	5
Não me descreve	Descreve-me pouco	Descreve-me mais ou menos	Descreve-me bastante	Descreve-me totalmente

- 01.____ Costumo manipular os outros para conseguir o que quero.
- 02.____ Costumo usar enganações ou mentiras para conseguir o que quero.
- 03.____ Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero.
- 04.____ Costumo explorar outras pessoas para meu próprio benefício.
- 05.____ Eu tendo a ter falta de remorso.
- 06.____ Costumo não me preocupar com a moralidade de minhas ações.
- 07.____ Eu tendo a ser insensível ou indiferente.
- 08.____ Eu costumo ser cínico.
- 09.____ Eu tendo a querer que os outros me admirem.
- 10.____ Eu tendo a querer que os outros prestem atenção em mim.
- 11.____ Eu tendo a buscar prestígio ou status.
- 12.____ Costumo esperar favores especiais dos outros.

Anexo VI – Questionário dos Valores Básicos

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, escreva um número ao lado de cada valor para indicar em que medida o considera importante como um princípio que guia sua vida.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não importante	Não Importante	Pouco Importante	Mais ou menos Importante	Importante	Muito Importante	Extremamente Importante

- 01.____ **APOIO SOCIAL.** Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
- 02.____ **ÊXITO.** Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
- 03.____ **SEXUALIDADE.** Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
- 04.____ **CONHECIMENTO.** Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
- 05.____ **EMOÇÃO.** Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
- 06.____ **PODER.** Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
- 07.____ **AFETIVIDADE.** Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
- 08.____ **RELIGIOSIDADE.** Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
- 09.____ **SAÚDE.** Preocupar-se com sua saúde antes mesmo de ficar doente; não estar enfermo.
- 10.____ **PRAZER.** Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
- 11.____ **PRESTÍGIO.** Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
- 12.____ **OBEDIÊNCIA.** Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar seus pais, os superiores e os mais velhos.
- 13.____ **ESTABILIDADE PESSOAL.** Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planificada.
- 14.____ **CONVIVÊNCIA.** Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, religioso, esportivo, entre outros.
- 15.____ **BELEZA.** Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
- 16.____ **TRADIÇÃO.** Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
- 17.____ **SOBREVIVÊNCIA.** Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
- 18.____ **MATURIDADE.** Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

Anexo VII – Informações demográficas.

Por fim, queremos conhecê-lo (a) um pouco mais. Neste sentido, pedimos que responda as perguntas a seguir; lembrando que não é nosso intuito identificá-lo(a). Portanto, não assine ou coloque seu nome nesta parte.

1. Idade: _____ anos

2. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

3. Qual sua orientação sexual?

☐ Homossexual ☐ Heterossexual ☐ Bissexual ☐ Outra: _____

4. Religião? ☐ Católica ☐ Evangélica ☐ Espírita ☐ Não possui ☐ Outra: _____

5. Em que medida você se considera religioso? (Circule um dos números)

0	1	2	3	4
Nada Religioso				Totalmente religioso

6. Qual o status de seu relacionamento?

☐ Ficando / Nada sério ☐ Namorando ☐ Noivo ☐ Casado / União Estável

7. Há quanto tempo você está neste relacionamento? ____ Anos e ____ Meses

8. Caso não seja ainda casado (a) com esta pessoa, em sua opinião, qual a probabilidade de vocês virem a se casar ou estabelecer união estável? (Marque)

0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%

9. Você já traiu seu (sua) companheiro (a) atual?

☐ Sim ☐ Não

10. Em comparação com as pessoas de seu país, você diria que sua família é da classe socioeconômica:

1	2	3	4	5
Baixa	Média-Baixa	Média	Média-Alta	Alta